

Número de novos casos acompanhados pelo Núcleo de Atendimento a Vítimas subiu 66 por cento

Distrito de Beja com quase 180 denúncias anuais de violência doméstica

Pandemia e confinamento deixam vítimas “mais controladas” pelos agressores

6/7

Semanário
Regionalista
Independente

Diário do Alentejo

Sexta-feira
9 JULHO 2021
Diretor: Luís Godinho
Ano XC, N.º 2046 (II Série)
Preço: € 1,00

LGBTQI+ Alentejo
não é “especialmente
homofóbico”, mas “há muito
trabalho a fazer” | 10 e 16/17

GONÇALO CORDEIRO
Só tratamento “inovador” pode
ajudar rapaz de quatro anos,
portador de doença rara | 9

solução

Fábricas de bagaço de azeitona podem ter “os dias contados”. EDIA avança com unidades de recirculação de subprodutos. “Quando acabar o bagaço, acabam-se as fábricas”, diz técnico da empresa | 4

JOSE FERROLHO



OFERTA FORMATIVA
2021/2022

17 CTESP / 16 LICENCIATURAS
15 MESTRADOS / 4 PÓS-GRADUAÇÕES



IPBeja
INSTITUTO POLITÉCNICO
DE BEJA

ESCOLA SUPERIOR **AGRÁRIA**
ESCOLA SUPERIOR DE **EDUCAÇÃO**
ESCOLA SUPERIOR DE **SAÚDE**
ESCOLA SUPERIOR DE **TECNOLOGIA E GESTÃO**

IPBEJA, O TEU SONHO, O TEU FUTURO! WWW.IPBEJA.PT

EDITORIAL

Distrações

“A redução do consumo de combustíveis fósseis e o investimento nas energias renováveis constituem apostas ambiental e economicamente sustentáveis. São áreas em que o Baixo Alentejo tem enorme potencial”.

Há tipos distraídos. Ainda assim, poucos como John Archibald Wheeler, um norte-americano nascido em Jacksonville, na Florida, que trabalhou com Albert Einstein, tendo sido um dos pioneiros da teoria da fissão nuclear. Reza a lenda que o bom do Wheeler andava a trabalhar no projeto para desenvolver a bomba de hidrogénio quando, corria o mês de janeiro de 1953, deixou esquecida uma pasta com documentos na casa de banho do comboio onde viajava, a caminho de Washington. Por documentos entenda-se um conjunto de fontes e de detalhes técnicos sobre o desenvolvimento da bomba “h”. Não faltam teorias sobre o destino dos papéis, sendo que a mais certa deverá ser a mais simples: alguém olhou para os rabiscos, agarrou nas folhas e atirou-as fora. Vem a história a propósito de alguns Wheeler’s que circulam pelo espaço público, suficientemente distraídos com o acessório para se preocuparem com o essencial. Vamos a alguns exemplos. Primeiro: dizem as Nações Unidas que o mundo precisa de reduzir a produção de combustíveis fósseis em seis por cento ao ano para limitar o aquecimento global a 1,5°C, sendo que Inger Andersen, diretora executiva do programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, considera mesmo que os governos “devem aproveitar a oportunidade para direcionar as suas economias e sistemas energéticos para longe dos combustíveis fósseis, e construir melhor rumo a um futuro mais justo, sustentável e resiliente”. Um contributo importante nessa

transição para uma mobilidade sustentável é incentivar a disseminação dos veículos elétricos. Sucede que os carros elétricos, embora não emitam gases poluentes e estejam “adaptados ao futuro descarbonizado”, só funcionam com baterias de lítio. O problema é quando se torna viável a abertura de uma mina de lítio, possibilidade logo rejeitada por justas razões ambientais. Outro exemplo: provenientes de recursos da natureza capazes de se regenerar, sendo assim inesgotáveis, como o sol, o vento, a chuva ou as marés, as energias renováveis constituem uma aposta ambientalmente sustentável, na medida em que não geram grandes impactos, não emitem CO2, nem esgotam os recursos naturais. Segundo dados da Rede Elétrica Nacional (REN), entre janeiro e dezembro de 2019, 51 por cento da energia usada em Portugal foi renovável, colocando o País no ‘top’ mundial da incorporação de energias renováveis na produção de eletricidade, apenas ultrapassado pela Dinamarca, Uruguai, Irlanda e Alemanha. Boas notícias? Depende. Olhando para os indicadores estatísticos e para as prioridades ambientais são, de facto, boas notícias. Se o que estiver em causa for o acessório, como a instalação de uma central fotovoltaica num qualquer local perto de si, lá surgem inúmeros problemas e constrangimentos, de natureza ambiental ou paisagística. Poderia invocar muitos outros exemplos, mas o essencial é isto: todos perdemos quando nos focamos no acessório, deixando de lado o que verdadeiramente importa. A redução do consumo de combustíveis fósseis e o investimento nas energias renováveis constituem apostas ambiental e economicamente sustentáveis. São áreas em que o Baixo Alentejo tem enorme potencial. **LUÍS GODINHO**

EM DESTAQUE

“Todo o bagaço que vai para as fábricas não volta para o território. Quando acabar o bagaço, acabam-se as fábricas”.

David Catita, técnico da EDIA

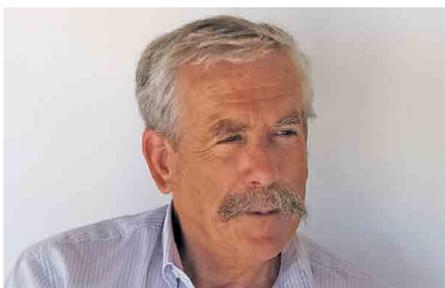
Página 4



JOSÉ LÚCIO PÚBLICA
“CRÓNICAS DO LIDADOR”

Página 32

3 PERGUNTAS A...



LUÍS PERES DE SOUSA

PROFESSOR DA ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA (IPBEJA)

O IPBeja fez, recentemente, uma demonstração do Cleanlight, Hand Trolley UV-C, equipamento para proteção fitossanitária da vinha. Quais as particularidades desta tecnologia que utiliza radiação ultra violeta (UV)?

O uso da tecnologia ultra violeta permite eliminar o oídio da videira. Este fungo desenvolve resistências aos tratamentos químicos, muito rapidamente. No entanto, esta evolução de adaptação aos ciclos naturais da luz e escuridão tornou o oídio vulnerável, pois a aplicação do UV-C, durante a noite, danifica o seu ADN, ficando os danos incapazes de serem reparados, pois durante o período noturno o fungo não recebe a luz azul, componente do espectro solar, necessária para reparar o ADN. Assim, uma pequena quantidade de luz UV, à noite, elimina o fungo sem prejudicar as videiras. Iremos também analisar o seu efeito noutros fungos, como o mildio, e nas pragas mais comuns da videira. Com esta tecnologia, que

pode ser montada em tratores ou robots, eliminamos a aplicação de enxofre na vinha, com impactos positivos na sustentabilidade. Estamos a estudar as doses de aplicação, assim como a sua periodicidade – estudo que se irá prolongar por mais três anos.

Poderá esta nova tecnologia vir a contribuir para a redução significativa do uso de pesticidas na agricultura?

Consideramos de fulcral importância a redução do uso de pesticidas na agricultura. Tendo em atenção os objetivos do Ministério da Agricultura, para o período 2020/2030, de aumento da produção biológica, no País, em 25 por cento, esta tecnologia permite obter vantagens para a sustentabilidade ambiental, biodiversidade e ecossistema, com redução dos impactos negativos dos pesticidas, menor compactidade dos solos e valorização do produto final, nos mercados nacional e internacional.

De que forma classificaria a capacidade de adesão, por parte dos agricultores

alentejanos, ao uso de novas técnicas de defesa fitossanitária e, consequentemente, a probabilidade de utilização deste novo equipamento?

A aplicação de tecnologias de precisão, a seleção e o melhoramento das variedades e o uso de bio estimulantes, na agricultura, poderá alavancar a tomada de decisão em reduzir o uso de pesticidas, nas culturas. Assim, estes procedimentos deverão ser estudados por consórcios nacionais e/ou internacionais de institutos politécnicos e universidades, associações de agricultores e outras organizações/entidades (Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária, Instituto da Vinha e do Vinho e Porvid-Associação Portuguesa para a Diversidade da Videira). Desta forma poder-se-á transferir para os agricultores soluções mais sustentáveis e responder, rapidamente, aos desafios de uma sociedade cada vez mais preocupada com a degradação dos ecossistemas e com a necessidade de produção de alimentos que utilize, progressivamente, menos pesticidas. **JOSÉ SERRANO**

IPSIS VERBIS



“Passado um ano continua tudo igual. Nem quilómetros, nem metros... nem as estradas nacionais, nomeadamente aquelas que ligam a este nó da A26 foram conservadas. De nada serviu o foguetório da altura”.

João Português presidente da Câmara de Cuba

Semanada

SEGUNDA-FEIRA, 5

GNR DESMANTELA ESTUFA COM PLANTAS DE CANÁBIS

A GNR deteve um homem, de 25 anos, por suspeitas de tráfico e cultivo de droga no concelho de Mértola, e desmantelou uma estufa com 540 plantas de cânabis. Segundo a GNR, durante uma ação de patrulhamento os militares verificaram que a chaminé de uma residência “emanava um odor a cânabis”, o que “despoletou uma abordagem” à habitação. “Foi possível apurar que a residência tinha sido transformada numa estufa”, a qual estava “distribuída por seis divisões da habitação, com um total de 540 plantas de cânabis com cerca de 1,5 metros de altura”.

SÁBADO, 3

TRÊS DETIDOS POR AGRESSÕES A TRABALHADORES

O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras revelou ter detido um homem de origem indostânica, de 26 anos, que é o terceiro suspeito capturado por presumível tráfico, agressões e exploração de trabalhadores agrícolas em Serpa. A operação envolveu a detenção, na zona da grande Lisboa, dos primeiros dois homens, de 33 e 53 anos, já com nacionalidade portuguesa, tendo um deles ficado em prisão preventiva e o outro com apresentações semanais às forças de segurança. Os homens foram detidos “por indício da prática do crime de tráfico de pessoas, consubstanciado na exploração de trabalhadores agrícolas, através de pressão psicológica, ameaças, agressões físicas e retenção de salários”.



FOTO DA SEMANA

O Centro de Arqueologia e Artes de Beja, composto por um edifício e uma zona anexa, onde foram descobertos vestígios do antigo fórum romano, abriu ao público no passado sábado, dia 3 de julho, após um investimento de quase três milhões de euros. “É um espaço com rés-do-chão, primeiro e segundo andares que dispõe de um espaço em anexo onde existem escavações arqueológicas”, explicou fonte da Câmara de Beja, indicando que o projeto foi financiado através do Fundo Jessica Portugal. A abertura do novo espaço foi assinalada com a inauguração da exposição “Cangiante – a partir da Coleção da Caixa Geral de Depósitos”, promovida pela Culturgest e pelo município. Por enquanto, “ainda não existe projeto de musealização” concluído para o novo equipamento cultural, mas o que o executivo camarário pretende é que o segundo andar seja destinado a “acolher as mostras temporárias” e seja dedicado “à arte contemporânea”, adiantou a mesma fonte.

CARTAS AO DIRETOR

ACERCA DE ANTUNES DA SILVA

MANUEL LEONARDO HORA NOVA

RECEBIDA POR EMAIL

Saibam quantos... Antunes da Silva (o nosso o Armando) nasceu em 1921. O outro, nascido em Coimbra também em 1921 e também antifascista e escritor tem, aparte a literatura, um percurso muito diferente. O nosso, aos 13 anos, saiu do curso comercial, foi trabalhar para um escritório e, posteriormente, foi publicitário como tantos colegas da escrita. Tem uma obra invejável em prosa e poesia. Nasceu em 31 de julho Há cem anos. Um centenário que devemos celebrar. Há uns anos, na comemoração dum aniversário da Casa do Alentejo, em conversa com o poeta

Eduardo Olímpio, falei-lhe no Antunes da Silva. Disse-me que ele tinha sido o seu “mestre”. Como sei que ele tem um panteão onde estão as pessoas que ele distingue, espero que tenha lá posto o Antunes da Silva. Estes homens não morrem, convivem connosco sempre que os lemos. Espero que os centenários dele sejam mais lembrados que os de Fialho de Almeida.

É PRECISO COMPREENDER...

MANUEL VARGAS

ALJUSTREL

A chegada de dinheiro proveniente da União Europeia com o intuito de

desenvolver o nosso País, a bom da verdade, sempre teve vozes contestatárias. Todavia, mais recentemente, a comissão europeia Elisa Ferreira foi perentória em dizer: “Portugal devia deixar de ser um País de coesão”. E, segundo a mesma, com tantos anos de apoio é penoso ver que somos, ainda, um dos países atrasados. Algo que, no meu entender não é plausível, embora possamos dizer que há outros países que souberam rentabilizar os fundos de coesão europeia de forma exemplar. Porém, surgem ainda algumas opiniões (...) neste contexto que pretendem menosprezar os progressos socioeconómicos ao dizerem que os referidos auxílios já mencionados não só não transformaram coisíssima nenhuma como têm sido obstáculo à ocorrência de verdadeiras transformações. Enfim,

é preciso compreender e respeitar a opinião de cada um, mas, perante as evidências dos factos e as necessidades do País em que vivemos, urge continuar a construir o nosso futuro coletivo.

As “Cartas ao diretor” devem indicar nome e contactos do autor. Não devem exceder os 1 500 caracteres e podem ser remetidas por email ou correio postal. O “Diário do Alentejo” reserva-se o direito de selecionar as cartas por razões de atualidade ou espaço e, sempre que ultrapassem o tamanho estabelecido, de as condensar.

ATUAL

Fábricas de compostagem do bagaço de azeitona podem ter “os dias contados”

EDIA assina protocolo com 18 entidades para a criação de unidades de recirculação de subprodutos

A Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva (EDIA), dando continuidade a um projeto que teve início em 2008 e retomado em 2019, assinou vários protocolos com entidades agroindustriais e agropecuárias da região com vista à criação de Unidades de Recirculação de Subprodutos de Alqueva (URSA).

TEXTO ANÍBAL FERNANDES

São 18 as empresas e associações que decidiram aderir ao protocolo para a transformação de subprodutos agrícolas, pecuários e agroindustriais de qualidade em matérias fertilizantes orgânicas estabilizadas, através de um processo de compostagem.

O documento, a que o “Diário do Alentejo” teve acesso, explica que “as atividades agrícolas, pecuárias e agroindustriais em desenvolvimento no Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EMFA) produzem quantidades significativas de subprodutos orgânicos, ricos em carbono, passíveis de transformação em fertilizante agrícola”. O seu aproveitamento, através do processo de compostagem, e posterior aplicação nos terrenos, reduz o uso de fertilizantes industriais e aumenta a capacidade de retenção de água e nutrientes, “possibilitando a sua utilização mais gradual pelas plantas, com redução das perdas por lixiviação e, consequentemente, das necessidades de fertilização mineral”.

David Catita, responsável da EDIA pelo projeto, diz que o processo está em marcha e que as empresas Olivimundo e a Rabadoa já formalizaram os respetivos pedidos de licenciamento junto da Câmara de Beja. As outras entidades são Vale Formoso (Granja), Esporão, Terras de Azeite, Paço do Conde, Olivum, Olivais do Sul, Olibest (Serpa), Nutrifarms (Oliveira da Serra), Moragri (Boavista), Maria da Guarda (Serpa), Innoliva, Herdade dos Grous, Comissão Vinhos do Alentejo, Associação de Produtores Agricultura Precisão (Elvas), Jerónimo Martins (Monte Trigo) e Casa Relvas (Vidigueira).

Para além destas unidades comunitárias, que estão disponíveis para receber material seco de outros produtores locais, a EDIA candidatou-se, no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR),



UMA REVOLUÇÃO

Para Fátima Moura, da Associação Ambiental Amigos das Fortes, em Ferreira do Alentejo, local onde existe uma fábrica de transformação do bagaço de azeitona, podemos estar perante “uma revolução”. “Se os olivicultores tomarem consciência da importância desta solução, muda tudo”. A ativista ambiental lembra que “o melhor azeite do mundo tem um lado negro” que é o impacto ambiental destas unidades industriais, nomeadamente, através da depreciação da qualidade do ar e das poeiras expelidas.

à construção de mais seis grandes unidades comunitárias em Serpa, Ferreira do Alentejo, Elvas, Pegões, Santarém e Mirandela.

As unidades particulares necessitam de um investimento entre 100 e 200 mil euros e são passíveis de ser apoiados financeiramente em cerca de 45 por cento. Já as unidades a criar pela EDIA custarão à volta de 500 mil euros. A diferença no investimento justifica-se com o facto das empresas já a laborar terem, em parte, maquinaria que pode ser utilizada no

processo. Quanto ao número de unidades a criar justifica-se por “o objetivo ser andar o menos possível com os subprodutos na estrada, de forma a reduzir a sua pegada ecológica”, explica David Catita.

O interesse pelo aproveitamento dos subprodutos da atividade agropecuária não é de agora. A EDIA já tem um histórico nesta atividade e, em 2008, chegou a liderar, na região, a Estratégia Nacional para os Efluentes Agropecuários e Agroindustriais. O sucesso foi relativo. Mas não foi tempo perdido. Os conhecimentos adquiridos e a constatação da realidade mostraram que “alguma coisa tinha de ser feita”.

Segundo estudos da EDIA a percentagem de matéria orgânica do solo no EMFA variam entre 0,7 e 1,0 por cento, muito abaixo daquilo que seria desejável (entre três e quatro por cento). O uso de adubos minerais em terrenos sem capacidade de retenção leva a que as massas de água superficiais (as albufeiras) e subterrâneas (os lençóis freáticos) absorvam água com mais nutrientes e sedimentos, o que vai provocar a degradação da qualidade da água e o aparecimento de plantas invasoras, com os custos acrescidos que isso significa quer para o EMFA, quer para os agricultores.

O protocolo refere que “teores de matéria orgânica inferiores a dois

por cento são suscetíveis de comprometer a fertilidade do solo. A matéria orgânica é um reservatório de nutrientes, designadamente de azoto e de fósforo e é a fonte de nutrição do microbioma do solo”, servindo também de “tampão às variações de acidez, alcalinidade e salinidade, bem como dos impactes provocados pela utilização de pesticidas e à toxicidade dos metais pesados”.

As unidades programadas irão produzir três a quatro vezes ao ano, aproveitando a sazonalidade dos subprodutos. Do olival virão a rama, as folhas e até o bagaço de azeitona; da vinha, a rama, o engajo e as massas vínicas; do milho, a palha; das pecuárias, os estrume e o chorume; das queijarias, as lamas; e, da agroindústria, os restos.

“Só a Olivimundo poderá reciclar 50 mil toneladas de bagaço e até chegar às 100 mil toneladas”, exemplifica David Catita, explicando que para “cumprir a curva térmica” o bagaço não pode exceder os 50 por cento. Isto assume particular importância se tivermos em conta os protestos por parte das populações em relação às fábricas de transformação do bagaço e aos impactos ambientais inerentes.

“Todo o bagaço que vai para as fábricas não volta para o território”, constata o técnico da EDIA,

acrescentando que “quando acabar o bagaço, acabam-se as fábricas”.

Antecipando algumas críticas que possam surgir devido ao encerramento destas unidades fabris, David Catita recorda que as novas unidades “também vão criar emprego” e que “existe mais emprego numa forma de exploração correta” promovendo a economia circular.

“A recirculação de subprodutos orgânicos no ciclo produtivo, reduzindo a depreciação do seu valor, representa o corolário da economia circular e uma utilização globalmente mais eficiente dos recursos, com menor importação de fatores de produção e limitação dos resíduos orgânicos produzidos”, lê-se no protocolo.

Gonçalo Almeida Simões, diretor-geral da Olivum, ressaltando que ainda estamos num período “experimental”, diz que pode ser um processo “interessante”, uma vez que neste momento o Alentejo não tem adubo suficiente para as suas necessidades e, no futuro, pode tê-lo, quer para os olivais, quer para outras culturas.

Do ponto de vista financeiro também é uma mais-valia pois “quanto mais bagaço ficar nos lagares, menos irá para a indústria” que cobra por essa entrega. A prazo, pode-se até pensar em tornar a produção do adubo produzido através da compostagem “em fonte de rendimento”.

E-REDES
Distribuição de Eletricidade



A proximidade
é o **fio condutor**
que nos liga.



Estamos em todas as regiões
do país para levar a energia
elétrica até sua casa.

APP E-REDES
Descarregue
grátis aqui



e-redes.pt

energia em rede

Apoio ao Cliente 8h-22h | Dias úteis | Custo da chamada definido
pelas condições do seu tarifário 808 100 100 ou 218 100 100
Avarias Elétricas 24h | Chamadas grátis 800 506 506
Leitura do Contador 24h | Chamadas grátis 800 507 507



O presidente da Câmara de Moura, Álvaro Azedo, está infetado com o vírus da covid-19 e apresenta “sintomas ligeiros a moderados” da doença, encontrando-se em confinamento. Fonte do município referiu que o autarca continua a trabalhar, mas “na modalidade de teletrabalho, através de meios informáticos”, uma vez que os sintomas que tem “não são impeditivos” de gerir a autarquia.

Em 2020 as três estruturas de atendimento a vítimas de violência doméstica do distrito de Beja registaram, no total, 179 novas denúncias. Enquanto numa se verificou uma subida, quase o dobro, as outras registaram uma diminuição. Quer uma situação, quer outra, poderão, em parte, ser justificadas pela pandemia de covid-19. No início de junho o Governo anunciou o reforço do apoio às vítimas de violência doméstica por causa dos “desafios impostos pela pandemia” e “do período de férias escolares e laborais que se aproxima”, lembrando que a casa nem sempre é um lugar seguro. A violência doméstica é crime público, podendo ser denunciado por qualquer pessoa ou entidade.

O Núcleo de Atendimento a Vítimas de Violência Domésticas do Distrito de Beja (NAV) acompanhou, em 2020, 74 novos casos de violência doméstica, mais 35 do que em 2019, ou seja, quase o dobro. Nos primeiros seis meses deste ano recebeu 29 novos casos. No total, incluindo os transitados, em 2019 foram acompanhadas 53 vítimas e, em 2020, 88. Nesses dois anos foram realizados 657 atendimentos. Entre janeiro e maio deste ano foram acompanhadas 34 vítimas e feitos 210 atendimentos.

Ana Lúcia Pestana e Patrícia Cardoso, respetivamente psicóloga e assistente social do núcleo coordenado pela Moura Salúquia – Associação de Mulheres do Concelho de Moura, dizem que “é difícil” tirar conclusões sobre a “flutuação do número de casos acompanhados”, dado que esta “se tem verificado também em outros períodos temporais”. Contudo, adiantam, se, por um lado, o aumento em 2020 poderá estar ligado ao facto de nesse ano ter sido retomado o atendimento descentralizado e a presença regular noutras concelhos da área do NAV, por outro, “existe também uma grande probabilidade de que os períodos de confinamento [devido à pandemia de covid-19] e os diversos fatores de ‘stress’ adicional tenham agudizado algumas situações de violência doméstica”.

De acordo com as técnicas do NAV – que abrange os concelhos de Beja, Barrancos, Alvito, Cuba, Mértola, Moura, Serpa e Vidigueira –, o que “era esperado, e para o qual nos preparámos, era, de facto, um aumento das situações de violência doméstica, à semelhança do verificado noutras países atingidos” pela pandemia. “Na prática, o número de denúncias formais diminuiu, mas isto não significa que a violência tenha diminuído, porque o confinamento e o isolamento fizeram com que fosse mais difícil pedir ajuda”, dizem.

As técnicas sublinham ainda que, segundo o Relatório Anual de Segurança Interna (IASI), entre 2019 e 2020, verifica-se “um decréscimo de denúncias apresentadas a nível nacional de 6,3 por cento”. No entanto, no distrito de Beja, “verifica-se um aumento de 3,2 por cento, o que representou um total de 320 denúncias”, sendo que o NAV “registou esta tendência de forma ainda mais significativa, quase duplicando em 2020 os números de 2019”.

“APENAS UMA FRANJA DA REALIDADE” Ainda assim, alertam, “difícilmente” os números que são divulgados pelas diversas estruturas com intervenção na área “correspondem à realidade”, dado que “muitas vítimas não recorrem a qualquer



Distrito de Beja regista 179 novas denúncias de violência doméstica em 2020 e 89 no primeiro semestre de 2021

vítimas

TEXTO NÉLIA PEDROSA ILUSTRAÇÃO SUSANA MONTEIRO

apoio e muitas mais não apresentam queixa”. E “há muitos fatores” que influenciam esta decisão. “Assim, apesar de significativos, os números das denúncias devem preocupar-nos visto que eles não representam a inexistência de situações de violência

mas sim a sua ocultação”.

Já em Odemira, único concelho do distrito de Beja na área de intervenção do GAVA – Gabinete de Apoio à Vítima, da Taipa – Organização Cooperativa para o Desenvolvimento Integrado,

verificou-se o inverso, ou seja, uma diminuição nos pedidos de apoio de 2019 para 2020, e os indicadores do primeiro semestre deste ano, comparativamente a anos anteriores, indicam a mesma tendência, diz Sara Horta, coordenadora da estrutura.



O NAV aguarda a aprovação de uma candidatura ao Portugal 2020 para iniciar “a disponibilização de um serviço de apoio psicológico a crianças e jovens vítimas de violência doméstica”, até aqui inexistente, que prevê a cobertura do território da Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo (Cimbal), unindo as várias entidades da Rede Nacional de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica.

Em 2019 o GAVA recebeu 48 novas denúncias; em 2020, 37; e, nos primeiros seis meses deste ano, 17.

Referindo-se ao mais recente RASI, em que “as denúncias pelo crime de violência doméstica em 2020 diminuíram em cerca de seis por cento”, e tendo em conta que “grande parte dos pedidos de apoio é encaminhada pelas forças de segurança no momento em que as pessoas apresentam denúncia”, a responsável afirma que “se pode inferir que esta diminuição poderá estar relacionada com isto: menos denúncias, menos pedidos”. E afirma que, “claramente, a pandemia teve, tem e continuará a ter impacto nestes casos”.

“As vítimas estão mais controladas pelas pessoas agressoras, ficaram, muitas delas, sem os seus fatores protetores, e os fatores de risco aumentaram em razão de uma maior convivência e proximidade com as pessoas agressoras, impostas pelo confinamento. Ter a coragem para denunciar que se é vítima, para algumas pessoas, pode ser um processo longo, muitas vezes de anos, ainda mais difícil se tornará se essa pessoa vive confinada com quem a maltrata, sem ter ponto de fuga, sem poder ir para o trabalho e privado do contacto familiar ou social”, justifica.

Em 2019 o GAVA acompanhou 63 pessoas, num total de 414 atendimentos; em 2020, 39 pessoas e 227 atendimentos. De janeiro a junho deste ano foram acompanhadas 31 pessoas e do início do ano até ao fim de maio realizados 123 atendimentos.

Ao gabinete VERA – Vítimas em Rede de Apoio, da Esdime – Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste, e que intervém nos concelhos de Aljustrel, Almodôvar, Castro Verde, Ferreira do Alentejo e Ourique, chegaram, no ano passado, 68 novas situações de violência doméstica, menos uma

PANDEMIA ATRASA AUTONOMIZAÇÃO DAS VÍTIMAS

A pandemia de covid-19 e o confinamento “têm dificultado não só processos burocráticos necessários à autonomização” das vítimas a residir numa das casas abrigo do distrito de Beja, como, “sobretudo, a sua inserção profissional, o que naturalmente atrasa o processo de apoio nesta importante vertente”, revelam os responsáveis, sublinhando que se verifica “um período maior de permanência na instituição”. A casa abrigo acolhe atualmente 22 vítimas. Em 2019 estiveram acolhidas 53 (24 mulheres e 29 crianças) e, no

ano passado, 46 (26 mulheres e 20 crianças). As vítimas acompanhadas em 2019 e 2020, tinham, em média, 41 anos, estavam, maioritariamente, acompanhadas de filhos menores e a relação com o agressor era de conjugalidade ou análoga. Quando a possibilidade de acolhimento “é discutida com a vítima, há também uma avaliação do risco que é feita tendo em conta essa questão geográfica, pelo que se procura fazer o acolhimento numa zona onde o agressor tenha menos acesso e/ou ligações, aumentando a segurança da vítima”.

do que em 2019. Entre janeiro e junho deste ano há registo de 43.

Marina Brito, coordenadora do gabinete, diz, por sua vez, que “os números sofrem sempre oscilações de ano para ano”, apesar de em 2020 e 2021 serem muito idênticos, “situação que não é muito comum”. Em relação a 2021, até ao momento, “verificou-se um ligeiro aumento face ao ano anterior, contudo não sabemos se é uma tendência que se irá manter ao longo do ano”, salienta.

No total, no primeiro semestre de 2021, foram atendidas 62 vítimas de violência doméstica. Entre janeiro e maio foram realizados 490 atendimentos. Em 2019 foram acompanhadas 117 pessoas, num total de 1541 atendimentos e, em 2020, 105 pessoas e efetuados 1129 atendimentos.

De acordo com a responsável, com os dados de que dispõem, não é possível fazer “uma correlação sobre aumento/diminuição global, em 2020, de novas situações e a pandemia”. “O que conseguimos dizer é que sempre que ocorreu um confinamento, com regras mais apertadas, onde existia o dever cívico de recolhimento, foram poucas as novas situações que surgiram nesse período. De igual forma as pessoas que se encontravam em acompanhamento recorreram menos ao serviço. Nesses períodos, os contactos telefónicos, quando não colocavam

as vítimas em maior risco, foram maioritariamente promovidos pela equipa técnica”. Sempre que se iniciava o processo de desconfinamento “as pessoas voltavam a retomar o habitual contacto com a estrutura e a procurar espontaneamente com maior frequência”.

Marina Brito sublinha, no entanto, que “esta menor procura não se justificará pela ausência de violência, mas sim por um eventual maior receio (quer do/a agressor/a, quer de uma possível infeção) na procura de apoio nessa fase”. E frisa, à semelhança das técnicas do NAV, que os casos acompanhados “serão apenas uma franja” da realidade. “Existe ainda muita violência oculta, por vergonha, por medo, por desconhecimento, por ausência de alternativas que a própria pessoa considere viáveis para si”, diz.

“Seria muito perigoso analisarmos estes dados sem os contextualizar”, alerta, por seu turno, Sara Horta, adiantando que “os últimos dois anos foram bastante atípicos devido à pandemia”. A coordenadora do GAVA acredita “que surgiram muitos mais casos, atendendo inclusivamente às vulnerabilidades que esta pandemia trouxe, quer ao nível do emprego, da gestão doméstica e familiar, aos fatores de stresse que desafiaram a estabilidade emocional e a saúde mental de todos nós”.

Perante este panorama, continua, “se já existiam alguns conflitos entre os casais ou entre os familiares antes da pandemia, mas ainda assim não eram vistos à luz da violência, com o confinamento estes conflitos encontraram o ‘terreno perfeito’ para evoluir e se instalarem num cenário de violência doméstica”.

EPISÓDIOS ACONTECEM FREQUENTEMENTE NA PRESENÇA DE MENORES Dos casos acompanhados no distrito alguns são reincidentes. “A violência doméstica é algo muito complexo, envolve dinâmicas muito próprias, que mantêm as pessoas na relação mesmo quando esta é abusiva”, diz a coordenadora do VERA. As técnicas do NAV acrescentam que a tendência da violência doméstica “é para a escalada em severidade, intensidade e frequência”. Assim, “não existindo uma intervenção efetiva e concertada que quebre o ciclo de violência, a probabilidade de reincidência é muito significativa”.

Em termos de perfil, a esmagadora maioria das vítimas é do sexo feminino. No caso do gabinete VERA, dados entre março de 2020 e fevereiro de 2021 indicam que tinham, maioritariamente, entre 20 e 60 anos, o 3.º ciclo e o secundário, 50 por cento encontravam-se empregadas, 40 por cento no desemprego e o agressor era o companheiro, ex-companheiro ou

marido. No NAV, segundo dados de 2020, a maioria tinha entre 45 e 54 anos, mantinha uma relação de casamento ou união de facto com o agressor, estava inserida no mercado de trabalho e tinha o ensino secundário. As mulheres acompanhadas pelo GAVA têm entre 26 e 45 anos, o 3.º ciclo, 50 por cento ocupação profissional e são vítimas dos companheiros ou ex-companheiros. No concelho de Odemira cerca de 20 por cento são de nacionalidade estrangeira.

O tipo mais relatado de violência perpetrada, em duas das estruturas, foi a combinação de agressões físicas e psicológicas, cometidas, no caso do NAV, “na maioria dos casos, com uma regularidade semanal”. As técnicas no núcleo sublinham que, em muitos casos, “verificou-se um agravamento nas situações de violência, o que pode ser explicado de várias formas”. Se, por lado, como já referiram, a tendência da violência é agravar-se, por outro, “a pandemia e o confinamento promoveram mais e maiores períodos de isolamento social e contacto entre vítimas e agressores, o que pode influenciar também este aspeto”.

Segundo a coordenadora do VERA, “os episódios de violência psicológica, na esmagadora maioria, ocorrem diariamente”. Quanto aos de violência física, “não é possível identificar um padrão que seja comum à maioria das pessoas acompanhadas”.

No GAVA o tipo de violência mais assinalado “é a psicológica, quase na totalidade dos casos, seguida da física”, diz a coordenadora.

Os episódios acontecem, maioritariamente, segundo as três estruturas, na habitação familiar e, frequentemente, na presença dos filhos menores, “o que tem naturalmente impacto nestas crianças e representa legalmente um agravamento da moldura penal”, realçam as técnicas do NAV.

Sensibilização e informação “são fundamentais no interior alentejano”

Para além do atendimento e acompanhamento das vítimas, que poderá incluir apoio psicológico, social e jurídico, assim como encaminhamento para outras respostas, as estruturas do distrito de Beja desenvolvem, entre outros projetos, ações que visam a sensibilização e informação de diferentes públicos, nomeadamente, sobre a violência doméstica e problemáticas associadas, um trabalho considerado de extrema importância.

Procura-se “não só prevenir esta problemática, como capacitar a rede para uma intervenção mais ajustada

e potenciadora dos recursos existentes”, explicam as técnicas do NAV. E dizem que o balanço “é extremamente positivo, não só pelo número de pessoas abrangidas, mas, sobretudo, pelo impacto nas mesmas em termos de conhecimento, informação e desenvolvimento de competências”.

“Um dos grandes desafios nesta área é a normalização e banalização da violência doméstica, muitas vezes olhada como uma questão íntima e respeitante às pessoas envolvidas ou até como uma consequência lógica e aceitável em determinadas situações”, dizem, frisando que “é fundamental

combater estas ideias e reconhecer a violência doméstica como um atentando aos direitos humanos”.

A coordenadora do VERA considera, por sua vez, que “a sensibilização e informação nestes temas é fundamental num território do interior alentejano, onde muitas vezes a cultura dominante, sobretudo, nos meios mais isolados, é de que a violência doméstica ainda é algo do seio familiar e onde não se deve ‘meter a colher’”. Só numa sociedade menos tolerante à violência e punitiva com os/as agressores/as podemos dar às vítimas a confiança para procurar

apoio”. E defende: “É necessária uma intolância social à violência doméstica ao invés da normalização a que muitas vezes se assiste. É necessária uma comunidade que compreenda que as vítimas, muitas vezes, regressam à relação, que isso é esperado, que faz parte do processo, e que, para que consigam sobreviver, precisam de uma comunidade que não as julgue, condene, e que esteja disposta a compreender a complexidade das suas vidas”.

“Entendemos que a importância destas ações [de sensibilização] não reside só na partilha de informação

sobre o problema. Estas ações ambicionam um mudar de perspetiva para as questões de género, porque é precisamente nesta relação desigual entre homens e mulheres que assenta a violência”, afirma ainda a coordenadora do GAVA. E conclui: “Temos que incluir os direitos humanos na nossa ementa familiar todos os dias. E dar voz para que ela se instale também no segundo espaço de socialização mais importante da vida de uma criança ou jovem, que é a escola. O esforço só pode ser conjunto, tratando-se de um fenómeno multifacetado”.

BE QUESTIONA GOVERNO SOBRE CENTRAL SOLAR

O Bloco de Esquerda (BE) questionou o Governo sobre os impactos do projeto da central fotovoltaica de Cercal do Alentejo, considerando que a aposta na energia solar “carece de planeamento estratégico” e que “os impactes ambientais negativos” decorrentes deste projeto “serão consideráveis” nas diversas fases da sua construção. “Extensas áreas de solos produtivos para culturas agrícolas e pastoreio ficarão inutilizadas para dar lugar à central fotovoltaica” de Cercal do Alentejo, lê-se no documento, segundo o qual “a desflorestação, desmatamento e decapagem provocarão impactes negativos nos solos, ‘habitats’ e flora, favorecendo o processo erosivo e danificando ecossistemas ribeirinhos e áreas de montado”

MOURA COM CANDIDATURAS A FUNDO DE EMERGÊNCIA

A Câmara de Moura decidiu prolongar até 30 de setembro o prazo para apresentação de candidaturas ao Fundo Municipal de Emergência Empresarial, devido à pandemia de covid-19. “Este mecanismo de apoio funcionará enquanto incentivo financeiro extraordinário que pretende assegurar a fase de normalização da atividade das empresas cuja atividade tenha sido gravemente afetada” pela pandemia, refere o município. Poderão ser beneficiários empresários em nome individual ou sócios gerentes de sociedades comerciais e que desenvolvam a sua atividade nas áreas obrigadas a encerrar no período de tempo em que esteve em vigor o estado de emergência e cujo volume de negócios seja inferior a 100 mil euros.

CAMPANHA SALVA 15 NINHOS DE ÁGUIA-CAÇADEIRA

Quinze ninhos de águia-caçadeira (*Circus pygargus*) foram salvos na Zona de Proteção Especial (ZPE) de Castro Verde, graças a uma campanha promovida pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), através dos serviços do Alentejo, em colaboração com o Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, da Universidade do Porto. Segundo o ICNF, “com o objetivo de conseguir conciliar o corte de searas com a proteção dos ninhos”, foram contactados, durante o mês de junho, 26 agricultores cuja ação, em estreita colaboração da Liga para a Proteção da Natureza, “permitiu identificar a localização de ninhos, marcação e monitorização de crias e instalar proteções contra predadores”.

Hospital de Serpa garante urgências

Unidade de saúde reconhece dificuldade em assegurar escalas

O serviço de urgência avançada do Hospital de São Paulo em Serpa já não vai encerrar, este mês, ao contrário do que chegou a estar previsto.

TEXTO MARTA LOURO

A certeza foi deixada ao “DA” por Maria Isabel Esteves, presidente do conselho de administração do hospital. Segundo a mesma responsável, a Santa Casa da Misericórdia de Serpa, que desde 2015 gere esta a unidade hospitalar, “tem procurado cumprir o seu compromisso tal como está protocolado, mas têm-se deparado, principalmente nesta altura, com alguma dificuldade em concluir turnos de escala”. Para este mês chegou a estar previsto o encerramento da urgência durante sete dias, no período noturno.

“Entendemos por bem passar [à comunidade] a informação do grau de dificuldades com que nos temos deparado, mas isso não quer dizer que exista encerramento. Conseguimos junto dos nossos parceiros encontrar uma solução para o problema que já está resolvido e ultrapassado”, garante a responsável.

De acordo com Maria Isabel Esteves, a situação verificada no passado dia 30 de maio foi “atípica e inesperada”, tendo decorrido da “indisponibilidade médica, o que fez com que não conseguíssemos assegurar o serviço de urgência no Hospital de São Paulo”.

“Foi uma situação atípica”, prossegue, “da qual temos conhecimento e assumimos até ao dia de hoje. Decorreu de um conjunto de fatores que criaram constrangimentos, mas para a qual foram criados todos os esforços para colmatar o problema. Prestamos um serviço público que queremos continuar a assumir-lo”.

Na origem do problema está a “dificuldade” ao nível da contratação de pessoal. “Quando falamos em recursos humanos e eles não existem, é porque a nossa impotência, por vezes, é realmente grande para colmatar esse problema, mas estamos cá e continuaremos a estar para dignamente fazer chegar a quem precisa o serviço de urgência avançada do Hospital de São Paulo, em Serpa”.

Para a Comissão de Utentes de Serviços Públicos do Concelho de Serpa, o encerramento noturno do serviço de urgência seria “inaceitável” tendo em conta a situação pandémica que o País atravessa e o facto de se tratar de um “serviço de proximidade que tem de forma obrigatória estar funcional durante 24 horas, sete dias por semana”.

A Comissão de Utentes “exige que sejam criadas condições dentro do Serviço Nacional de Saúde (SNS), para que seja garantida a continuidade em permanência do serviço, em causa”, já que, “há um mês se verificou a fragilidade” existente nas urgências. “Este serviço funciona há anos neste hospital e a verdade é que no tempo da gestão pública não recordamos qualquer episódio deste género. No último ano, sob a alçada desta administração, vai sendo recorrente o fecho momentâneo da urgência. Consideramos que devem ser encontradas soluções rapidamente para que não volte a acontecer, o SNS não pode parar e em última instância deve o Governo garantir o funcionamento da urgência, no limite assumindo a gestão direta da mesma por meio dos serviços competentes para isso”, defendem os utentes.

Recorde-se que, para além do encerramento em maio, também em fevereiro o serviço de urgência esteve encerrado, perto de uma semana, devido a um surto de covid-19, que surgiu uma semana depois de todos os profissionais daquela unidade hospitalar terem sido vacinados contra a Sars-CoV-2. O foco foi detetado no piso 1, na Unidade de Convalescença e de Cuidados Paliativos.

Os 15 Centros EUROPE DIRECT em Portugal
CONSULTE especialistas em assuntos europeus
INFORME-SE acerca da UE
PARTICIPE na discussão sobre o futuro da UE

EUROPE DIRECT

MINHO
europedirectminho@ipca.pt
253 802 201

ÁREA METROPOLITANA DO PORTO
europedirectamp@cm-paredes.pt
255 776 119

REGIÃO DE COIMBRA E DE LEIRIA
europedirect@cim-regiaodecoimbra.pt
239 795 207

OESTE, LEZÍRIA E MÉDIO TEJO
info@europedirectolt.pt
262 085 044

ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA
europedirect.aml@adrepes.pt
212 337 933

MADEIRA
europedirect@aigmadeira.com
291 635 113

TÂMEGA, SOUSA E ALTO TÂMEGA
europedirect@profisousa.pt
916 096 155

BRAGANÇA
europedirectbraganca@ipb.pt
273 303 282

REGIÃO BEIRA INTERIOR
europedirect-fundao@epfundao.edu.pt
927 354 518

ALTO ALENTEJO
europedirect@ipportalegre.pt
245 301 509

ALLENTEJO CENTRAL E LITORAL
europedirect@adral.pt
266 769 159

BAIXO ALENTEJO
europedirect@adpm.pt
286 610 008

ALGARVE
europedirect@cldr-alg.pt
289 895 272

AÇORES
geral@europedirect-acores.pt
295 214 005

co-financiado pela



O Centro de Vacinação Covid-19 de Beja passou a funcionar, desde a passada terça-feira, no Pavilhão dos Sabores no Parque de Feiras e Exposições da cidade, sendo a entrada dos utentes feita pelo portão principal. Segundo a Ulsba, no caso dos utentes com mobilidade reduzida que sejam transportados por terceiros, a entrada é feita pelo portão junto à Rotunda do Pastor, “tendo acesso a estacionamento junto ao pavilhão onde se realiza a vacinação”.

Tratamentos intensivos e terapia têm estado a resultar, mas as despesas são muitas e a família apela à solidariedade para que Gonçalo Cordeiro “possa ser um pouco mais autónomo”. Nascido há quatro anos, sofre de uma doença rara ainda não diagnosticada.



Doença de Gonçalo Cordeiro continua por diagnosticar. Família aposta em tratamento inovador, mas as dificuldades são muitas

Luta

TEXTO LUÍS MIGUEL RICARDO

Gonçalo Cordeiro nasceu a 2 de janeiro de 2018, de cesariana, no hospital de Beja, após lhe ser detetada uma frequência cardíaca preocupante. Passou os primeiros dias de vida no ser-

viço de neonatologia, numa incubadora, e, após um episódio de convulsão, foi transferido para o hospital de Dona Estefânia, com um prognóstico de sobrevivência muito reservado. Realizou vários exames,

uns despistaram patologias, outros detetaram-lhe algumas carências, mas nenhum explicou as descidas de saturação de oxigénio e de frequência cardíaca que aconteciam constantemente.

O caso foi noticiado pelo “DA” em agosto de 2020. Aos 31 meses, altura da reportagem, ainda não tinha um diagnóstico da doença, não se sentava, não andava, não falava e não comia pela boca. Por essa altura, os pais “desencantaram” uma janela de esperança para a melhoria do filho. “É um programa com dois métodos: o ‘pediasuit’ e o ‘padovan’, mais a terapia da fala. Este tratamento consiste em melhorar a condição física motora, a sua postura e promover que tenha a possibilidade de gatinhar e vir a andar”, explicou a mãe, Rute Caleiro, no final do primeiro dos três tratamentos intensivos.

Volvidos 10 meses, o diagnóstico da doença ainda continua por encontrar, mas a sua persistência e resiliência de Gonçalo Cordeiro, agora com quatro anos, aliadas às terapias, vão-lhe transformando a vida, a pouco e pouco. “Verificamos um Gonçalinho mais desenvolvido e com iniciativa para querer fazer mais, para trabalhar mais”. Um esforço que começa a dar os seus frutos.

“Iniciamos estes tratamentos há precisamente um ano. Há um ano, o Gonçalinho não se sentava, hoje já se senta. O Gonçalinho não mandava beijinhos e hoje já o faz. Sabe pedir o que quer através de gestos, tem uma força de vontade incrível. Se já antes tínhamos a convicção de que ia conseguir andar e conseguir ser um pouco mais autónomo, hoje temos a certeza. Embora ainda não coma pela boca, porque em termos de saúde ainda não é seguro, já tem uma abertura de boca muito melhor e tem o incentivo de levar os alimentos à boca”, acrescenta Rute Caleiro. “Agora”, prossegue, “tem de aprender a deglutir, o que será sempre um processo muito longo. O controlo da cervical está muito melhor, a cabeça já a controla e consegue ter uma postura muito mais reta. Ainda falta adquirir muita força no tronco e toda a zona posterior, porque ele ainda não tem a força e coordenação suficientes para se aguentar e suportar o peso do corpo. Temos muito trabalho ainda pela frente para que consiga adquirir o controlo total”.

Esse trabalho, sublinha a mãe, traduz-se em múltiplos

tratamentos, quase sempre em instituições de saúde privadas e suportados pela família. “Os tratamentos intensivos são realizados de cinco em cinco meses e têm um valor de oito mil euros, cada um. Somos também seguidos através da intervenção precoce, com uma sessão semanal de terapia da fala e outra de fisioterapia. Tudo o resto é feito no privado: duas sessões de fisioterapia, duas sessões de terapia ocupacional, duas sessões de terapia da fala e uma sessão de hipoterapia, tudo com uma periodicidade semanal”.

Segundo revela, trata-se de um “apertado” plano terapêutico, que é preciso seguir para que “não existam regressões” na evolução do estado de saúde. “Não pode parar. Por isso, todas as semanas, em Beja, tem as terapias de manutenção, que equivalem a um valor mensal de cerca de 830 euros”. Concluída uma etapa, mas com muitas outras ainda por percorrer, o foco seguinte e mais persistente passa pelo “controlo da cervical”, até que Gonçalo Cordeiro consiga “ganhar a força suficiente para suportar o peso do corpo” pois “só com esse controlo é que podemos apostar no andar e numa maior autonomia”.

O próximo tratamento intensivo está marcado para uma clínica privada, em Braga, nos próximos meses de novembro e dezembro. Para que possa ser uma realidade, e a exemplo do que sucedeu com os anteriores, a família continua a contar, essencialmente, com a ajuda e generosidade da população. “Temos solicitado outras ajudas, mas o maior apoio é da população que nos ajuda com as tampinhas e com algum apoio monetário, que nos tem sido bastante importante. As tampinhas de plástico e as caricas de metal, são fundamentais e podem ser deixadas nos nossos pontos de recolha, como nos bombeiros de Beja e em outros pontos espalhados pelo País”, refere a mãe, apelando à solidariedade das empresas e instituições locais: “É muito dinheiro e nós não conseguimos suportar todas essas despesas com os nossos rendimentos. Ficamos gratos com tudo o que nos chegar. O nosso menino é tudo e por ele não podemos parar”.

PUB





A Câmara de Odemira criou uma plataforma digital de aprendizagem para alunos do pré-escolar e do 1.º ciclo do ensino básico, com conteúdos dinâmicos e interativos sobre as diversas disciplinas. “Trata-se de um ‘software’ educativo que irá permitir um salto qualitativo no ensino básico”, potenciando “a aprendizagem, a cooperação e a partilha”, indica a autarquia. A nova plataforma deverá entrar “em total funcionamento” em setembro, no início do próximo ano letivo.

Não sendo a Arruaça “uma associação de matriz LGBT”, quis, contudo, dar o seu contributo no sentido de preencher “a lacuna existente na promoção da pluralidade sexual e de género” na região, assinalando, pela primeira vez, no último sábado, o orgulho Lgbtqi+ no Baixo Alentejo.

TEXTO NÉLIA PEDROSA

“Nã vemos o Alentejo como um sítio especialmente homofóbico, ou transfóbico, mas há muito trabalho para fazer”. Quem o diz é Nádía Mira, vice-presidente da Arruaça, associação que assinalou, pela primeira vez, no último sábado, em Beja, o orgulho Lgbtqi+ no Baixo Alentejo, com uma exposição, uma conversa sobre inclusão e um concerto com o Fado Bicha, num evento apelidado de Beja Pride.

“Obviamente que existe discriminação, mas não digo que exista mais no Alentejo ou no Baixo Alentejo do que existe noutras partes do País. Nós temos uma sociedade muito heteronormativa e absolutamente binária, em que o homem médio é descrito como um heterossexual que se enquadra numa das aceções binárias de género e nós temos uma realidade que é muito diversa dessa”, reforça.

Não sendo a Arruaça “uma associação de matriz LGBT”, sublinha a responsável, quis, contudo, dar o seu contributo no sentido de preencher “a lacuna existente na promoção da pluralidade sexual e de género” e mostrar “Beja como uma cidade inclusiva e diversa”. Até porque no Baixo Alentejo, continua Nádía Mira, não existem “intuições de carácter declaradamente LGBT, nem representação de outras estruturas, como a Associação ILGA Portugal – Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo, a Rede Ex Aequo – Associação de Jovens Lgbt e Apoiantes ou a Amplos – Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual e Identidade de Género”.

E, sobretudo, em “tempos de pandemia”, em que a comunidade LGBT, “sendo uma comunidade fragilizada, é mais fácil perder o acesso a determinados direitos, achámos que fazia sentido reafirmá-los nesta altura”, diz ainda a vice-presidente, alertando para o facto de haver, em termos gerais, dentro da comunidade LGBT, pessoas que são “especialmente discriminadas”, designadamente, da comunidade transexual, sendo “uma luta que ainda tem muitos passos para dar”. E continua: “Há um exemplo muito gritante



Alentejo não é “especialmente homofóbico”, mas “há muito trabalho a fazer”

Associação Arruaça assinalou, em Beja, orgulho LGBT no Baixo Alentejo

no que respeita ao acesso a determinados cuidados de saúde na comunidade transexual, que é muito complexo. E nós temos de olhar para esses casos, não como sendo uma franja da sociedade, mas como pessoas que necessitam de uma resposta que é essencial e indispensável para a sua saúde. Isso é só um exemplo do que continua a não ser feito: ajustar um serviço de saúde a pessoas que têm necessidades que são diferentes”.

Para Nádía Mira, a

“representatividade na sociedade” é fundamental para quebrar preconceitos. “[É essencial] as pessoas perceberem que nós existimos e que somos pessoas exatamente iguais a elas que nasceram assim. Respeitar o outro independente da sua orientação sexual ou da sua identidade de género. As pessoas, às vezes, têm medo daquilo que não conhecem e acho que no Alentejo acontece muito isso, mas a partir do momento em que são confrontadas com essa realidade,

e que começam a conhecer, facilmente se desfazem preconceitos”.

A Beja Pride deverá ter a sua segunda edição no próximo ano, mantendo o mesmo conceito – arte, diálogo e festa, “pilares” considerados “importantes” na luta pelos direitos da comunidade LGBT. “Gostamos muito de ver a arte como um instrumento de luta, achamos importantíssimo o diálogo para desconstruir preconceitos e a celebração [do orgulho] também tem de ser sempre uma

feita. Serão sempre esses três pilares que estarão na base das iniciativas futuras, sem prejuízo de se acrescentarem novas iniciativas que poderão ser pensadas, dependendo da evolução do estado da pandemia e das condicionantes que tivermos em cada uma das edições”, explica Nádía Mira, adiantando que as atividades levadas a cabo no último sábado, que respeitaram as normas e orientações relativas à covid-19, “esgotaram”.

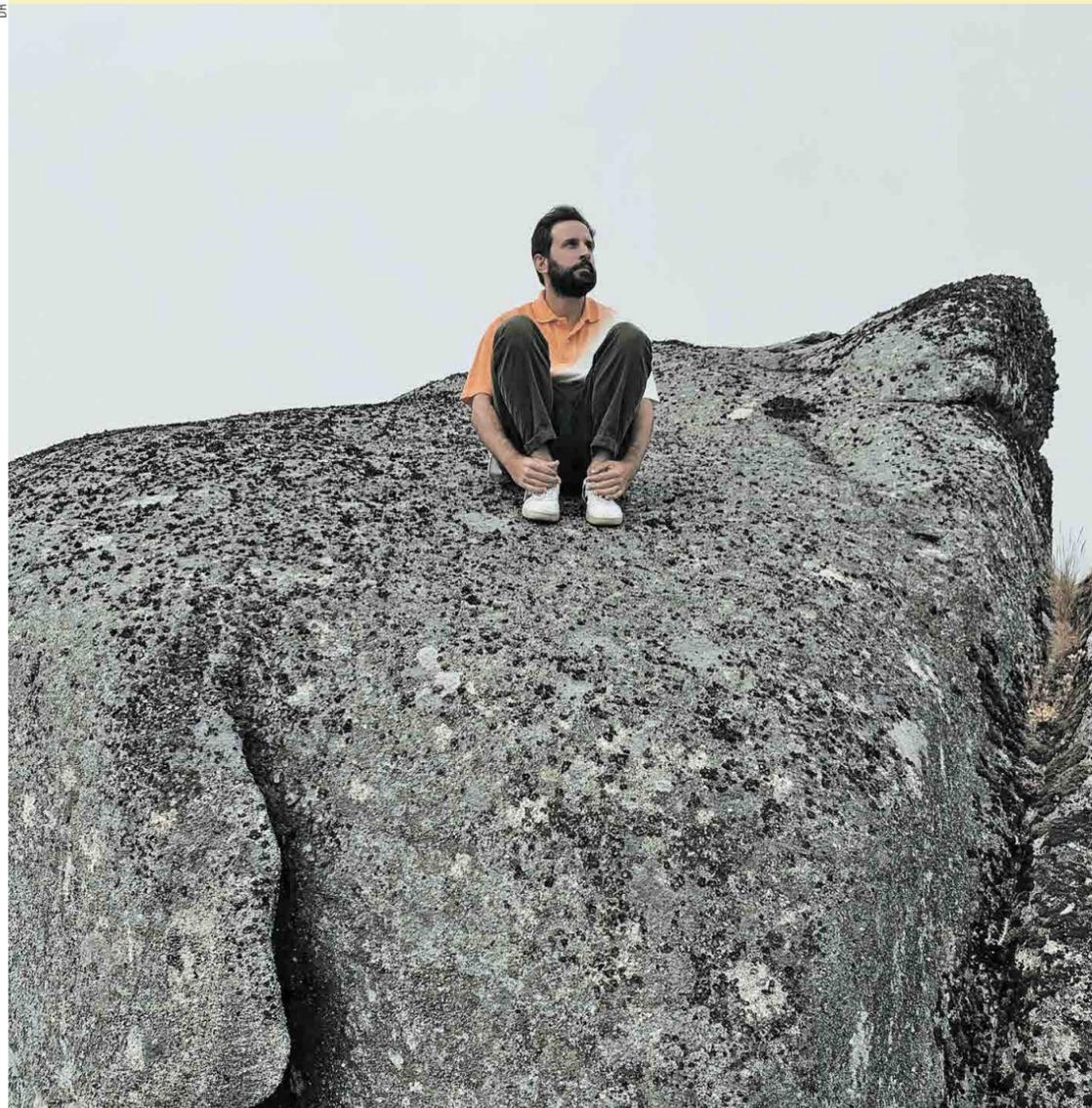
“O feedback foi ótimo e o facto de as pessoas aparecerem e quererem muito estar presentes, mesmo algumas que não puderam, e porque a lotação também era limitada, faz-nos sentir que era mesmo necessário que este evento existisse”.

A organização contou com o apoio da Câmara Municipal de Beja, das duas uniões das freguesias de Beja – Santiago Maior e São João Baptista e Salvador e Santa Maria da Feira, do Centro Unesco para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial de Beja, do Instituto Português do Desporto e Juventude e do Projeto EntreMarias.

PARLAMENTO RECOMENDA AO GOVERNO MAIS ESTRUTURAS DE APOIO

O parlamento aprovou, na semana passada, um texto final relativo a três resoluções do BE e das deputadas não inscritas Joacine Katar Moreira e Cristina Rodrigues que recomendam ao Governo a criação de estruturas de apoio para as pessoas Lgbtqi+. O texto foi aprovado em sessão plenária com os votos contra do CDS-PP e Chega e abstenções de PSD e Iniciativa Liberal. O parlamento recomenda ao executivo que “promova a criação de estruturas de apoio multissetorial de âmbito local para apoio a pessoas Lgbtqi+ que se encontrem em situação de fragilidade

económica ou social” e que proceda à “capacitação de técnicos especializados para o acompanhamento e tratamento das dificuldades e impedimentos sentidos” por estas pessoas “na procura de emprego, de habitação, na prestação de cuidados de saúde e de apoio psicológico, social e jurídico”. Nádía Mira diz que tem sido feito “um caminho legislativo importante nos últimos anos para a proteção das pessoas LGBT, falta, depois, colocar em prática, e depois vemos coisas como, até há pouquíssimo tempo, os homossexuais ainda eram impedidos de dar sangue”.



Serpa acolhe mais uma edição das Noites na Nora

Castelo junta-se ao Parque Desportivo e ao Espaço da Nora como palco do evento

De hoje, dia 9, a 24 de julho está em cena em Serpa mais uma edição do Noites na Nora. Este ano, ainda com os constrangimentos que a pandemia impõe, mas com um novo espaço ao ar livre: o castelo.

Moullinex, o músico e produtor Luís Clara Gomes, é quem, hoje, às 22:00 horas, no parque desportivo de Serpa, vai dar o pontapé de saída à 22.ª edição do Noites na Nora (NNN). Marco Ferreira, programador do evento organizado pelo grupo de teatro Baal 17, disse ao “Diário do Alentejo” que, à semelhança do que aconteceu em 2020, aproveitaram as restrições impostas pela situação de pandemia em que vivemos “para sair do espaço da Nora”.

Assim, depois de no ano passado o parque desportivo ter feito parte do roteiro do festival, este ano é o castelo que aparece, com teatro e novo circo no cartaz. O tradicional espaço da Nora será palco apenas do concerto da Silly – uma filha da terra – amanhã, dia 10, mas estará aberto para várias tertúlias

culturais com o número de presenças limitado a 60.

Apesar de ainda “haver algum receio” por parte dos espectadores, a organização já recebeu algumas reservas, revela Marco Ferreira que aconselha, quem estiver interessado em assistir aos espetáculos a fazê-lo antecipadamente, recorrendo ao email reservasnora@gmail.com.

A organização diz que “passado um ano continuamos a usar máscara, a manter o distanciamento e a desinfetar as mãos vezes sem conta. Mas continuamos cá, a promover a arte e a cultura como celebração da vida. E é possível fazê-lo com alegria e com sorrisos (mesmo que seja por detrás de uma máscara), com segurança mas sem frieza”.

Assim, de quarta a sábado, o castelo, o parque desportivo e o Espaço Nora, serão palco para espetáculos de teatro, novo circo, música e tertúlias culturais. Há ainda a acrescentar o cineteatro municipal, local escolhido para a realização de ‘workshops’ para jovens pelo Teatro Lobby, o primeiro na passada quarta-feira, e o segundo amanhã, sábado, dia 10.

Participam ainda, na música, Dada Garbek (dia 17, no parque desportivo); Sara Correia e Luís Trigacheiro (dia 24, parque desportivo), sempre às 22:00 horas.

Nas artes performativas destacam-se, no dia 14, o Teatro das Beiras, com “Nosocómico”; dia 15, o Projeto Ruínas, com “Zona”; dia 16, Baal17, com “Passadeira Vermelha”; dia 21, Asta, com “Máquina de Encarnar”; dia 22, Coletivo Cal e Sociedade Harmonia Eborense, com “Atores de Boa Fé”, todos também às 22:00 horas, no castelo.

No mesmo local, sexta-feira, dia 23, apresenta-se a companhia de novo circo Laboratório, de Bruno Miguel Rosa, Miguel Tira-Picos (vencedor do Got Talent Portugal 2020) e Mónica Alves, com “Gente do Mar”.

Segundo a organização, devido à pandemia de covid-19, todos os eventos têm lotação limitada de pessoas de acordo com a capacidade dos espaços e a entrada e permanência nos recintos obriga ao uso de máscara, etiqueta respiratória, higienização das mãos e distanciamento social.



PCP QUER REABERTURA DA EXTENSÃO DE SAÚDE DA MINA DE SÃO DOMINGOS

O PCP apresentou na Assembleia da República um projeto de resolução em que recomenda ao Governo a reabertura “imediate” da extensão de saúde da Mina de São Domingos, no concelho de Mértola, “procedendo à necessária dotação de recursos humanos”. O diploma refere que o edifício “foi alvo de obras de reabilitação e adaptação” permanecendo encerrado, o gera “ansiedade da população”, sobretudo entre os mais idosos, que para acederem aos cuidados de saúde têm de se deslocar à sede de concelho.

CIMBAL APOSTA NA MOBILIDADE ELÉTRICA

A Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo (Cimbal) anunciou a aquisição de 12 viaturas elétricas no âmbito da 3.ª Fase do Programa de Apoio à Mobilidade Elétrica na Administração Pública, financiado pelo Fundo Ambiental. As viaturas são destinadas às Câmaras de Beja, Castro Verde, Ferreira do Alentejo, Moura, Ourique e Serpa, além da EMAS e da própria Cimbal. Em comunicado, a Cimbal refere que estas viaturas permitem a “renovação de veículos antigos a combustão das frotas municipais, substituídos por viaturas mais eficientes e sem emissão de carbono”.

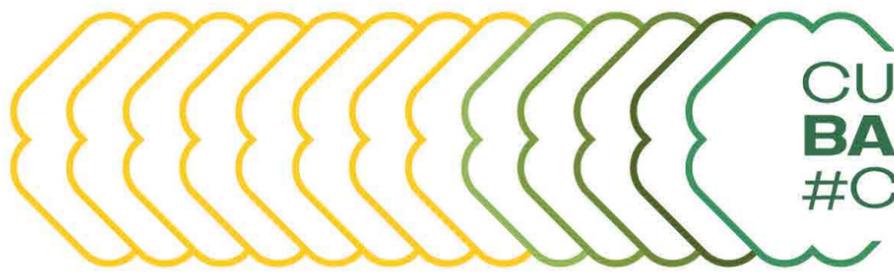
ODEMIRA REABRE FUNDO DE EMERGÊNCIA PARA EMPRESAS

A Câmara de Odemira reabriu o fundo de emergência municipal destinado a empresas de comércio e serviços, para as apoiar face à quebra de rendimentos provocada pelas restrições decorrentes do combate à pandemia de covid-19. A nova fase de candidaturas do Fundo de Emergência Municipal Odemira Empreende + decorre até ao final deste mês. O fundo é dirigido aos empresários em nome individual e a sociedades comerciais com atividades exclusivas dos setores do comércio e serviços com sede no concelho, com volume de negócios, em 2020, até ao limite de 500 mil euros (exceto atividades de restauração e similares).



OBRAS DA COLEÇÃO ANTÓNIO CACHOLA EXPOSTAS EM SINES

Sessenta e sete obras de arte da Coleção António Cachola, considerada “uma das mais prestigiadas” do País, vão estar expostas a partir de amanhã, dia 10, no Centro de Artes de Sines. Intitulada “Linha do Tempo”, a mostra, que pode ser vista até 10 de outubro, com curadoria de Ricardo Estevam Pereira, resulta de uma parceria com o Museu de Arte Contemporânea de Elvas – Coleção António Cachola. Segundo a Câmara de Sines, “a esmagadora maioria” das obras apresentadas nesta exposição foi produzida nos últimos 30 anos, muitas delas já no século XXI.



CULTURA EM REDE
BAIXO ALENTEJO
#CIMBAL



Consultar o site
www.festivalba.pt



Organização:



Cofinanciado por:



ARQUEOLOGIA

Aquele estranho batismo em Pax Iulia!...

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO ARQUEÓLOGO

Estranha-se, de facto, aquele altar romano de calcário achado nos arredores de Beja – sem que se saiba exactamente onde e em que circunstâncias – dado a conhecer, pela primeira vez, por Leite de Vasconcelos, em artigo publicado no n.º XX (1935) da revista “Brotéria”. Todos os investigadores sublinham o seu carácter único e pressentiram haver ali, oculto, algo de misterioso. Não ousam falar de “sociedade secreta”; mas, muito provavelmente, é mesmo disso que se trata!... Vamos ver!

Leite de Vasconcelos voltou a referir-se ao monumento em 1956, onde esclarece como é que veio parar ao Museu Nacional de Arqueologia. Um filho de Manuel Joaquim Duro, de Beja, vendera-o a Luís Reis Santos, que o levou para sua casa em Lisboa. Convidado para o ver a 21 de novembro de 1933, Leite de Vasconcelos não resistiu e pediu-o para o (então) Museu Etnológico, “onde hoje está”. Tem o n.º de inventário E 7268.

Interessante é também a informação dada por Leite de Vasconcelos: “O estrago que a lápide apresenta na parte inferior resultou de tencionar o seu primeiro possuidor adaptá-la piedosamente a lousa da sepultura do pai, porque Manuel Joaquim Duro negociara em cousas velhas (eu próprio lhe comprei algumas para o Museu Etnológico), e o filho entendia que prestava boa homenagem à memória do pai, cobrindo-lhe os restos mortais com uma pedra romana”.

Com 80 centímetros de altura, 42 a 47 de largura e 20 a 38 de espessura, o altar apresenta na sua face dianteira uma inscrição latina que não oferece dúvidas de leitura, por felizmente ter chegado até nós intacta, sem beliscaduras, como se um enorme respeito despertasse ou dela se desprendesse algo de mágico – a preservar para todo o sempre. Neste caso, para nosso regozijo e por ainda mais nos espicaçar a curiosidade.

Em português, como se poderá traduzir?

Assim: Consagrado à Mãe dos Deuses. Dois Irineus, pai e filho, ‘criobolados’ no dia do seu nascimento, sendo sacerdotes Lúcio Antístio Avito e Gaio Antístio Felicíssimo.

Eu não disse que havia mistério?...

A Mãe dos Deuses vem expressa em siglas – M . D . S – o que denota ser consagração comum, a todos compreensível. Aliás, o “S” final fazia parte do quotidiano epigráfico, quer nas inscrições votivas (dedicadas a uma divindade, como aqui) quer nos epitáfios. Desdobra-se e ‘S(acrum)’ significa “consagrado”, o que lhe atribui um carácter sagrado, inviolável.

As siglas M . D não oferecem dúvida: são também habituais para designar a Mãe dos Deuses (em latim, ‘Mater Deorum’), designação por que era conhecida Cibele, uma divindade cujo culto, com raízes na parte oriental do Império Romano, cedo assumiu características muito próprias, secretas,

Secretas?

Sim.

Os seus fiéis começaram a criar entre si laços de solidariedade, de camaradagem, unidos como estavam por interesses comuns. Esta é, de resto, uma tendência de todos os tempos, visível na atualidade: sob o manto de uma devoção específica, duma causa nobre, facilmente germinam também complicitades políticas e económicas, por exemplo. Daí que, para ingressar no grupo, o candidato haja de se submeter a rituais iniciáticos mantidos, por isso, no mais completo segredo.

UM BATISMO DE SANGUE? Como sempre, o mistério desperta a imaginação, suscita interpretações variadas e quem, por qualquer motivo, ou não é aceite ou perflha outras ideias não perderá nunca a ocasião para denegrir o “inimigo”. Não chegou a dizer-se que os cristãos “comiam criancinhas”, sarcástica explicação do ritual da comunhão?

Lê-se na inscrição de Pax Iulia que os dois Irineus foram ‘criobolati’ e ingressaram, desta sorte, na comunidade dos crentes devotos da Mãe dos Deuses, considerando, pois, esse o dia do seu nascimento verdadeiro – ‘natali suo’, vem no texto. E então o que é que lhes fizeram?

Foram submetidos a um cerimónia iniciática, presidida, como



convinha, por sacerdotes: Lúcio Antístio Avito e Gaio Antístio Felicíssimo, possivelmente irmãos. Chamava-se a essa cerimónia o ‘crinobolium’, palavra habitualmente aparentada com ‘taurobolium’. Embora ‘crinon’, em latim, significasse “unção”, o certo é que se costuma considerar que o ‘crinobolium’ esteja ligado ao sacrifício de um carneiro, como o ‘taurobolium’ ao sacrifício de um touro.

Dizia-se atrás das maledicências. Foi isso, de facto, o que

aconteceu. Dado que a cerimónia era secreta, um escritor cristão do século III, Prudêncio, achou por bem “descrever” à sua maneira, num dos seus poemas, o quadro sanguinolento em que tudo isso, na sua versão, ocorreria. Assim, em relação ao ‘taurobolium’ (e decerto dessa forma se passaria também em relação ao sacrifício dum cordeiro), narra Prudêncio, segundo Emílio Espérandieu, que o iniciado descia a um fosso coberto por um estrado esburcado. De tronco nu, levava na cabeça uma coroa de ouro, uma mitra aureolava-lhe a fronte, vestia túnica de seda cingida à cintura. Amarrado em cima do estrado, o touro era então mortalmente trespassado por longo cutelo, o sangue escorria pelo estrado e regava o corpo do iniciado. Ao subir, aclamavam-no os correligionários, qual neófito! Era como que um batismo de sangue. O ‘natalicum’, a regeneração pelo sangue!

EM CONCLUSÃO Tivesse sido esse ou não o cerimonial a que pai e filho de bom grado se sujeitaram, o certo é que por aqui se vê como a população da romana Pax Iulia, além de estar bem dentro dos costumes oriundos doutras áreas do império, tinha uma vida social bem ativa. Perguntar-se-á: como é que, apenas através duma inscrição tão pequena, se chega a essa conclusão? Não será generalização despropositada?

Creio que não.

É altar, este, de pequenas dimensões, sim; e único; mas, por detrás da concisão do seu texto, há, naturalmente, todo esse mundo a movimentar-se! Não foi seguramente resultante de mero acaso desprovido de intenção o facto de, um dia, há mais de 2000 anos – a inscrição deve ser de meados do século II da nossa era – alguém se ter lembrado de imorredoiamente nos comunicar, gravando-o na pedra, o que lhe acontecera e que fora, para si, motivo de grande júbilo. Não sabemos exactamente o que foi. Envolto ficou em mistério. Mas que aconteceu, aconteceu!... Os dois Irineus entraram jubilosamente na comunidade dos devotos da Mãe dos Deuses, a magna Cibele!

OPINIÃO

Dor ciática, o seu tratamento e prevenção

MÁRIO BEJA SANTOS JURISTA

É o nome dado a qualquer tipo de dor causada por uma irritação ou compressão do nervo ciático – este nervo é o de maior dimensão do nosso corpo, estendendo-se, desde a parte de trás da bacia, ao longo das duas pernas e terminando nos pés. Normalmente, a dor ciática afeta apenas um dos lados do corpo e na maior parte dos casos é resultado de uma hérnia discal, de um esporão ósseo na coluna vertebral ou do estreitamento da coluna vertebral (estenose espinhal) que comprime parte do nervo. Daí a inflamação, dor, dormência, formigueiro e fraqueza muscular na perna ou no pé afetados.

Os doentes com dor ciática manifestamente grave são fortes candidatos ao tratamento cirúrgico, daí alertar-se o leitor para que é imperativa a consulta médica para quem sente uma dor intensa e repentina na parte inferior das costas ou nas pernas ou dormência ou fraqueza muscular nos membros inferiores.

Ficou dito que a causa mais comum desta dor é uma hérnia discal – ocorre quando um dos discos que existem entre os ossos da coluna (vértebras) se encontra danificado, existindo uma pressão sobre os nervos. Entre as causas menos comuns para a dor ciática incluem-se a estenose espinhal (estreitamento das vias nervosas na coluna vertebral, geralmente causada por mudanças relacionadas com a idade, mas também pode ocorrer como resultado de uma doença degenerativa das articulações).

A dor ciática é acompanhada de outros sintomas. Um muito comum é a dormência e fraqueza nas pernas ou nos pés, pode haver formigueiro doloroso nos dedos dos pés ou nos pés e também incapacidade de controlar a bexiga ou os intestinos, mas é sintoma muito raro. Diagnostica-se a ciática sobretudo através de exames como uma radiografia à coluna, análises ao sangue e urina, uma tomografia axial computadorizada ou uma ressonância magnética, entre outros meios auxiliares de diagnóstico.

Há medidas que podem atenuar a dor e prevenir o seu agravamento: colocar compressas frias que podem ser aplicadas na área afetada ou alternar tratamentos com gelo e com calor; tomar analgésicos orais para alívio da dor; praticar atividade física não demasiado exigente, como caminhar, de modo a fortalecer os músculos; e realizar alongamentos suaves na região lombar. No caso em que a dor é mais persistente, sempre com o devido acompanhamento médico, pode ser necessário seguir um programa de exercícios estruturado sob a supervisão de um fisioterapeuta, em combinação com injeções de anti-inflamatórios e de analgésicos ou a toma de medicação oral para alívio da dor.

Existem comportamentos que ajudam a prevenir lesões nas costas. Por exemplo, praticar atividade física com regularidade (fortalecimento dos músculos das costas e do estômago); manter uma boa postura; prestar atenção aos movimentos do corpo (levantar objetos pesados de maneira correta, dobrando os joelhos e mantendo as costas direitas); adotar um regime alimentar apropriado, pois tal regime ajuda a prevenir o excesso de peso e a evitar o aumento da pressão sobre a coluna.

No caso dos males ligeiros, não se esqueça de usar o aconselhamento farmacêutico. Ele pode ajudá-lo nas situações de dor ligeira a moderada e de curta duração, ele pode igualmente acompanhá-lo no estado clínico da doença.

‘Simplex’ só para contentores?

ALBERTO MATOS MEMBRO DA COORDENADORA DISTRITAL DO BLOCO DE ESQUERDA

Com Odemira a sair da moda, é bom lembrar que os problemas não desaparecem simplesmente por deixarmos de falar deles. Desde logo a pandemia de covid-19 que permanece e até se agravou, nem a exploração desenfreada de imigrantes, nem as péssimas condições de habitação, nem os problemas sociais e ambientais do perímetro de rega do Mira que atingem a expressão máxima na barragem de Santa Clara. Vamos por partes.

A propósito da falta de habitação decente para os trabalhadores agrícolas, as associações patronais e a Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP) criticaram a passividade do Governo e a inoperacionalidade da Resolução do Conselho de Ministros n.º 179/2019, de 24 de outubro.

Não vou repetir as críticas a esta solução que, a pretexto de permitir a instalação de alojamentos temporários para trabalhadores sazonais (dez anos, para começar), abre a porta ao crescimento de “aldeias de contentores” num parque natural, autênticos guetos para imigrantes, sem vida social, onde se acorda e se adormece à beira do local de trabalho.

Foi pronta a resposta do Governo às exigências dos patrões da agricultura intensiva, ao aprovar uma nova Resolução do Conselho de Ministros (RCM), n.º 69/2021, de 4 de junho, que veio introduzir alterações à anterior 179/2019. Espanta-me que este assunto não tenha merecido discussão pública séria, pois as alterações não são de pormenor, apesar de a nova RCM as classificar de mera “simplificação procedimental”.

Chamo a atenção para os artigos 9 e 11 desta RCM:

9 — Determinar a dispensa do procedimento de autorização de instalações amovíveis e ligeiras, previsto na alínea b) do n.º 5 do artigo 46.º do Regulamento do Plano de Ordenamento do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina.

11 — Determinar que os pedidos de instalação ou regularização de IATA são:

a) Dirigidos à câmara municipal (...) que no prazo de cinco dias convoca, para ter lugar nos 10 dias seguintes, uma conferência procedimental deliberativa, por meios telemáticos;

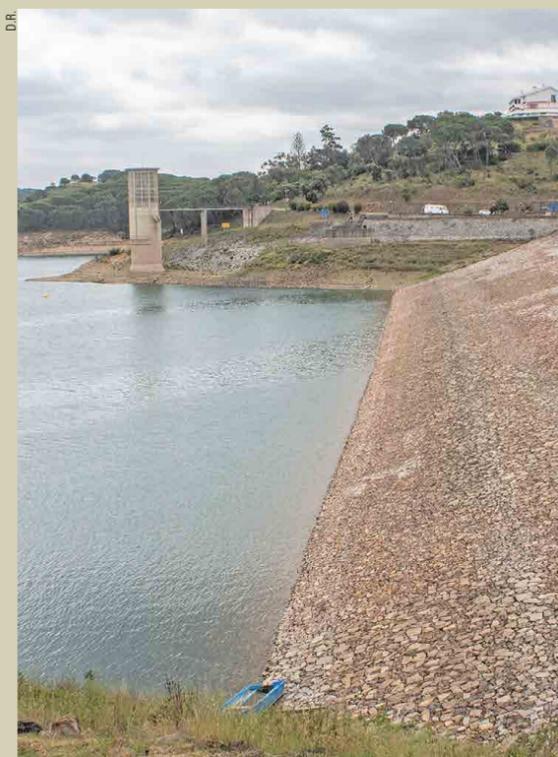
b) Objeto de uma decisão única, por parte da conferência procedimental deliberativa, que substitui a pronúncia de todas as entidades competentes da administração central e local;

c) Decididos no prazo de 15 dias desde a entrada do pedido, sob pena de deferimento tácito.

O diabo, como sempre, está nos detalhes, em especial na última alínea.

Conhecendo o ritmo de funcionamento da burocracia autárquica e de todos os organismos de Estado implicados (agricultura, ambiente, saúde, administração interna, pelo menos...) alguém acredita que uma decisão séria possa ser tomada no prazo de 15 dias? E nem sequer se diz se são 15 dias úteis ou de calendário...

Já nem falo do tempo necessário à realização de inspeções às IATA que se pretenda implantar ou alterar, para verificar se estas condizem no terreno com os projetos apresentados. Sejamos sérios: em 15 dias é impossível qualquer decisão fundamentada. Restam duas hipóteses: ou os projetos



são ratificados de cruz ou tacitamente deferidos ao fim de 15 dias.

A ser aplicada, esta RCM abre caminho ao total arbítrio e à cumplicidade com os poderosos interesses instalados no território do PNSACV e dos concelhos de Odemira e Aljezur. Estes nem precisam de pressionar para ver os seus projetos de multiplicação de contentores aprovados; é só esperar 15 dias que a burocracia empate...

Esta RCM pode resumir-se numa expressão: “simplex” contentores. Pior era impossível, apesar de tudo o que este Governo já nos habituou, por ação e omissão, face à agricultura intensiva no sudoeste e no Alqueva. Uma autêntica vergonha!

Os interesses instalados no território são simbolizados por uma marca centenária – Driscoll’s – com origem na Califórnia, o que faz lembrar o velho ‘slogan’: “sem imigrantes ilegais não há colheitas na Califórnia”. Interesses tão poderosos que dominam as associações de produtores, vendendo as patentes e comercializando a produção; interesses representados na CAP e na ABM – Associação de Beneficiários do Mira.

Eis-nos de regresso ao nó górdio do perímetro de rega do Mira: a água. Com a barragem de Santa Clara a 50 por cento da sua capacidade, aproximamo-nos perigosamente da cota 109 abaixo da qual o atual sistema de bombagem deixa de funcionar. Permitir que a gestão da barragem e do sistema de rega construído por investimento público continue nas mãos da ABM é como pôr a raposa a guardar o galinheiro.

Os senhores da agricultura intensiva comportam-se como “donos da água”, cortando-a aos pequenos agricultores e pondo em risco o abastecimento público. Chegaram ao ponto de apresentar uma fatura de mais de 13 mil euros à Junta de Freguesia de Santa Clara-a-Velha para manter o caudal ecológico do Mira e o espelho de água junto à aldeia. O Estado e a APA têm de intervir de imediato e sem mais burocracias. Aqui sim, precisamos de um “simplex” água pública.

Hoje sou fiador. E amanhã?

TÂNIA ÂNGELO SOLICITADORA*

Há filhos que vão comprar uma casa, há irmãos que vão comprar um carro, há amigos que vão comprar um telemóvel e todos eles necessitam de uma assinatura na entidade com a qual vão celebrar o contrato de mútuo. Todos os dias, tal como nestes exemplos e em diversas situações, surge a figura do fiador, que não se trata somente de uma simples assinatura, mas sim da constituição de uma garantia pessoal.

Por fiança entende-se que o fiador, com o seu património pessoal e perante o credor, fica obrigado a garantir a satisfação do direito de crédito, sendo a obrigação acessória da que recai sobre o principal devedor.

No entanto, assiste ao fiador a possibilidade de fazer valer o benefício da excussão prévia, ou seja, de deixar claro que, primariamente, não pretende que todo o seu património responda pela efetivação do pagamento do crédito. Diz-se então que, em cumprimento da obrigação, inicialmente respondem todos os bens do devedor principal, respondendo, posteriormente, os do fiador e somente nessa situação.

Neste caso, ficaria o credor impedido de executar o património do fiador sem que, anteriormente, tenha sido executado todo o património do devedor. Porém, não é o que sucede na prática, pois o fiador acaba, na maioria das vezes, por renunciar ao benefício da excussão prévia, assumindo neste caso que, perante um incumprimento do contrato por parte do devedor principal, e por exemplo, no âmbito do processo executivo, surge o fiador a responder tal qual como o devedor principal.

Assim, o fiador, ao prestar essa garantia, acaba por responder com todo o seu património o que, perante um cenário de incumprimento do contrato por parte do devedor principal, pode, efetivamente, conduzir este sujeito a uma situação em que, ele próprio, não consiga cumprir com as suas obrigações. Tal poderá levar a uma situação económica difícil ou até mesmo a uma impossibilidade de cumprimento das obrigações vencidas, o que se traduz numa situação de insolvência.

No entanto, e em termos de legitimidade, também ao fiador, na qualidade de garante e responsável pelas dívidas, assiste a possibilidade de requerer a insolvência do devedor, desde que reúna um dos factos exigidos para o efeito, como, por exemplo, a suspensão generalizada do pagamento das obrigações vencidas.

Pese embora esta faculdade, é de notar que, sendo declarada a insolvência do devedor principal, tal não determina a extinção da obrigação do fiador, que só sucede na altura em que se verifique o cumprimento da obrigação. Caso assuma o fiador o cumprimento dessa mesma obrigação, assiste-lhe o direito de ficar sub-rogado nos direitos do credor.

Para um acompanhamento especializado, em termos legais e burocráticos, saiba que pode sempre contar com o apoio de um solicitador.

* Artigo publicado no âmbito de uma parceria entre o “Diário do Alentejo” e a Ordem dos Solicitadores e dos Agentes de Execução

As dificuldades crescentes do SNS para responder à pandemia

EUGÉNIO ROSA ECONOMISTA

O País enfrenta uma grave crise de saúde pública causada pela covid-19 que está a determinar uma grave crise económica e social, e grande insegurança em todos os portugueses que temem pelo seu futuro e dos seus familiares, e que põe em risco a recuperação económica, condenando-o ao atraso e retrocesso. Nesta luta contra a grave crise de saúde pública, económica e social, e contra a insegurança generalizada que domina toda a população, o Serviço Nacional de Saúde (SNS) é um fator chave. Dotá-lo dos meios necessários, quer financeiros, quer humanos, devia ser a principal preocupação do Governo. Mas o que assistimos é precisamente o contrário como prova a execução do orçamento do SNS até maio/2021 que o Ministério das Finanças, através da Direção-Geral do Orçamento (DGO) acabou de divulgar.

A obsessão do défice continua-se a sobrepor-se à necessidade de defender a saúde dos portugueses, pois o governo continua a recusar dotar atempadamente o SNS dos meios que este necessita para enfrentar a grave crise de saúde pública, pois a pandemia continua a alastrar no País. E não são as previsões irrealistas e otimistas do Banco de Portugal, de Mário Centeno, sobre a economia portuguesa nem a “bazuca” que alteram a realidade.

Segundo dados divulgados no Portal da Transparecia, a dívida total do SNS a fornecedores privados aumentou, entre dezembro de 2020 e maio de 2021, em cinco meses apenas, de 1.516 milhões para 1.907 milhões de euros.

Em plena pandemia, o Governo aprovou um orçamento para o SNS em 2021 que é profundamente irrealista e mostra a pouca preocupação que lhe merece a saúde pública e, por arrasto, a profunda crise económica e social em que o País está mergulhado devido à covid-19. Os dados que foram divulgados pela DGO referentes à execução do Orçamento do Estado nos cinco primeiros meses de 2021 (até maio) revelam que a despesa total, em 2020, do SNS foi 11.454 milhões de euros, e a prevista para 2021 é apenas de 11.604 milhões de euros, ou seja, só mais 1,3 por cento.

Se compararmos a despesa nos cinco primeiros meses de 2021 com a dos cinco primeiros meses de 2020, conclui-se que ela aumentou em 7,2 por cento, portanto um ritmo de crescimento percentual 5,5 vezes superior ao previsto no orçamento do SNS aprovado pelo Governo e que é de apenas 1,3 por cento. E com o reduzido aumento de receita de receita do SNS previsto para 2021, o próprio Governo previa um défice de 89 milhões de euros para este ano. Este irrealismo das previsões, associado a transferências

ainda menores de fundos nos primeiros cinco meses de 2021, quando comparado com igual período de 2020 (- 2,5 por cento), determinou que, só nos cinco primeiros meses do ano, o SNS acumulou um saldo negativo de 377 milhões de euros, que é 4,2 vezes superior ao défice previsto no orçamento do SNS aprovado pelo Governo para todo o ano de 2021.

Se se mantiver o ritmo de crescimento do défice verificado, o SNS terminará este ano com um enorme défice de 904,8 milhões que se adicionará à enorme dívida que já tem aos fornecedores privados como se mostrará seguidamente utilizando também dados divulgados pelo próprio Governo. É assim também que se destrói o SNS e se promove o negócio lucrativo privado da saúde em Portugal.

A dívida das entidades do SNS aos fornecedores privados com mais de 90 dias é apenas uma parte da dívida total do SNS. E é só esta que é divulgada na informação mensal sobre a execução do Orçamento do Estado. Entre dezembro de 2020 e maio de 2021, a dívida do SNS com mais de 90 dias aumentou de 176 milhões para 524 milhões de euros, ou seja, 197 por cento (2,8 vezes). Mas esta é apenas uma parte (menor) da dívida total do SNS a fornecedores privados. Segundo dados divulgados no Portal da Transparecia, a dívida total do SNS a fornecedores privados aumentou, entre dezembro de 2020 e maio de 2021, em cinco meses apenas, de 1.516 milhões para 1.907 milhões de euros. Trata-se de um aumento e de uma dívida enorme que põe em causa o próprio funcionamento do SNS, e que o coloca à mercê dos privados que têm assim com um enorme poder para impor condições e preços ao SNS, já que este está sufocado com dívidas.

A dívida total de 15 das 55 unidades de saúde do SNS somava já, em maio de 2021, o valor de 1,04 mil milhões de euros. Como é que o Governo pode dizer que está a dotar o SNS dos meios que ele necessita para defender a saúde dos portugueses, assegurar a recuperação económica do País e reduzir a dramática situação social se obriga o SNS a este enorme endividamento para continuar a funcionar com as dificuldades que são conhecidas?

Se juntarmos a isto, a saída de muitos dos melhores profissionais do SNS para o setor privado, atraídos por melhores remunerações e melhores condições de trabalho, o que está a criar graves problemas a muitos hospitais públicos, já que o atual Governo adiou mais uma vez a introdução da exclusividade com base numa carreira atraente e remunerações dignas para os profissionais de saúde, é-se levado a concluir que este Governo, dominado pela obsessão do défice, o que está a fazer objetivamente (não estou a avaliar intenções) é contribuir para destruir o SNS e promover o negócio privado da saúde em Portugal que já é dominado por cinco grandes grupos (Luz, CUF, Lusíadas, Trofa e GHPA). Quem tem a coragem na Assembleia da República de pôr um travão a esta destruição do SNS? É a questão final que aqui deixo para reflexão dos portugueses. Na discussão do Orçamento do Estado para 2022 ficará claro quem defende o SNS.

Estatuto editorial do “Diário do Alentejo”

1. O “Diário do Alentejo” é um jornal semanário regionalista, de informação geral, que pretende através do texto e da imagem dar cobertura aos acontecimentos mais relevantes da região, e que sem se remeter a posições de neutralidade proporciona espaço ao pluralismo político e de ideias, e aos valores da democracia e da liberdade.

2. O “Diário do Alentejo” é um jornal semanário independente cuja linha editorial é submetida a critérios de total rigor e seriedade, recusando quaisquer influências ideológicas ou dos poderes político, económico e religioso.

3. O “Diário do Alentejo” produz um jornalismo transparente, abrangendo os mais variados campos da sociedade portuguesa em geral e da alentejana em particular, com exigência e qualidade,

através de um trabalho eficaz, criativo e interativo, com o objetivo de bem informar e esclarecer um público plural.

4. O “Diário do Alentejo” não estabelece quaisquer hierarquias para as notícias e pretende contribuir para o debate e a reflexão sobre as grandes questões da região e do País, pelo que cria espaços apropriados para expressão de opiniões e não estabelece barreiras a qualquer corrente de comunicação.

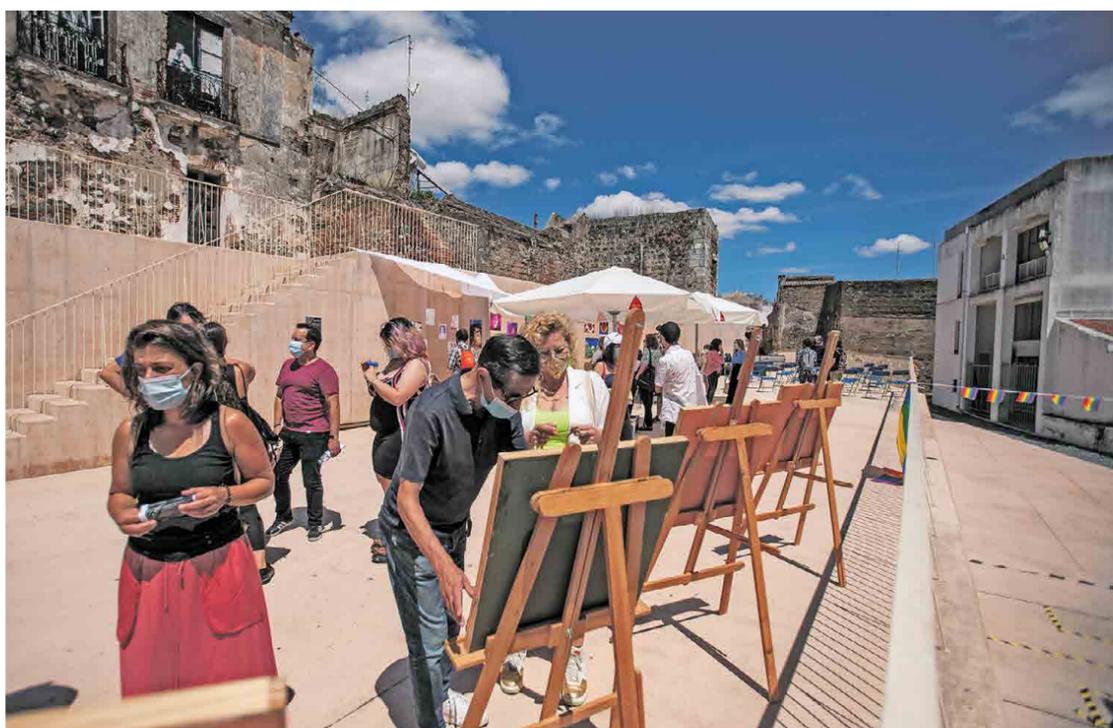
5. O “Diário do Alentejo” considera que os factos e as opiniões devem ser separadas com evidência: os primeiros são intocáveis e as segundas são livres.

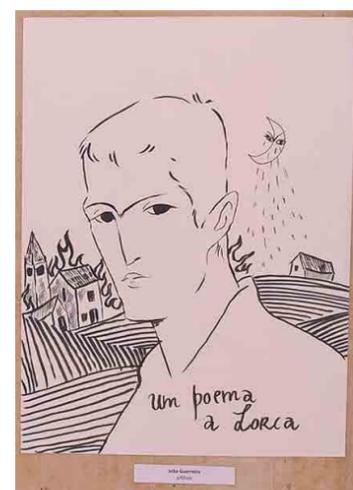
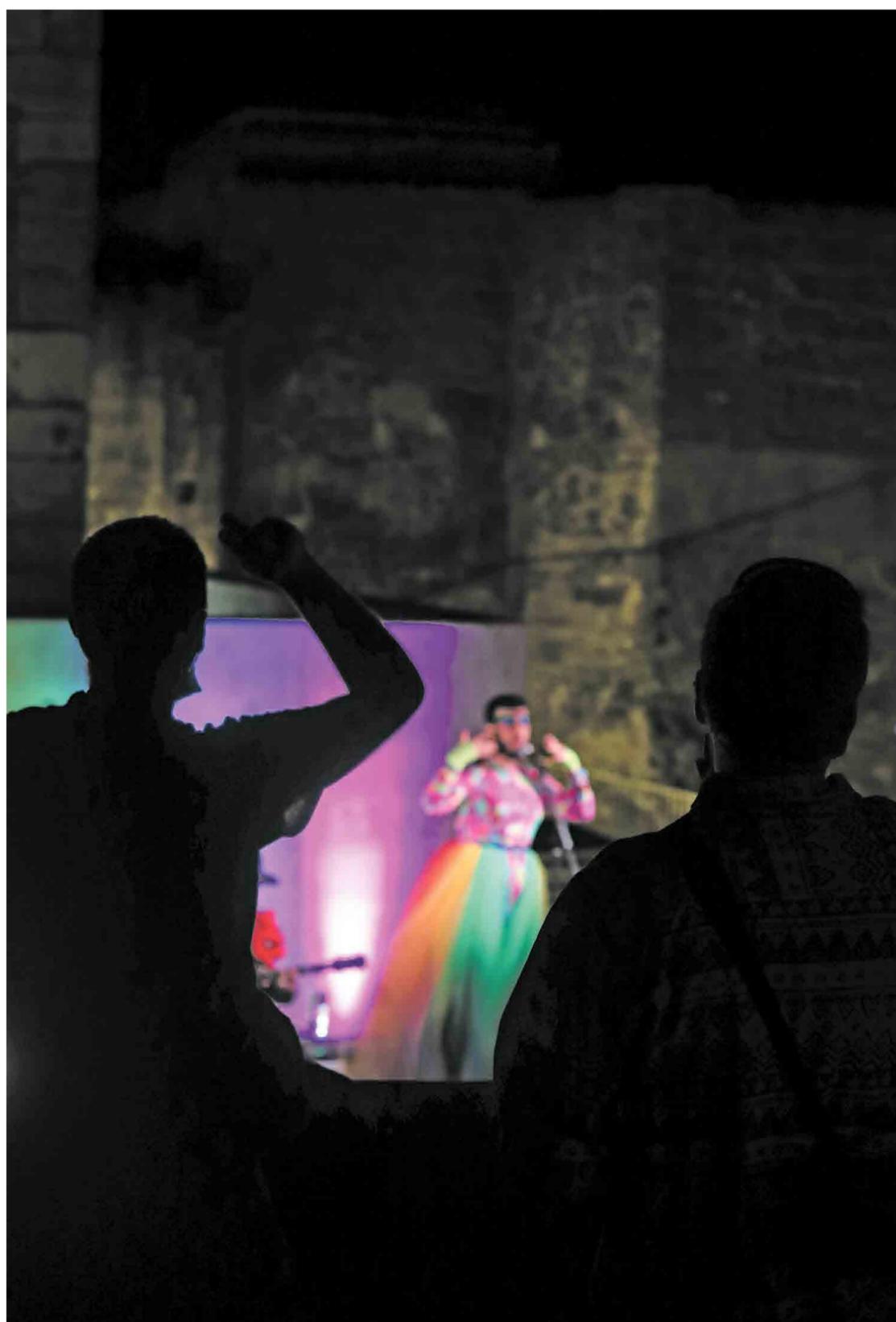
6. O “Diário do Alentejo” determina como únicos limites para a sua intervenção aqueles que são determinados pela lei, pela deontologia jornalística e ética profissional e por tudo aquilo que diga respeito à vida privada de todos os cidadãos.

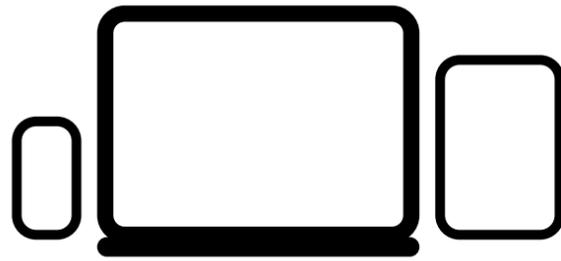


PORTEFÓLIO

A associação Arruaça promoveu no passado sábado, dia 3 de julho, a primeira edição da Beja Pride, iniciativa destinada a “assinalar o orgulho Lgbti+ no Baixo Alentejo com atividades que passaram pela arte, pelo diálogo e pela festa”. Como refere Nádia Mira, vice-presidente da Arruaça, “as pessoas, às vezes, têm medo daquilo que não conhecem”, mas “a partir do momento em que são confrontadas com essa realidade, e que começam a conhecer, facilmente desfazem-se preconceitos”. As fotos são de Eva Caseiro, Raquel Esperança e da Voz da Planície.







Semanário
Regionalista
Independente

Diário do Alentejo

Seja o primeiro a ler
o seu “DA” todas as semanas
no computador, telemóvel ou *tablet*



Faça já a assinatura digital
por 15 euros/ano

Para fazer a sua assinatura aceda a www.diariodoalentejo.pt e preencha o formulário *on line*

DESPORTO

Manuel Custódio tem estratégias bem definidas para a arbitragem distrital

UNIR E VALORIZAR...

Manuel Custódio, presidente do Conselho Regional de Arbitragem da Associação de Futebol de Beja, faz uma análise positiva dos primeiros meses de um mandato que, devido à pandemia, não tem sido fácil.

TEXTO E FOTO FIRMINO PAIXÃO

As competições nacionais, apesar dos avanços e recuos, foram concluídas e os cinco árbitros no quadro nacional, em princípio, poderão manter-se (existem dúvidas quanto a Joel Martins). Ricardo Diogo é, atualmente, o juiz mais categorizado. No plano distrital, com as provas canceladas, os árbitros (uma grande percentagem autossuspendeu-se) só realizaram testes físicos e escritos e foram classificados por igual. Gonçalo Ramos e André Baltazar irão aos exames de acesso aos nacionais e o observador Jaime Medeiros foi promovido ao quadro nacional. Tempos difíceis assinalados por Manuel Custódio, líder da arbitragem distrital, que quer reforçar o quadro distrital de juizes para fazer face a um provável aumento de jogos na próxima época desportiva. O dirigente rejeita a ideia de deixar a sua marca na arbitragem regional. Quer, isso sim, unir e valorizar os árbitros.

Quer fazer uma avaliação global a estes seis meses de exercício de mandato?

Obviamente que tem sido complicado. Houve muitos árbitros que interromperam a atividade, uns porque tinham, em casa, pessoas com problemas de saúde ou pessoas de risco, e tiveram receio de serem eles os portadores do problema, e então preferiram interromper a atividade. Este ano, tínhamos disponíveis 51 árbitros e, para fazer face a uma época normal, precisamos de uns 75, mas temos a expectativa de que, no início da nova época, todos regressem normalmente à atividade, além de irmos fazer um novo curso para captarmos mais alguns. Sentimos a necessidade de uma maior cobertura do distrito, precisamos de árbitros em algumas sedes de concelho, caso contrário a arbitragem torna-se extremamente dispendiosa, nomeadamente pela necessidade de árbitros de maior proximidade para jogos de escalões de formação.



Os árbitros nacionais, esses, estiveram em atividade e as competições concluíram-se. Como foram as suas classificações?

A época foi positiva. Temos um árbitro C3, o mais credenciado, que é o Ricardo Diogo, depois, tínhamos outros quatro C4, num lote de 70, a nível nacional. Os primeiros 20 manter-se-iam no quadro nacional e ainda existiam cinco vagas para a categoria C3. Desses quatro, “metemos” três nos primeiros 20 e um deles, o Nelson Hermosilha, até em oitavo, mas com a mesma pontuação do sexto classificado... mas só subiram os cinco primeiros. Foi extremamente positivo, tanto o Joel Martins (54.º), o Diogo Rosa (14.º), o Nelson Hermosilha (8.º) e o Filipe Mestre (12.º), fizeram uma época, também, de aprendizagem, mas muito positiva. Concluiu-se a época com muitas limitações, porque isto tem sido mau para todos.

Existiram promoções, ou ainda espera que existem?

Não! Nós ainda não sabemos bem como serão as coisas. A Federação criou uma nova denominação (I, II e III Ligas e Campeonato de Portugal), serão já quatro escalões, os nossos árbitros C3 ainda não foram fazer provas para eventuais pro-

moções a C4, os assistentes também não, só foi o observador Jaime Medeiros que, num lote de 16 para promover 10, ficou em 5.º e garantiu a subida aos quadros nacionais. Agora, árbitros e assistentes irão aos testes de acesso neste mês de julho. Depois é que se formarão os quadros. Mas estamos na expectativa de conhecer esse enquadramento, porque, com a criação da III Liga, as coisas ainda estão um bocadinho indefinidas. Mas à partida só existem indecisões quanto à situação do Joel Martins.

Sem atividade, logo sem retribuição, não vos chegaram nota de árbitros em dificuldades?

Não. Realmente existirão famílias que podem sentir no orçamento a falta dessas verbas, mas nenhum árbitro é profissional, ainda que na gestão familiar essas verbas deem algum jeito. É uma situação melindrosa que não é de fácil de resolver. Contudo, tivemos alguma sensibilidade e tentamos saber, com alguma discrição, se haveria alguma necessidade de apoio, mas não nos surgiram casos. Se acontecesse, teríamos que arranjar uma solução, somos todos seres humanos e estamos todos na mesma equipa. Somos todos jogadores do mesmo clube e, se algum estiver mal, os outros não podem estar bem.

Que planeamento será possível para a próxima época, tendo em conta a exiguidade dos quadros e a manutenção de equipas nos quadros nacionais?

Os quadros nacionais não são problemas para nós. Queremos é ter lá muitos árbitros. Precisamos de arranjar alternativas, pois o quadro atual é insuficiente. Temos que saber quantos clubes irão competir, quantos jogos se realizarão para, em alternativa, repartir jogos pelo sábado e pelo domingo. Queremos fazer regressar o lote de árbitros que se afastaram nos últimos anos, e que ainda estão dentro da idade... se calhar, serão cerca de 40 árbitros. E temos que organizar um curso com uma enorme abrangência, de Odemira a Barrancos, de Mértola a Alvitto, para se conseguirem 15 ou 20 miúdos com disponibilidade para fazerem parte do nosso grupo.

A arbitragem bejense está ao nível daquilo que existe no País?

Os nossos árbitros são como os outros, não são melhores nem piores, são iguais. Mas o trabalho diário é cada mais exigente. No meu tempo de árbitro, treinávamos para as provas físicas e, ao fim de semana, tínhamos jogos. Hoje não é assim. Exige-se uma preparação contínua. Os

nossos jovens trabalham muito, treinam, estudam, temos grupos de discussão e formação ‘online’, há sempre dúvidas e a própria Federação está sempre a propor-lhes atividades. Hoje até a gordura excessiva conta para a classificação. Mas esse esforço é mais compensador, em determinado patamar um árbitro nacional já ganha mais na arbitragem do que na sua atividade profissional.

Existem alguns projetos pensados que possam vincar a marca deste conselho na arbitragem regional?

Não quero deixar a minha marca. Quero ajudar a arbitragem regional. Sou um elemento da arbitragem que passou por várias fases: fui árbitro, fui observador, membro da comissão técnica, fui e sou dirigente, hoje estou cá de novo, mas apenas para trabalhar em prol do crescimento e da valorização da arbitragem regional. Não é para deixar a minha marca, porque temos aqui é uma equipa que trabalha em comunhão de interesses com os árbitros, com os observadores e numa parceria de excelência com a Associação de Futebol de Beja. Somos um conjunto de pessoas que quer elevar o nome de Beja e da sua arbitragem. Somos parceiros do futebol distrital e nacional.



Nacional Andebol III Divisão – Seniores Masculinos 2.ª Fase Zona 3 (3.ª Jornada): Alverca-Torrense, 23-24. CCP Serpa-Belenenses B, 24-25. Boa Hora B-Samora Correia (adiado). Classificação: 1.º Belenenses B, 9 pontos. 2.º CCP Serpa, 7. 3.º Torrense, 7. 4.º Samora Correia, 4. 5.º Alverca, 3. 6.º Boa Hora B, 2. Próxima Jornada (10/7): Torrense-Samora Correia; Alverca-CCP Serpa; Belenenses B-Boa Hora B.



Realizam-se no próximo domingo, dia 11, pelas 9:00 horas, na pista de atletismo do Complexo Desportivo Fernando Mamede, na cidade de Beja, os **Campeonatos Distritais de Absolutos e Veteranos**, competições organizadas pela Associação de Atletismo de Beja, com o apoio do município de Beja.

Clube Desportivo de Beja vai desenvolver a modalidade de teqball

UM NOVO DESAFIO...

Uma mesa retangular, uma bola de futebol, dois ou quatro jogadores, um bom domínio de bola e, sobretudo, muito talento, aliados ao essencial conhecimento de todas as regras. Eis o teqball, modalidade que, esta semana, foi apresentada pelos responsáveis do Clube Desportivo de Beja.

TEXTO FIRMINO PAIXÃO

“World is curved” (o mundo é redondo), é um lema usado pelos “teqers” (jogadores de teqball) em cuja galeria já figuram verdadeiras lendas, como Lionel Messi, Paulo Dybala, Steven Gerard, Wayne Ronney, Eric Dier, Carles Puyol, Di Maria, Neymar Júnior, Paul Poga e muitas outras estrelas do futebol mundial, mas também os portugueses Nuno Gomes, Simão Sabrosa, Bruno Fernandes e João Félix. E se lhe dissermos, também, que muitas seleções presentes no europeu de futebol, cuja final se disputa no próximo domingo, entre elas, o conjunto italiano, a ‘squadra azzurra’, treinado por Mancini, aperfeiçoam o domínio técnico, a precisão e o controlo de bola, jogando teqball, o desporto que, atualmente, mais cresce em todo o mundo. Aliás, o teqball, conforme relata a já existente federação portuguesa da modalidade, entidade que nos ajuda a perceber melhor este fenómeno, “é um desporto inventado em 2014, na Hungria, por dois entusiastas do futebol, Gábor Borsányi, antigo futebolista profissional e Viktor Huszár, cientista computacional”.

Mas afinal o que é o teqball? “É um desporto que se joga com uma bola de futebol, sobre uma mesa em tudo semelhante à do ténis de mesa, diferindo, apenas, na configuração do tampo, porque este é curvo e dividido por uma rede rígida. O teqball pode ser jogado individualmente ou em pares, devendo cada jogador/dupla fazer a bola tocar a mesa, do outro lado da rede, tocando-a um máximo de 3 vezes, com qualquer parte do corpo à exceção dos braços”.

Trata-se de uma modalidade recente, com cerca de sete anos de existência, mas já praticada em mais de 100 países e, em Portugal já estão filiados na Federação Teqball Portugal, entretanto criada, mais de sete dezenas de clubes, entre eles, o Juventude de Évora, o Despertar e o Desportivo de Beja.



Num primeiro momento, queremos tentar perceber qual é a adesão que vamos ter ao nível de atletas para esta modalidade e, mais adiante, tentaremos criar uma estrutura própria, que nos permita desenvolver o projeto”.

O Desportivo de Beja foi um dos emblemas de Beja que aceitou o repto deste organismo para incrementar e divulgar a modalidade na sua área de influência, um projeto apresentado nos últimos dias no Complexo Desportivo Fernando Mamede, na cidade de Beja, oportunidade para Hugo Santana, membro da comissão administrativa do clube, e dirigente que vai liderar esta área, explicar o projeto: “O Desportivo de Beja, enquanto clube formador, recebeu um convite da Federação Teqball Portugal e, desde a primeira hora, achámos que seria bom iniciarmos uma modalidade destas no

nosso distrito, também com o intuito de criarmos uma nova atividade no clube. Aceitámos o desafio e acho que que será muito proveitoso, porque nos ajudará também a trabalhar com os miúdos na vertente técnica e, daí, a nossa decisão de aceitarmos o convite”.

O dirigente bejense acrescentou: “Tínhamos conhecimento desta modalidade e sabíamos que alguns clubes europeus estão a implementar alguns projetos, sobretudo ao nível da competição e o nosso circuito também será um bocado assim, mas, por agora, vamos para um período de aprendizagem e depois, eventualmente, participaremos em provas criadas pela federação”.

Hugo Santana concordou também que, uma vez aceite o repto da Federação Teqball Portugal, o clube terá que “criar as melhores condições possíveis” para que a modalidade se consiga expandir no Baixo Alentejo, até porque o próprio organismo federativo já ministra cursos para árbitros e treinadores. “Num primeiro momento, queremos tentar perceber qual é a adesão que vamos ter ao nível de atletas para esta modalidade e, mais adiante, tentaremos criar uma estrutura própria, que nos permita desenvolver o projeto, querendo que o mesmo seja duradouro e bem-sucedido”.

Quanto ao universo de praticantes, admitiu que, para já, está a ser pensada a criação de “algumas equipas constituídas pelos nossos atletas e depois, também estamos abertos a receber quem, de fora do clube e da nossa população, queira integrar este projeto, formar algumas equipas e depois participar nas competições organizadas pela Federação”.

A modalidade apela a algumas competências físicas e técnicas. “Isto, para nós, e para os nossos atletas, é tudo uma novidade, mas é uma modalidade em que a qualidade técnica desempenha um papel muito importante e daí também acharmos que será bom para todos os nossos atletas que queiram praticar e desenvolver as suas competências técnicas e de domínio de bola”, sublinhou o dirigente, acrescentando ser por isso que, neste período inicial, digamos mesmo que experimental a intenção “é ver qual é a adesão da parte dos miúdos, fazê-los perceber que é uma modalidade nova e que poderá ser útil para eles, na vertente da transição para o futebol. Pensamos que o projeto terá sucesso”.

O teqball joga-se em várias vertentes, condicionadas até ao número (duas, três e quatro) e à tipificação das mesas (‘teq lite’, ‘teq one’ e ‘teq smart’), individualmente ou em pares, mas,

sublinhou Hugo Santana, neste momento o clube pensa “desenvolver a área de duplas” e entrar em alguns torneios: “É, para já, o nosso plano, depois, se tivermos uma boa adesão, como, aliás, estamos a prever, talvez possamos optar pela competição individual, seria interessante”. O projeto crescerá na medida em que o interesse dos praticantes seja proporcional e evoluirá assim que existam os necessários apoios.

Neste momento, o Clube Desportivo de Beja adquiriu apenas uma mesa (e a preços excepcionalmente convidativos), porque o preço de mercado varia entre os 1500 e os 3000 euros, mas, no seio do clube, existe a convicção de que o incremento desta nova atividade contribuirá para a diversidade da oferta com que o clube vem cativando jovens atletas. Hugo Santana foi mais longe e afirmou: “A comissão administrativa do Clube Desportivo de Beja tem feito um trabalho meritório, aliás, quem olhava para o clube há meia dúzia de anos e quem o vê hoje, percebe bem que o Desportivo deu um passo em frente e que estamos a tentar criar as melhores condições para os nossos atletas. Acho que isso está a ser bem conseguido, porque cada vez mais nos aparecem miúdos interessados em vestir esta camisola e isso, para nós, é uma satisfação”.



A Juventude Desportiva das Neves venceu o Torneio Olímpico Jovem Distrital, competição organizada pela Associação de Atletismo de Beja que decorreu no passado fim de semana na cidade de Beja, com a participação de 65 atletas de oito clubes, das associações regionais do Algarve, Beja e Portalegre. O Beja Atlético Clube e a Associação Fit/Salvador completaram o pódio, o Castrense e o NDC Odemira ficaram nos lugares imediatos.



O Grupo Desportivo e Cultural de Alvito já anunciou a composição da equipa técnica que vai liderar a formação sénior no Campeonato Distrital da II divisão da Associação de Futebol de Beja na época 2021/2022. O treinador principal será Luís Ramos, que terá ao seu lado Mário Correia (adjunto), Carlos Correia (treinador de guarda-redes) e Nuno Atafona (vídeo analista).

Associação SCAV Sport Ciclismo Almodôvar correu a Volta ao Alentejo

“DE ALMODÔVAR PARA O ALENTEJO”

Uma equipa de jovens corredores, com as camisolas do Almodôvar/Delta Cafés/Crédito Agrícola, pedalou cinco dias pelas estradas da região alentejana, integrada no pelotão da 38.ª Volta ao Alentejo em Bicicleta.

TEXTO FIRMINO PAIXÃO

Uma das formações da Associação SCAV/Sport Ciclismo Almodôvar, clube que faz jus ao epíteto de Almodôvar ser a capital do ciclismo no Alentejo, rolou no Alentejo, como tem pedalado um pouco por todo o País e, ainda no último fim de semana, cumpriu uma jornada dupla que o levou a Viana do Castelo e a Águeda.

Treinada por Fernando Vieira, com Filipe Quinta e Pedro Barão sempre na roda do conjunto, a formação sub/23 almodovarense foi muito combativa na “Alentejana”. Sempre nas fugas, nunca se escondeu, apesar dos jovens andarem entre os mais cotados do pelotão nacional. Raul Ribeiro, Ivo Pinheiro, Ricardo Gil, Daniel Marques, André Santos, Quévin Sequeira e Guilherme Simão, mostraram diariamente a camisola, deram visibilidade aos patrocinadores, à vila e à região.

Aliás, é “uma equipa de Almodôvar para o Alentejo”, como referiu o seu diretor desportivo, o alcobacense Fernando Vieira.

Como surgiu o Fernando Vieira neste projeto?

Surgiu nesta equipa depois de ter sido treinador do Bombarral e a convite do Filipe Quintas, porque ele já tinha corrido comigo no Alcobaça, Foi um projeto de que eu gostei imenso e a minha própria família deu-me força para o abraçar, porque também gostaram muito do Filipe, na altura em que ele lá esteve, e deram-me força para eu vir para tão longe. Tentei fazer a melhor equipa, dentro das possibilidades do clube. O nosso objetivo era estarmos um pouco melhores neste terceiro ano do projeto, mas a pandemia atrasou um bocado a nossa evolução, porque, no ano passado, os patrocínios que conseguimos foram poucos e ninguém se apercebe, certamente, o dinheiro que se gasta com uma equipa sub/23 de clubes.

É muito dinheiro, não é fácil sustentar um projeto desta dimensão...

Os nossos patrocinadores também apoiam outras equipas, temos bons patrocinadores, mas também temos a consciência de que, repartindo o apoio por outras equipas, não po-



Temos criado a equipa a pensar na vila de Almodôvar e na região. Muita gente não se apercebe disso, daí o interesse de termos disputado a Volta ao Alentejo. Estamos cá em nome do povo alentejano”.

derão dar ao Almodôvar aquilo de que nós tínhamos necessidade. De qualquer maneira estamos a fazer o nosso melhor, é o terceiro ano deste projeto, porque o objetivo era andarmos com as elites com mais potência e mais qualidade, para que o povo alentejano soubesse que o Almodôvar já está, há três anos, neste patamar competitivo; a correr com as elites e a fazer provas em sub/23. Há muita gente no Alentejo que ainda nem sabe que esta equipa do Almodôvar existe.

A Volta ao Alentejo foi uma excelente

montra para este projeto?

Esta Volta ao Alentejo é uma grande competição, e eu sempre pedi aos atletas que procurassem estar bem nesta altura e, na realidade, assim aconteceu, porque em todas as etapas cumprimos os nossos objetivos de participação em fugas. Tenho um lote de ciclistas capaz de lutar por uma boa classificação final em qualquer prova.

Qual o verdadeiro potencial desta equipa do Almodôvar?

É uma equipa que eu fui formando, contactando ciclistas, alguns deles pelo telefone, porque mal os conhecia. No final da época anterior também não havia a certeza daquilo que poderia ser este ano a equipa do Almodôvar, mas felizmente conseguimos reunir-se um bom grupo. Uma equipa que, provavelmente, será das melhores que possuímos nestes últimos três anos. É um misto de ciclistas, alguns que já me conhecem há bastante tempo, outros que conheci esta época. Não pode ser uma equipa, apenas, com atletas de Almodôvar, é um misto de corredores nos quais apostámos e que confiam em nós. É esse o grupo que temos, um atleta que veio lá de cima do norte, outros aqui da região mas, na verdade, a maior parte, não sendo da terra, são, efetivamente, naturais do Alentejo.

Esta época, a equipa já disputou um interessante conjunto de provas, as

últimas foram a Volta ao Alentejo, a Clássica de Viana do Castelo e o Anicolor...

Sim, só não competimos no Grande Prémio do Douro Internacional, porque dois dos atletas não conseguiram dispensa da escola. Tinham testes para realizar, o final do ano letivo estava próximo e não conseguimos realmente participar nessa prova. Mas eu sempre lhes disse que primeiro estão os compromissos académicos e depois o ciclismo, por isso, preferimos estar todos, e bastante fortes, na Volta ao Alentejo. No último fim de semana estivemos em Viana do Castelo e depois tivemos o Grande Prémio Anicolor, em Águeda. Só não faremos a Volta a Portugal, mas estaremos em todas as outras provas com as equipas de elites.

A equipa mostrou a camisola e acrescentou alguma combatividade às etapas?

Sim, foi realmente muito bom, porque os ciclistas em fuga conseguiram algumas vantagens interessantes e as escapadas foram duradouras. Quebraram a monotonia das etapas e acrescentaram competitividade à corrida. Sabemos que o objetivo das equipas de elite é anularem as fugas, mas o nosso trabalho é esse, animar as etapas... mostrámos que estávamos ali e valorizámos as nossas camisolas, ao mesmo tempo que demos confiança aos nossos ciclistas

que, muitas vezes, têm medo de vir à frente do pelotão. Mas eu tenho-os preparados para o escalão de elite, sei que isso está difícil, as equipas são poucas, mas temos aqui já ciclistas que cresceram muito bem e ganharam muita confiança em si próprios.

O projeto da SCAV está estruturado com qualidade e tem futuro?

Olhe, é preciso muito trabalho e muita coragem para criar um clube como é o Almodôvar. Julgo que tenho dado uma boa ajuda, cabe-lhes a eles reconhecer isso, ou não. Tenho muitos anos disto, corri no Benfica entre os 19 e os 27 anos, a partir daí tenho andado sempre em equipas de clubes e formei o Alcobaça Centro de Ciclismo. Tenho conhecimentos para seguir em frente, mas tenho que possuir recursos humanos e, às vezes é essa a dificuldade. O Almodôvar tem que melhorar a qualidade dos ciclistas para nós podermos mostrar aos alentejanos que estamos cá para fazermos o nosso melhor. Quando eu corria no Benfica, já existia uma equipa em Almodôvar, mas andou um pouco esquecida. Queremos recuperar esse tempo, muitos alentejanos não se apercebem aquilo que estamos a fazer pelo Alentejo. Temos criado a equipa a pensar na vila de Almodôvar e na região. Muita gente não se apercebe disso, daí o interesse de termos disputado a Volta ao Alentejo. Estamos cá em nome do povo alentejano.

BOLA DE TRAJOS

JOSÉ SAÚDE

E o mundo rendeu-se

Já lá vão 37 anos quando a 2 de julho de 1984 o mundo se rendeu a um feito que levou anos a conhecer um outro protagonista. Fernando Mamede, em Estocolmo, Suécia, batia o recorde do mundo na distância de 10 mil metros com o tempo de 27:13.81, deixando para trás o seu companheiro de sempre nestas andanças atléticas, Carlos Lopes. À passagem dos sete mil metros o bejense adiantou-se e ninguém mais o alcançou. Fernando Eugénio Pacheco Mamede nasceu em Beja no dia 11 de novembro de 1951 e o atletismo foi o seu cosmos. O nosso conhecimento reporta-se à infância. Jogámos futebol nos juvenis do Despertar e fomos antigos alunos da Escola Industrial e Comercial de Beja, sendo, também, ex-pupilos do professor de educação física Rony.

Recordo a sua quão valiosa arte para o universo das corridas. Nós, garotos, víamos no Mamede um craque. Nas tardes de quarta-feira e sábado cheguei a correr ao seu lado nas voltas interiores à nossa escola. Voltas onde só raríssimos companheiros de jornada o acompanhavam nas suas já longas passadas. O Vítor Santos lá lhe dava luta. Num campeonato distrital de corta-mato, em Moura, conquistou a primeira vitória num pecúlio imensurável. Perante o rol de triunfos ao serviço da Mocidade Portuguesa, ei-lo, com 18 anos, e pela mão do saudoso professor Moniz Pereira, a assinar contrato com o Sporting Clube de Portugal.

Falar sobre o Fernando Mamede é enaltecer um recordista de distinta elite. A um recorde mundial, três europeus e 27 nacionais, honraram um pecúlio que lhe fora literalmente inquestionável. Sintetizemos: um recorde mundial de 10.000 metros; três recordes europeus de 10.000 metros; dois recordes nacionais de 5.000 metros; dois recordes nacionais de 3.000 metros; um recorde nacional de duas milhas; dois recordes nacionais de 2.000 metros; seis recordes nacionais de 1.500 metros; um recorde nacional da milha; um recorde nacional dos 1.000 metros; cinco recordes nacionais de 800 metros; um recorde nacional de 500 metros; dois recordes nacionais nos 4x1500 metros; dois recordes nacionais nos 4x800 metros e um recorde nacional de 4x400 metros.

Importa, ainda, trazer à estampa o seu curriculum como júnior: dois recordes nacionais de 4x400 metros; dois recordes nacionais de 400 metros; um recorde nacional de 500 metros; quatro recordes nacionais de 800 metros; um recorde nacional de 1.000 metros e um recorde nacional de 1.500 metros.

Observando a esplêndida veracidade, é caso para citar que estamos perante irreversíveis conquistas que fizeram dele um recordista de suprema primazia. O que lhe faltou foi uma medalha nos Jogos Olímpicos, um evento onde registou três presenças: Munique, 1972, Monte Real, 1976 e Los Angeles, 1984. Aqui, o recordista não impôs as suas autênticas competências quando o tema era medalhas. Corria e as pernas recusavam a sua habitual cadência. Ficou a mágoa. Não obstante essa contrariedade, a sua maravilhosa história desportiva ficará eternamente chancelada a letras de ouro.



Uma época de destaque para mesa tenistas campeões do Luso Serpense

UMA ÉPOCA POSITIVA

Concluída uma época desportiva a todos os títulos difícil, pela conjuntura pandémica em que decorreu, é possível, apesar dessas contrariedades, concluir que o ténis de mesa na cidade de Serpa superou as melhores expectativas, mais no Luso Serpense do que na Casa do Povo de Serpa.

TEXTO FIRMINO PAIXÃO

E a confirmá-lo estão os resultados que aqui se destacam no plano individual e coletivo, com a equipa principal do Luso Serpense a assegurar a manutenção na II Divisão Nacional de Honra e a equipa bê a sagrar-se campeã associativa na categoria de seniores. Em termos individuais, os destaques maiores vão para os mesa tenistas Edilson Rodrigues, no escalão de seniores, para o júnior Ruben Zhang, o cadete José Seita e o infantil Carlos Nunes, todos eles a sagrarem-se campeões individuais associativos.

Em sentido contrário esteve a equipa da Casa do Povo de Serpa, que não conseguiu a desejada manutenção na II Divisão. O professor António Azedo Bentes, mesa tenista e responsável técnico pela modalidade naquelas duas coletividades da “Terra Forte” adiantou ao “Diário do Alentejo” que depois de um ano desportivo atípico, com alguns meses de paragem devido à pandemia, terminou em maio de 2021 a fase regular do Campeonato Nacional da II Divisão de Honra e, pelo 24.º ano consecutivo, a equipa do Luso Serpense “conseguiu a manutenção nesta difícil prova, composta também pelas equipas do Benfica, Sporting B, Vitória de Setúbal, Sebastianense (dos Açores), Top Spin (de Sintra), Montamora SC (de Fátima), Ega (de Condeixa-a-Nova), Boa Hora e Casa do Povo Serpa”.

O técnico, figura proeminente do ténis de mesa na região sul alentejana, adiantou também que o Luso Serpense “está, mais uma vez, de parabéns, pela boa época realizada,

tendo terminado em sexto lugar, num ano repleto de dificuldades de várias ordens, só superadas pela dedicação e união de todos os elementos que compõem a equipa. João Bentes, Miguel Lampreia, Edilson Rodrigues e Amadeo Asensio, foram os atletas da equipa principal que, mais uma vez, dignificaram o clube e a sua terra”.

Por outro lado, lamentou António Azedo Bentes, a Casa do Povo de Serpa, “composta por atletas menos experientes, não conseguiu resistir às dificuldades da prova e, juntamente com a equipa do Boa Hora desceu para a II Divisão Nacional. O Sebastianense, dos Açores, foi o primeiro classificado e subiu à I Divisão Nacional”.

No planto individual, realizaram-se, no último mês de junho, em Viana do Alentejo, os campeonatos da Associação de Ténis de Mesa de Évora, nas categorias seniores, juniores, cadetes e infantis, todos dominados pelos atletas serpens, como relatou o responsável técnico: “Em seniores o campeão foi Edilson Rodrigues, do Luso Serpense, logo seguido por António Falé, dos Vianenses. Nos juniores o campeão foi Ruben Zhang, da Casa do Povo de Serpa, e o segundo lugar foi para José Seita, do Luso Serpense, que também acumulou o título de campeão de cadetes. Na categoria de infantis o primeiro lugar foi para Carlos Nunes, do Luso Serpense, e o segundo lugar para Santiago Coelho, do mesmo clube”.

Por outro lado, António Azedo Bentes, deixou ainda a nota de que terminou no passado dia 26 de junho o Campeonato Associativo de Equipas Seniores, em que o vencedor foi a equipa bê do Luso Serpense, logo seguido pelo Externato António Sérgio, de Beringel, e, em terceiro lugar, classificou-se a formação do São Pedrense, de Arraiolos.

CARTA DESPORTIVA DO CONCELHO DE MOURA A Câmara Municipal de Moura acaba de aprovar, entre outros documentos

estruturantes para a atividade do concelho, a Carta Desportiva, documento que a autarquia considera ser “um instrumento de trabalho com um caráter dinâmico, capaz de enquadrar o maior número de variáveis de caráter desportivo que possam ser consideradas no âmbito do município”. A Câmara avança mesmo que “a Carta Desportiva do Concelho de Moura é vista como um instrumento determinante para uma reflexão em torno da procura necessária de fatores sobre a realidade desportiva concelhia, assim como para alicerçar a resposta a questões do desporto num processo de conhecimento contextual”.

ESTAÇÃO NÁUTICA DE ODEMIRA A cerimónia pública de certificação da Estação Náutica de Odemira realizou-se, na última semana, no Cais da Fateixa, em Vila Nova de Milfontes. O evento contou com a presença da secretária de Estado do Turismo, Rita Marques, do presidente da Câmara Municipal de Odemira, José Alberto Guerreiro, e de António José Correia, representante da Fórum Oceano, entidade certificadora. A Estação Náutica de Odemira (ENO) refere uma nota do município, está certificada desde abril de 2021 e integrando a rede de Estações Náuticas de Portugal, abrange três polos no curso do rio Mira: os de Vila Nova de Milfontes, de Odemira e da albufeira de Santa Clara.

Adianta ainda o mesmo documento que a ENO “constitui uma rede de oferta turística náutica e complementar de qualidade, organizada a partir da valorização dos recursos náuticos existentes no território”. A sua missão é a de “organizar, divulgar e disponibilizar aos visitantes e munícipes uma oferta integrada e diversificada de atividades náuticas e de outros eventos e/ou experiências complementares, de alojamento, restauração, animação e serviços, bem como garantir a sustentabilidade económica, social e ambiental do território”.

BEJA2021

BILHETES À VENDA NO WEBSITE DO FESTIVAL, NO PAX JÚLIA - TEATRO MUNICIPAL E NOS PONTOS DE VENDA BILHETEIRA ONLINE (ABEP - AGÊNCIA DE BILHETES PARA ESPECTÁCULOS PÚBLICOS, EL CORTE INGLÉS, FNAC, WORTEN; CTT, SERVEASY E PAGAQUI.)
FESTIVALMUPA.PT

16
07

PAX_JÚLIA_-_TEATRO_MUNICIPAL:
GABRIEL_FERRANDINI *
ANDRÉ_GONÇALVES *

JARDIM_PÚBLICO:
BLEID/(VON)_CALHAU!
MARIA_REIS
POP_DELL'ARTE

17
07

PAX_JÚLIA_-_TEATRO_MUNICIPAL:
TÓ_TRIPS

JARDIM_PÚBLICO:
XESY/MAZARIN
PISTA/SCURU_FITCHÁDU
LANDIM

*ENTRADA LIVRE BILHETE DIÁRIO:7€ PASSE GERAL:13€

música
22H00 >> PARQUE DESPORTIVO
MOULLINEX 09.07
DADA GARBECK 17.07
SARA CORREIA 24.07
introdução: Luís Trigacheiro
22H00 >> ESPAÇO NORA
SILLY 10.07

teatro
22H00 >> CASTELO
TEATRO DAS BEIRAS 14.07
PROJECTO RUÍNAS 15.07
BAAL17 16.07
ASTA - TEATRO E OUTRAS ARTES 21.07
COLECTIVO CAL e SOCIEDADE HARMONIA EBORENSE 22.07

novo circo
22H00 >> CASTELO
LABORATÓRIO 23.07

tertúlias
disto e daquilo
22H/01H >> ESPAÇO NORA
HAJA LATA 14.07/23.07

workshop teatro
CINETEATRO MUNICIPAL
TEATRO LOBBY 07.07/10.07
OS EVENTOS REALIZAM-SE DE ACORDO COM AS REGRAS RECOMENDADAS PELA DGS

SERPA
9 > 24 JULHO
workshops | música | teatro | novo circo
PARQUE DESPORTIVO, CASTELO e ESPAÇO NORA
+info: www.baal17.pt
Facebook: noitesnanora

2021
22ª EDIÇÃO

Diário do Alentejo n.º 2046 de 09/07/2021 Única Publicação

CARTÓRIO NOTARIAL EM BEJA

NOTÁRIO: JOAQUIM MANUEL VITAL RUIVO

EXTRATO

Joaquim Manuel Vital Ruivo, notário em Beja, com Cartório Notarial na Rua Luís de Camões, nº 5, CERTIFICA NARRATIVAMENTE, que dia um de julho de dois mil e vinte e um, a folhas dez, do livro de notas para escrituras diversas, número 45 - C deste Cartório, outorguei escritura justificção do seguinte teor:

António Manuel da Silva, NIF 133550672, natural de Ervidel, concelho de Aljustrel, e mulher Ana Maria Dias Madeira da Silva, NIF 156936810, natural da freguesia de Santiago Maior, concelho de Beja, casados entre si sob o regime da comunhão de adquiridos, residentes na Rua 25 de Abril, número 38-A, em Ervidel, Aljustrel,

E por eles foi dito: Que com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do seguinte imóvel: Prédio urbano, sito na Rua 5 de Outubro, em Ervidel, da freguesia de Ervidel, concelho de Aljustrel, composto por dois compartimentos, destinado a habitação, confronta a Norte com António Manuel Lampreia; a Sul com Rua 5 de Outubro; a Nascente com Estrada Nacional e a Poente com Rua do Poço, descrito na Conservatória do Registo Predial de Aljustrel sob o número mil quatrocentos e vinte e cinco (freguesia de Ervidel), e aí registado em comum e sem determinação de parte ou direito, a favor de: António José Amador Parelho e mulher Maria de Lurdes David do Pereiro; Custódia Amador Chanoca; Elisa Pereira casada com José Joaquim Fernandes; Francisca Rosa Parelho e marido José Gentil Favinha Franco; Joaquim da Silva Parelho e mulher Ludovina Daniel Augusta Pereira Sardinha; Julia Amador Chanoca; Luisa Pereira Gulipa; Manuel Pereira Carapinha, e mulher Antónia Maria da Silva; Laurinda da Conceição Raposo; Maria Antónia Nobre, Maria Júlia Vieira Raposo, e marido Domingos Pereira Palma, Joaquim Carlos Vieira Raposo e mulher Ana de Jesus Gonçalves Batista e Maria Antónia, conforme apresentação um de oito de fevereiro de mil novecentos e setenta e cinco e seus averbamentos. Prédio inscrito na matriz predial urbana sob o artigo 615, da dita freguesia de Ervidel, com o valor patrimonial tributável para efeitos de IMT e IS de 6.556,90€.

Que os justificantes, são também donos de um prédio contíguo a este e pouco depois de casarem, no final do ano de mil novecentos e setenta e seis, em dia e mês que não sabem precisar, fizeram uma compra verbal do prédio à então possuidora Custódia Chanoca, en-tretanto falecida, pelo preço de quinze mil escudos, não conseguindo realizar depois a escritura pública, por a mesma não ter conseguido registar o prédio em seu nome, por razões que desconhecem. Que com essa compra e venda, assim a partir desse ano de mil novecentos e setenta e seis, os requerentes entraram na posse e fruição do prédio.

Que, dadas as circunstâncias da posse, há mais de vinte anos, adquiriram o dito prédio por USUCAPIÃO, não dispondo porém de título e que o mesmo não é suscetível de ser com-provado pelos meios extrajudiciais normais, impossibilitando-os, assim e por natureza de serem reconhecido o seu direito de propriedade perfeita.

Está de conforme com o original.

O Notário
Lic. Vital Ruivo

Diário do Alentejo n.º 2046 de 09/07/2021 Única Publicação

CARTÓRIO NOTARIAL EM BEJA

NOTÁRIO: JOAQUIM MANUEL VITAL RUIVO

EXTRATO

Joaquim Manuel Vital Ruivo, notário em Beja, com Cartório Notarial na Rua Luís de Camões, nº 5, CERTIFICA NARRATIVAMENTE, que dia dois de julho de dois mil e vinte e um, a folhas vinte e sete do livro de notas para escrituras diversas, número 45 - C deste Cartório, outorguei escritura justificção do seguinte teor:

Maria Angelina da Luz, NIF 178742457 e marido Manuel dos Reis da Cruz, NIF 108140016, ambos naturais da freguesia e concelho de Mértola, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, residentes na Rua da Cooperativa Zambujalense, Banda 11-64, em Zambujal, Sesimbra

E por eles foi dito que com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do seguinte imóvel: Prédio urbano, situado no Monte Alto, da freguesia e concelho de Mértola, composto por quatro compartimentos, destinado a habitação, com a área total e coberta de oitenta metros quadrados, que confronta a Norte com Herdeiros Bento Martins da Luz; a Sul com eles justificantes; a Nascente com via pública e a Poente com Lucília Raposo Teixeira, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Mértola que é a competente. Prédio que tem como primeiros ante-possuidores conhecidos Henrique Capelo Medeiros, casado no regime da comunhão de adquiridos com Maria Manuela Teixeira Guerreiro Medeiros, residentes no Monte Alves, em Santana de Cambas, e como segundos ante possuidores conhecidos Francisco Medeiros, viúvo, residente em Monte Alto, Mértola. Prédio inscrito na matriz urbana sob o artigo 2526, da mencionada freguesia, (o qual proveio do artigo 909, da freguesia e concelho de Mértola), e aí tem como titular inscrito "Francisco Medeiros - Cabeça de Casal da Herança de"; com o valor patrimonial tributável para efeitos de IMT e IS de 3.917,90€ . Que o Francisco Medeiros era seu avô, e faleceu no Monte Alto, em Mértola, onde residia e que depois da sua morte, e em dia e mês que não sabem precisar do ano de mil novecentos e oitenta, os seus herdeiros, por o prédio não estar descrito, fizeram partilha verbal e acordaram na adjudicação do prédio à herdeira Benvinda Luciana Medeiros. Que a partir desse ano de mil novecentos e oitenta, com a dita partilha, a sua mãe Benvinda Luciana Medeiros e seu pai, António Bento da Luz, entraram na posse do prédio agora sob justificção e nele passaram a habitar e para esse efeito nele fizeram obras de reparação e de conservação e pintura, nos telhados, paredes, portas e janelas e outras obras que se mostraram necessárias, pagando os respetivos impostos e encargos.

Depois no final da década de noventa sua mãe ficou doente e os pais doaram-lhes verbalmente a casa - ao tempo já casados - e assim eles entraram na posse do referido imóvel.

Que, dadas as circunstâncias da posse, há mais de vinte anos, adquiriram o prédio por USUCAPIÃO, não dispondo porém de título e que o mesmo não é suscetível de ser comprovado pelos meios extrajudiciais normais, impossibilitando-os, assim e por natureza de serem reconhecido o seu direito de propriedade perfeita.

Está de conforme com o original.

O Notário
Lic. Vital Ruivo

Análises Clínicas ▼



Laboratório de Análises Clínicas de Beja, Lda

Laboratório de Análises Clínicas de Beja, Lda.
Dr. Fernando H. Fernandes
Dr. Armindo Miguel
R. Gonçalves

Horários das 8 às 18 horas

Acordo com beneficiários

da Previdência/ARS; ADSE; SAMS; CGD; GNR; ADM; PSP;
 Multicare; Advance Care; Médicis

FAZEM-SE DOMICÍLIOS

Rua de Mértola, 86, 1.º

Rua Sousa Porto, 35-B

Telefs. 284324157 e 284325175 Fax 284326470

7800 BEJA

Medicina dentária ▼

FERNANDA FAUSTINO

Técnica de Prótese Dentária

Vários Acordos

(Diplomada pela Escola Superior de Medicina Dentária de Lisboa)

Rua General Morais Sarmento, n.º 18, r/chão

Telef. 284326841

7800-064 BEJA

Otorrinolaringologia ▼

DR. J. S. GALHOZ
Ouvidos, Nariz e Garganta
Exames da audição

Consultas a partir das 14 horas

Praça Diogo Fernandes, 23 - 1.º F (Jardim do Bacalhau)

Telef. 284322527 BEJA

Urologia ▼

AURÉLIO SILVA
UROLOGISTA

Hospital de Beja
 Doenças de Rins e Vias Urinárias

Consultas às 6.ªs feiras na Policlínica de S. Paulo

Rua Cidade S. Paulo, 29

Marcações pelo telef. 284328023 BEJA

Hematologia Clínica ▼

HEMATOLOGIA CLÍNICA

Doenças do Sangue

ANA MONTALVÃO

Assistente Hospitalar Graduada

Marcações de 2.ª a 6.ª feira, das 15 às 19 horas

Terreiro dos Valentes, 4-1.ª A 7800-523 BEJA Tel. 284325861

Cardiologia ▼

MARIA JOSÉ BENTO SOUSA
e LUÍS MOURA DUARTE

Cardiologistas

Especialistas pela Ordem dos Médicos
 e pelo Hospital de Santa Marta

Assistentes de Cardiologia no Hospital de Beja

Consultas em Beja Policlínica de S. Paulo

Rua Cidade de S. Paulo, 29

Marcações: telef. 284328023 - BEJA

Oftalmologia ▼

JOÃO HROTKO

Médico oftalmologista

Especialista pela Ordem dos Médicos
Chefe de Serviço de Oftalmologia
do Hospital de Beja

Consultas de 2.ª a 6.ª

Acordos com:

ACS, CTT, EDP, CGD, SAMS.

Marcações pelo telef. 284325059 Rua do Canal, nº 4 7800 BEJA

ESTAMOS ABERTOS

Dermatologia ▼

TERESA ESTANISLAU
CORREIA

MÉDICA DERMATOLOGISTA

BEJA

284 329 134

Marcações de Segunda a Sexta das 11h30 às 16h30

Rua Manuel de Brito Nº 4 – 1º Frt

7800-544 BEJA

E-mail: clinidermatecorreia@gmail.com

LISBOA

217 986 150

Marcações de Segunda a Sexta das 14h às 19h

Rua Julieta Ferrão, 10 – 3º Esqº

1600-131 LISBOA

Medicina dentária ▼

CLÍNICA MÉDICA
DENTÁRIA JOSÉ BELARMINO, LDA.

Rua Bernardo Santareno, nº 10

Telef. 284326965 BEJA

DR. JOSÉ BELARMINO

Clínica Geral e Medicina Familiar (Fac. C.M. Lisboa)

Implantologia Oral e Prótese sobre Implantes

(Universidade de San Pablo-Céu, Madrid)

CONSULTAS EM BEJA

2ª, 4ª e 5ª feira das 14 às 20 horas

EM BERINGEL

Telef 284998261 6ª e sábado das 14 às 20 horas

DRª PAULA RODRIGUES

Psicologia Clínica – Hospital de Beja

DRª MARIA GÓMEZ

Psiquiatria – Hospital de Beja

Psicologia ▼

MARGARIDA RAMOS

PSICÓLOGA

Mestre pelo ISPA

HIPNOTERAPEUTA pelo:

London College of Clinical Hypnosis

Especialista pela Ordem dos Psicólogos em:

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

PSICOTERAPIA

Consultório:

Rua General Humberto Delgado, nº 2 Beja

Marcações: 967665641

<https://psicologiabeja.wixsite.com/psicologa-margarida>

Clínica dentária ▼

Dr. José Loff

Prótese fixa e removível

Estética dentária

Cirurgia oral/Implantologia

Aparelhos fixos e removíveis

VÁRIOS ACORDOS

Consultas: de segunda a sexta-feira, das 9 e 30 às 19 horas

Rua de Mértola, n.º 43 – 1.º esq. Tel. 284 321 304 Tm. 925651190

7800-475 BEJA

Estomatologia
Cirurgia Maxilo-facial

DR. MAURO FREITAS VALE
MÉDICO DENTISTA

Prótese/Ortodontia

Marcações pelo telefone 284321693 ou no local

Rua António Sardinha, 3, 1.º G

7800 BEJA

Clínica geral ▼

GASPAR CANO

MÉDICO ESPECIALISTA
EM CLÍNICA GERAL/MEDICINA
FAMILIAR

Marcações a partir das 14 horas Tel. 284322503

Clinipax Rua Zeca Afonso, n.º 6-1.º B – BEJA

Pediatría ▼



Pediatría

CLÍNICA DA CRIANÇA DE BEJA UNIP, LDA
MÉDICA PEDIATRA : Drª CONSTANÇA BENTES

Novo Horário da CCBeja

2ª Feira e 5ª Feira: 14h às 20h

3ª Feira e 4ª Feira: 10H às 12h e das 14h às 20h

6ª Feira: 10h às 13h

Contatos: Clínica - 284 326 752

Tel. de Apoio Pediátrico: 965 207 043

E-Mail: ccbeja@live.com.pt

Morada: Rua da Olivença nº19, 7800-294 Beja



Centro de Radiologia de Beja

Manuel Matias
Isabel Lima
Miguel Oliveira e Castro
Jaime Cruz Maurício
Maria José Sousa
Luís Moura Duarte



Radiologia convencional / Radiologia Dentária
Mamografia / Osteodensitometria
Ecografia / Eco-Doppler
Tomografia Computorizada (TAC)
Colonoscopia Virtual
Deteção precoce do cancro do pulmão
Ecocardiografia
Doppler Cardíaco

CONTRATO DE ADESAO: **U.L.S.B.A.**
(Hospital de Beja e Centros de Saúde)

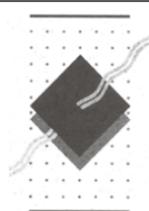
ACORDOS:
ADSE • PT-ACS • CGD • SAMS • SAMS Quadros
SEGUROS:
Medis • Multicare • Allianz • WDA • Humana
Mondial Assistance • AdvanceCare • Future Healthcare

MARCAÇÕES:

T. 284 313 330 Tm. 967 640 129 / 914 910 193

Rua Afonso de Albuquerque, 7 r/c 7800 - 442 BEJA

geral@crb.pt www.crb.pt



**CENTRO
DE IMAGIOLOGIA
DO BAIXO ALENTEJO**

**TOMOGRAFIA
COMPUTORIZADA (TAC)
ECOGRAFIA
MAMOGRAFIA
ECO DOPPLER**

Médicos Radiologistas
António Lopes / Aurora Alves
Helena Martelo / Montes Palma
Médica Neuroradiologista
Alda Jacinto
Médica Angiologista
Helena Manso

Convenções:

ULSBA (SNS)

ADSE, ACS-PT, SAD-GNR, CGD, MEDIS, SSMJ,
SAD-PSP, SAMS, SAMS QUADROS, ADMS,
MULTICARE, ADVANCE CARE

Marcações:

Tm. 928058603 Tel. 284318490 Tm. 928053329

Horário: de 2.ª a 6.ª feira, das 8 às 19 horas
e aos sábados, das 8 às 13 horas

Av. Fialho de Almeida, n.º 2 7800 BEJA

**Clínica
Médico-Dentária
de S. FRANCISCO,
LDA.**

**Gerência
de Fernanda Faustino**

**Acordos: SAMS, ADMG,
PSP, ADME,
Portugal Telecom
e Advancecare**

Rua General Morais Sarmiento,
n.º 18, r/chão;
TEL. 284327260 7800-064 BEJA

ACESSÓRIOS

**PARA TODOS OS TIPOS
DE TRATORES AGRÍCOLAS
E INDUSTRIAIS**

**CONSULTEM-NOS
SIPEMA**

TELEFONES: 243 32 30 45 / 243 32 83 30

TELEMÓVEL: 96 245 80 63

WHATSAPP: 96 194 82 17

E-MAIL: sipema_str@hotmail.com

Fisioterapia

**Centro de Fisioterapia
S. João Baptista, Lda.**

Fisiatria

Dr. Carlos Machado

Neurocirurgia

Dr. Daniel Maymone

Psicologia Clínica

Dr.ª M. Carmo Gonçalves

**Tratamentos de Fisioterapia
Classes de Mobilidade
e Reeducação do Pavimento Pélvico
Classes de Reeducação
Postural/Pilates
Reabilitação Pós-Mastectomia
Técnicas de Acupuntura
Tratamento por Ondas de Choque
Hidroterapia/Classes no Meio Aquático**

Acordos com ADSE, SAD//GNR, SAD/PSP,
Medicare, ADM, SAMS, Medis,
Advance Care, Multicare, Allianz,
Seguros/Acidentes de Trabalho, Planuscard

Marcações pelo ☎ 284322446; 284094496; 915624315
Rua 25 de Abril, 11 cave esq. 7800-521 BEJA
cfisioterapiasjb@gmail.com

Diário do Alentejo n.º 2046 de 09/07/2021 Única Publicação



DESPERTAR SPORTING CLUBE

DECLARAÇÃO DE RETIFICAÇÃO

Informam-se os sócios do Despertar Sporting Clube, que a convocatória para Assembleia Geral do Clube, foi publicada no Diário do Alentejo com inexatidão, aferindo-se um erro no que concerne à data da sua realização, assim se emite a presente declaração de retificação. Salientando-se que onde consta o dia 02 de Julho de 2020, deveria ter constado o dia 19 de Julho de 2021 (a data efetiva da sua realização). Os restantes preceitos constantes na convocatória mantêm-se inalterados.

Beja, 30 de Junho de 2021.

**O Presidente da Assembleia Geral
do Despertar Sporting Clube**
Rui Xavier

Clinipax
PELA SUA SAÚDE



- Angiologia e Cirurgia Vasculuar: Dr.ª Helena Manso Ribeiro
- Cirurgia Geral: Dr. Gabriel Gomes
- Cirurgia da Obesidade: Dr. Octávio Viveiros
- Dermatologia: Dr.ª Ana Filipe Monteiro
- Endocrinologia: Dr.ª Ana Sousa Martins | Dr. Dinis Reis
- Enfermagem: Enf.ª Maria J. Espanhol
- Gastrenterologia: Dr. Ricardo Lopes
- Ginecologia e Obstetrícia: Dr.ª Luisa Guerreiro
- Hematologia: Dr.ª Ana Montalvão
- Medicina Geral e Familiar: Dr. Gaspar Cano
- Medicina Interna: Dr. Quintino Biague
- Medicina Tradicional Chinesa: Dr. Rafael Lopes
- Neuro Cirurgia: Dr.ª Dr. Rui Rato
- Nutricionismo: Dr.ª Verónica Túbal
- Ortopedia / Traumatologia: Dr. André Ramos
- Otorrinolaringologia: Dr. Guedes Damaso
- Pediatria: Dr.ª Isabel Brito Lança - **Linha de Apoio: 284 092 503**
- Pneumologia: Dr.ª Ana Cristina Duarte
- Preparação Pré e Pós Parto: Enf.ª Maria José Espanhol
- Psicologia Clínica: Dr. Francisco Barrocas | Dr.ª Margarida Mendes
- Psicologia Educacional (Orientação Vocacional): Dr.ª Madalena Espinho
- Psiquiatria: Dr. Filipe Godinho
- Psiquiatria da Infância e da Adolescência: Dr.ª Isabel Santos
Dr.ª Cláudia Gomes Cano
- Reumatologia: Dr. Fernando Pimentel
- Senologia - Cirurgia da Mama: Dr. Luís Mestre
- Terapia da Fala: Dr.ª Ana Margarida Soares
- Terapia Sexual: Dr.ª Helena Pinheiro
- Urologia: Dr. Francisco Fino Correia



FUNERAIS - TRASLADAÇÕES - CREMAÇÕES - EXUMAÇÕES - TANATOPRAXIA

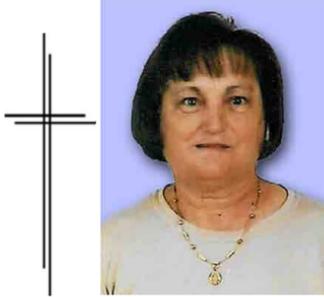
PAX-JÚLIA

AGÊNCIA FUNERÁRIA

CUIDANDO DE PESSOAS, FAZENDO A DIFERENÇA...



FERNANDES - MÉRTOLA



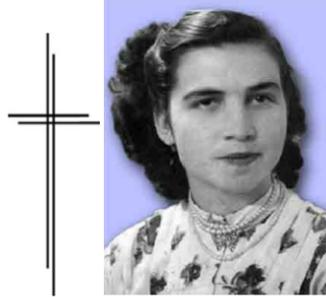
†. Faleceu a Exma. Sra. **D. BRANCA FELÍCIA DA SILVA FERREIRA**, de 74 anos, natural de Santiago - Alcácer do Sal, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 02, no crematório de Setúbal.

BEJA / ERVIDEL



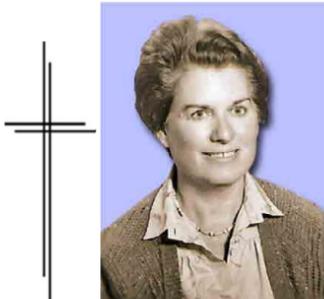
†. Faleceu o Exmo. Sr. **FLORIVAL CONCEIÇÃO GODINHO ROSA**, de 87 anos, natural de Ervidel - Aljustrel, casado com a Exma. Sra. D. Maria Exaltação Fernandes Rosa. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 02, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério de Ervidel

BERINGEL



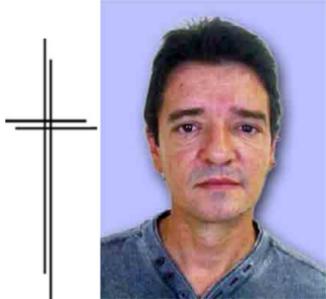
†. Faleceu a Exma. Sra. **D. SUZETE DA CONCEIÇÃO COSTA MARQUES**, de 87 anos, natural de Silves - Silves, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 05, da Casa Mortuária de Beringel, para o cemitério local.

BEJA



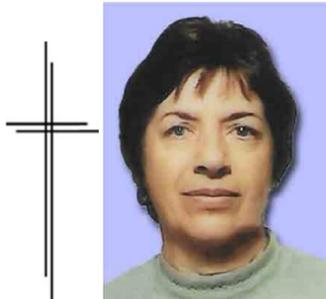
†. Faleceu a Exma. Sra. **D. MARIA DE JESUS GOMES ILDEFONSO FIALHO SÃO JOÃO**, de 87 anos, natural de Martim Longo - Alcoutim, casada com o Exmo. Sr. Joaquim Pedro Fialho São João. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 06, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.

SINTRA



†. Faleceu o Exmo. Sr. **MARCO ANTÓNIO GONÇALVES RODRIGUES**, de 47 anos, natural de Moçambique, solteiro. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 06, no cemitério Ferreira Alentejo, onde foi cremado.

VILA AZEDO / SANTA VITÓRIA



†. Faleceu a Exma. Senhora **D. IDALINA ROSA ENGROSSA VIRTUDE PARRINHA**, de 72 anos, natural de Santa Maria da Feira - Beja, casada com o Exmo. Sr. José António Virtude Parrinha. O funeral a cargo desta agência, realizou-se no passado dia 08, da Casa Mortuária de Santa Vitória, para o cemitério local.

As famílias enlutadas apresentamos as nossas mais sinceras condolências



Loja 1: Rua da Cadeia Velha, 16, 20 e 22 * 7800-143 BEJA
Loja 2: Av^a Miguel Fernandes, 10 * 7800-396 BEJA
Telef.: 284311300 Telem.: 967311300 Fax.: 284311309
www.funerariapaxjulia.pt - www.facebook.com/funepaxjulia

Gêrencia:
Manuel Nunes**NUNES**
- AGÊNCIA FUNERÁRIA -

Serviço permanente dia e noite

962 946 642

284 311 170

Funerais ❖ Trasladações ❖ Cremações
Artigos Religiosos

Tratamos de toda a burocracia

Serviço digno e em tudo distinto

Rua da Cadeia Velha 15 - Beja

É uma honra sermos escolhidos por si

www.funerarianunes.com - funerarianunes@gmail.com

www.facebook.com/AgenciaFunerariaNunes

VENDE-SE

Motorizada marca Zundapp, fabrico alemão, 4 velocidades. Com mais de 60 anos, impecável e poucos kms.

Contactar tm. 927187666

CEDE-SE LOJA

Com terminal de jogos SCML em Beja

Aos interessados contactar

961067024/964695790

**AMNISTIA INTERNACIONAL****DOIS MINUTOS PARA OS DIREITOS HUMANOS****1. PORTUGAL**

O Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, condecorou a Amnistia Internacional Portugal, no passado dia 21 de junho, com o título de Membro Honorário da Ordem da Liberdade, pelo seu trabalho na defesa dos Direitos Humanos, nomeadamente no seu papel para o cumprimento dos direitos sociais, económicos e culturais, no respeito pelos direitos dos refugiados e na luta contra o racismo e xenofobia.

2. GRÉCIA

As autoridades gregas estão a deter, de forma violenta e ilegal, grupos de refugiados e migrantes, antes de os devolverem forçadamente à Turquia, contrariando as suas obrigações em matéria de direitos humanos no âmbito do direito europeu e internacional. Existem também relatos de violência, que constituem uma violação à proibição internacional de tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes.

3. CANADÁ

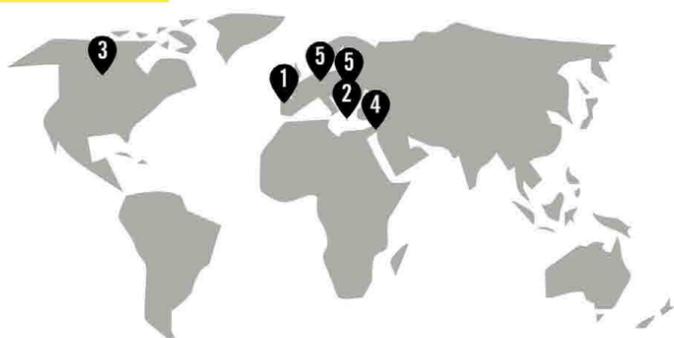
Todos os anos, o Canadá detém milhares de pessoas, devido a questões migratórias. Mesmo aquelas que fogem de perseguições e procuram proteção no país, ou as que têm deficiências, são detidas, muitas vezes em condições abusivas. Vários destes migrantes são ainda algemados, presos e mantidos em contacto reduzido com o mundo exterior, enquanto esperam a sua libertação, por períodos que podem ir de diversos meses até anos.

4. ISRAEL / TPO

A polícia israelita cometeu múltiplas violações de direitos humanos contra palestinianos, realizando uma campanha repressiva discriminatória, composta por detenções em massa, uso ilegítimo da força contra manifestantes pacíficos e submissão de detidos a tortura e maus-tratos, durante e após as hostilidades armadas em Israel e Gaza. Falhou ainda na obrigação de proteger todas as pessoas sob controlo israelita, quer fossem judias ou palestinianas.

5. ALEMANHA / HUNGRIA

Como sinal de solidariedade com as pessoas LGBTI que, em especial na Hungria, têm visto retrocessos na garantia dos seus direitos humanos, a Amnistia Internacional distribuiu bandeiras arco-íris aos adeptos de futebol no jogo Alemanha-Hungria do Campeonato Europeu de futebol, que decorreu em Munique. Esta ação surge depois do parlamento húngaro ter aprovado, a 15 de junho, uma nova lei que proibia representações não heterossexuais - em livros escolares e filmes.

Junte-se a nós. Encontre o grupo mais perto de si em www.amnistia.pt/grupos

Diário do Alentejo n.º 2046 de 09/07/2021 Única Publicação



CÂMARA MUNICIPAL DE SERPA

AVISO

O Vereador do Pelouro do Urbanismo e Ordenamento do Território, **Carlos Alberto Bule Martins Alves**.

FAZ SABER, nos termos do art.º 74.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 136/2014 de 9 de setembro, é emitido o alvará de licenciamento de loteamento n.º 01/2021, em nome de **Frederico Borralho, Unipessoal, Lda**, pessoa coletiva n.º 515936944, que titula a aprovação da operação de loteamento com obras de urbanização, denominado “Loteamento da Providência”, sito na Estrada da Providência, em Serpa, localizado no prédio urbano descrito na Conservatória do Registo Predial de Serpa sob o nº 3622/20121219, e inscrito na matriz predial da União de Freguesias de Serpa (Salvador e Santa Maria) sob o artigo 3870, o qual confina, a Norte: Estrada da Providência, Sul: José Parreira Orta Cano, a Nascente: com caminho e poente: João dos Santos Carvoeiras.

O prédio urbano encontra-se registado com uma área total de 8.196,925m2. A área do prédio objeto da operação de loteamento abrange uma área de 2.460,218m2, sendo definida como remanescente, a restante área de 5.736,707m2.

O licenciamento da operação de loteamento com obras de urbanização foi aprovado por deliberação da Câmara Municipal na sua reunião de 19 de fevereiro de 2020, tendo sido presentes a reunião de Câmara de 22 de setembro de 2020 os projetos de obras de urbanização do loteamento e definida a prestação de caução a favor da Câmara Municipal, e deferida a emissão do respetivo alvará em reunião de Câmara de 21 de junho de 2021.

A área de intervenção da operação de loteamento localiza-se, de acordo com o definido no Regulamento do Plano de Urbanização de Serpa, em “Espaços Residenciais - Tipo 2 (RC2)”.

A operação de loteamento é constituída por 9 lotes destinados a Habitação, compostos por 1 moradia unifamiliar por lote, com altura prevista até 2 pisos acima da cota de soleira, e 1 piso abaixo da cota de soleira, destinado a arrumos.

QUADRO URBANISTICO DE SÍNTESE

Nº Lote	Área	Número e Piso		Área Implantação Máxima Habitacional	Área Bruta de construção	Estacionamento Lote	IOB (%)	IMP (%)	Uso
		Acima da cota soleira	Abaixo da cota soleira						
1	186,19	≤ 2	1	167,57	223,43	2	90	90	Habitação
2	195,34	≤ 2	1	175,80	234,40	2	90	90	Habitação
3	204,48	≤ 2	1	184,03	245,38	2	90	90	Habitação
4	213,05	≤ 2	1	191,75	255,66	2	90	90	Habitação
5	220,83	≤ 2	1	198,75	264,99	2	90	90	Habitação
6	227,66	≤ 2	1	204,90	273,20	2	90	90	Habitação
7	231,04	≤ 2	1	207,93	277,24	2	90	90	Habitação
8	223,92	≤ 2	1	201,53	268,71	2	90	90	Habitação
9	195,86	≤ 2	1	176,28	235,04	2	90	90	Habitação
	1 898,38			1 708,54	2 278,05	18			

Estacionamento: 30 lugares (18 lugares no interior dos lotes + 12 lugares no espaço público)

Quadro de Áreas:

- Área total do prédio: 8 196,925 m²
- Área total do loteamento: 2 460,218 m²
- Área total dos lotes: 1 898,376 m²
- Área remanescente: 5 736,707 m²

Áreas de cedência ao domínio público: 567 m², que inclui:

- a) Espaços verdes e de utilização coletiva: 252 m²
- b) Equipamentos de utilização coletiva: 315 m²
- c) Infraestruturas:
 - a. Área de arruamentos: 109,170 m²
 - b. Passeios: 299,114 m²
 - c. Estacionamentos: 153,559 m²

As obras de urbanização deverão ser concluídas no prazo de 7 meses a contar da presente data, tendo sido prestada caução no valor 94.385,94€, sob a forma de garantia bancária autónoma a favor desta Câmara Municipal, mantendo-se a mesma válida até à receção definitiva das obras de urbanização.

Deverá ser dado cumprimento ao regime de gestão de resíduos de construção e demolição, durante a execução das obras de urbanização, de acordo com o disposto no Decreto-Lei nº 46/2008 de 12 de março na sua atual redação.

Constitui parte integrante do presente alvará as seguintes peças escritas e desenhadas:

- Memória Descritiva
- Planta de síntese com quatro urbanimétrico
- Planta com a identificação das áreas de cedência

Dado e passado para que sirva de título ao requerente e para todos os efeitos prescritos no Decreto-Lei n.º 555/99, de 16/ de dezembro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 136/2014 de 9 de setembro.

Paços do Município de Serpa, aos vinte cinco dias do mês de junho de 2021

O Vereador do Pelouro do Urbanismo e Ordenamento do Território,
Carlos Alberto Bule Martins Alves

Diário do Alentejo n.º 2046 de 09/07/2021 Única Publicação

CARTÓRIO NOTARIAL EM BEJA
NOTÁRIO: JOAQUIM MANUEL VITAL RUIVO

EXTRATO

Joaquim Manuel Vital Ruivo, notário em Beja, com Cartório Notarial na Rua Luís de Camões, nº 5, CERTIFICA NARRATIVAMENTE, que dia dois de julho de dois mil e vinte e um, a folhas trinta e quatro do livro de notas para escrituras diversas, número 45 - C deste Cartório, outorguei escritura justificativa do seguinte teor:

a) Maria do Espírito Santo Pavanito Miguinhas de Lemos, NIF 108301079, natural da freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, casada sob o regime da comunhão geral de bens com Manuel Justino Rato de Lemos, NIF 108301222, residente na Rua Ramiro Correia, número 22, em Vila de Frades, Vidigueira; b) Gertrudes Rosa Miguinhas de Lemos Granja, casada, natural da freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, residente na Rua Oleiro Gago, número 16, em Vila de Frades, Vidigueira, a qual outorga em representação de seu pai: Manuel Justino Rato de Lemos, NIF 108301222, natural da freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, casado sob o regime da comunhão geral de bens com a Maria do Espírito Santo Pavanito Miguinhas de Lemos, residente na Rua Ramiro Correia, número 22, em Vila de Frades, Vidigueira; c) Desidério Joaquim Pavanito Miguinhas, NIF 109105214, natural da freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, casado sob o regime da comunhão de adquiridos com Maria Joana Pavanito Baixinho Miguinhas, NIF 178434515, residente na Rua de Portugal, Lote 57 – D, rés do chão, em Vale do Forno, Odivelas; d) Daniel Fernando Pavanito Miguinhas, NIF 109105176, natural da freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, casado sob o regime da comunhão de bens com Cidália Maria Pavanito Baixinho Miguinhas, NIF 135202558, residente nas Escadinhas da Saúde, número 10, rés do chão, em Lisboa, - e) Teresa Febrónia Pavanito Miguinhas, NIF 127982213, divorciada, natural da freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, residente no Bairro Nossa Senhora do Carmo, Rua de Viana, número 49, em Évora.

E por eles por si e na dita qualidade, foi dito: Que com exclusão de outrem, os justificantes e representado são donos e legítimos possuidores, em comum e sem determinação de parte ou direito, do seguinte imóvel: prédio urbano, sito na Rua Ribeiro da Vila, em Vila de Frades, freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, composto por seis compartimentos térreos e quintal e poço, confronta a norte e sul com Arsénio José Parreira; a nascente com Manuel do Quim; e a poente Rua do Ribeiro da Vila; descrito na Conservatória do Registo Predial de Vidigueira sob o número mil novecentos e dezoito (freguesia de Vila de Frades), e aí registado um meio do usufruto a favor de José Maria Miguinhas, conforme apresentação três de 22/6/1961; um vinte e oito avos a favor de Manuel Joaquim Caetano, conforme apresentação seis de 14/12/1961; cinco duzentos e oitenta avos, nas proporções de cinco duzentos e oitenta avos a favor de Eduardo Domingos Carrasco Caetano; cinco duzentos e oitenta avos a favor de Francisco Artur Carrasco Caetano; quatro duzentos e oitenta avos a favor de Joaquim Januário Caetano Honrado e quatro duzentos e oitenta avos a favor de Manuel Francisco Caetano, conforme apresentação um de 24/02/1962; nas proporções de quatro de duzentos e oitenta avos a favor de Florinda de Jesus Caetano; quatro duzentos e oitenta avos a favor de Francisco Pedro Candeias, vinte duzentos e oitenta avos a favor de Inácio das Dores Caetano; cinco duzentos e oitenta avos a favor de José Manuel Carrasco Caetano; cinco duzentos e oitenta avos a favor de Margarida Tera Carrasco Caetano; vinte duzentos e oitenta avos a favor de Maria de Jesus Caetano, quatro duzentos e oitenta avos a favor de Maria José Caetano; dez duzentos e oitenta avos a favor Mariana Clara Caetano e vinte duzentos e oitenta avos a favor de Virgílio José Casimiro Caetano, conforme apresentação seis de 14/12/1961, e ainda inscrições nas proporções de cinco vinte avos a favor de Gertrudes Joana Minhoto Pavanito Miguinhas; um vinte avos a favor de Manuel Justino Rato de Lemos e mulher Maria do Espírito Santo Pavanito Miguinhas casados sob o regime da comunhão geral de bens; um vinte avos a favor de Maria de Fátima do Corro Marques Miguinhas, e Maria do Espírito Santo Pavanito Miguinhas casada sob o regime geral com Manuel Justino Rato de Lemos, neste caso, conforme apresentação um de 22/04/1975 e ainda um vinte avos a favor de Desidério Joaquim Pavanito, conforme apresentação dois de 20/05/1975. Prédio inscrito na matriz predial urbana sob o artigo 248, da mencionada freguesia de Vila de Frades, e aí tem como titular inscrito “Gertrudes Joana Pavanito Miguinhas – herança de”, e o V.P. de 24.152,99€.

Que no início do ano de mil novecentos e setenta, o prédio estava na posse de José Maria Miguinhas, o qual fez partilha verbal com os restantes herdeiros de sua falecida mulher Júlia Tereza Caetano - ela falecida nos idos anos mil novecentos e sessenta e um - por estarem longe, ficando acordado entre eles, que o prédio era adjudicado ao José Maria Miguinhas, mas sucedendo que depois não conseguiram formalizar essa partilha por alguns dos herdeiros estarem longe e alguns não se interessarem e que com os anos, alguns faleceram o que complicou a celebração da escritura publica,

Que depois, o José Maria Miguinhas casou com Gertrudes Joana Minhoto Pavanito Miguinhas, por seu óbito em 1974 a posse da casa foi continuada em iguais moldes por Gertrudes Joana Minhoto Pavanito – a titular da matriz – com quem entretanto se tinha casado.

Que a Gertrudes Joana por sua vez faleceu no dia vinte e quatro de dezembro de dois mil e quatro e a posse do prédio foi continuada por seus filhos, os justificantes.

Que, dadas as circunstâncias da posse, há mais de vinte anos, adquiriram o prédio por USUCAPIÃO, não dispondo porém de título e que o mesmo não é suscetível de ser comprovado pelos meios extrajudiciais normais, impossibilitando-os, assim e por natureza de verem reconhecido o seu direito de propriedade perfeita.

Está de conforme com o original.

O Notário
Lic. Vital Ruivo

Diário do Alentejo n.º 2046 de 09/07/2021 Única Publicação

CARTÓRIO NOTARIAL EM BEJA
NOTÁRIO: JOAQUIM MANUEL VITAL RUIVO

EXTRATO

Joaquim Manuel Vital Ruivo, notário em Beja, com Cartório Notarial na Rua Luís de Camões, nº 5, CERTIFICA NARRATIVAMENTE, que dia um de julho de dois mil e vinte e um, a folhas vinte e um, do livro de notas para escrituras diversas, número 45 - C deste Cartório, outorguei escritura justificativa do seguinte teor:

António Joaquim Gordo Pereira Carapeto, casado, natural da freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, residente no Bairro Dr. António Covas Lima, número 6-A, em Vidigueira, o qual outorgou: na qualidade de Provedor e em representação da Santa Casa da Misericórdia de Vila de Frades, pessoa jurídica canonicamente ereta, com o NIPC 502133422, com sede no Largo Fialho de Almeida, freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, inscrita no Portal do Registo Central do Beneficiário Efetivo, em 11 de junho de 2021, qualidade e poderes que verifiquei pelos Estatutos datados de 7 de outubro de 2015, e pela ata da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Vila de Frades número Um, de 15 de junho de 2021,

E por ele foi dito, que a sua representada, Santa Casa da Misericórdia é, com exclusão de outrem, dona e legítima possuidora dos seguintes imóveis, não descritos na Conservatória do Registo Predial de Vidigueira, que é a competente:

UM) Prédio urbano, sito em Vila de Frades, na freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, composto por um edifício da Igreja com 2 compartimentos para culto, nove para habitação e duas dependências, que se destina a habitação, que confronta de Norte com António Cid, a Sul com Praça Fialho de Almeida, a Nascente com Rua André Martins e a Poente com Rua Portas de Évora, com a área total de trezentos e quarenta e cinco metros quadrados, e área coberta de duzentos e noventa metros quadrados. Prédio inscrito na respetiva matriz predial urbana sob o artigo 531, em nome dela justificante, Santa Casa da Misericórdia, e aí com o valor patrimonial tributável para efeitos de IMT e IS de € 32.662,70;

DOIS) Prédio urbano, sito em Vila de Frades, na freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, composto por uma morada de casas com dois compartimentos, que se destina a Ar-recadações e arrumos, que confronta de Norte e Nascente com Pedro António Leal, a Sul com Igreja da Misericórdia, e a Poente com Rua Portas de Évora, com a área total e coberta de trinta e um metros quadrados. Prédio inscrito na respetiva matriz predial urbana sob o artigo 358, em nome dela justificante, a dita Santa Casa da Misericórdia e aí com o valor patrimonial tributável para efeitos de IMT e IS de € 1.867,60.

Que a sua representada foi instituída, fundada, nos idos anos do século dezasseis e que na freguesia de Vila de Frades existe uma outra Igreja, pertencente à Fábrica da Igreja local e que esta Igreja e o prédio em DOIS, que dela é um anexo, desde sempre estiveram na posse da Santa Casa da Misericórdia.

Que, dadas as circunstâncias da posse, há mais de vinte anos, a Santa Casa da Misericórdia de Vila de Frades, adquiriu os ditos prédios por USUCAPIÃO, não dispondo porém de título e que o mesmo não é suscetível de ser comprovado pelos meios extrajudiciais impossibilitando-a, assim e por natureza de ver reconhecido o seu direito de propriedade perfeita

Está de conforme com o original.

O Notário
Lic. Vital Ruivo

ETC.

VINHOS

MANUEL BAIÔA

UM VINHO ARISTOCRÁTICO E BIOLÓGICO DE MÉRTOLA

RICARDO ZAMBUJO



Francisco D'Assis Costa tem uma longa carreira como veterinário e médico, mas é no Monte de Santo António, em Mértola, que mostra a sua alma alentejana e de agricultor. Em 2002 decidiu recuperar o património familiar, iniciando um projeto de agricultura biológica, onde o vinho tem um papel central.

Francisco D'Assis Costa nasceu em Mértola e formou-se em medicina veterinária, tendo seguido a carreira militar no exército. Posteriormente fez formação em medicina humana, onde se tem especializado nas áreas da medicina natural, holística e integrativa. Desenvolveu a sua atividade profissional em Lisboa, onde tem algumas clínicas. No entanto, no novo milénio decidiu que era tempo de regressar a Mértola para recuperar as terras e o Monte de Santo António, que tinha herdado. "O meu

pai comprou esta propriedade há mais de 50 anos e passou a ser um local de encontro e de convívio. Depois de um período de abandono, decidi assumir o património familiar e recuperá-lo, iniciando um projeto de agricultura biológica e de produção de vinhos", explica.

MONTE DE SANTO ANTÓNIO A propriedade inicial era mais reduzida, mas após algumas aquisições totaliza atualmente 12 hectares, com diversas árvores de fruto, horta e três hectares de vinha. Após um estudo cuidadoso do solo xistoso e das várias exposições solares das parcelas, decidiram plantar as castas Alicante Bouschet, Touriga Nacional, Syrah, Moscatel Roxo, Trincadeira e Aragonês. Francisco D'Assis Costa transferiu a sua experiência e formação na medicina veterinária e na

medicina natural para o campo, tendo optado por praticar uma agricultura sustentável baseada na produção biológica e biodinâmica, comercializando fruta fresca, mel, licores, frutos secos azeite e vinho.

A sua localização privilegiada em altitude, a 500 metros de Mértola, permite ter uma visão global da região, avistando-se o horizonte natural em seu redor por algumas dezenas de quilómetros.

Quando o projeto foi desenhado pensou-se em transformar o monte numa unidade de saúde ambiental, alimentar, regenerativa e energética, tendo construído todas as instalações para esse efeito.

"Preparei esta propriedade para ser um turismo de saúde, mas depois percebi que os fins de semana que passo no monte eram insuficientes. A minha vida profissional em Lisboa ainda me ocupa muitos dias, e para oferecer um serviço de alta qualidade teria de estar cá muito mais tempo. Pode ser que se concretize dentro de alguns anos", diz o empresário.

O monte possui diversos furos, uma barragem de grandes dimensões e dois lagos com um sistema de circulação da água para melhorar a sua qualidade e pureza. As plantas são irrigadas pelo sistema gota a gota com água alcalina, submetida a processos naturais de polarização e azonização, de forma a atribuir à água uma estrutura molecular tridimensional e magnetizada negativamente, o que, garante o proprietário, "a torna mais fácil de reter, melhorando o metabolismo das plantas".

OS VINHOS Quando Francisco D'Assis Costa pensou em colocar no mercado um vinho de grande qualidade lembrou-se do nome do primeiro e único conde de Mértola – Friedrich von Schönberg. O vinho é elaborado com o máximo cuidado na vinha e na adega, aplicando por exemplo, a poda em verde para que a videira produza cachos de grande qualidade. A apresentação e rotulagem do vinho transmite requinte e qualidade, com lacre de cera de abelha colocado manualmente e rolhas 'premium' com mensagens históricas ou motivacionais diferentes. A primeira edição foi da colheita de 2013, já esgotada. O de 2014 foi elaborado com as castas Alicante Bouschet, Touriga Nacional e Syrah e encontra-se num momento de prova excepcional. Em 2015 foi lançado o primeiro reserva, elaborado com Trincadeira e Aragonês, tendo um estágio mais prolongado em barrica de carvalho francês. Mostra-se mais denso e estruturado. Neste momento já está no mercado a edição da colheita de 2017. Os Frederick von S. são vinhos de guarda e de grande refinamento, transportando-nos para a Mértola histórica, natural e bravia.

Friedrich von Schönberg



Friedrich von Schönberg (Heidelberg, 16 de dezembro de 1615 - 1 de julho de 1690) era descendente de uma antiga família da nobreza do Eleitorado do Palatinado (na atual Alemanha). Tendo

ficado órfão nos primeiros meses de vida foi criado por familiares. Começou a sua carreira militar com Frederico Henrique, príncipe de Orange, esteve ao serviço da Suécia, e em 1650 instalou-se em França, onde ascendeu pelos seus feitos na guerra, até se tornar Marechal de Campo. A Restauração da independência portuguesa em 1 de dezembro de 1640 deu lugar ao início de uma guerra longa e sangrenta. A Espanha teve poucas iniciativas bélicas até 1659, pois estava envolvida, entre outras, na Guerra dos Trinta Anos e na Guerra Franco-Espanhola. A situação alterou-se nesse ano e a coroa portuguesa passou a estar sob perigo eminente. O Rei D. Afonso VI enviou, em 1660, uma delegação a Paris, chefiada pelo conde de Soure, para negociar secretamente o apoio dos franceses à guerra contra os espanhóis. O rei francês Luís XIV cedeu armas e alguns oficiais, entre os quais, aquele que era considerado "o mais hábil soldado do seu tempo", o marechal conde de Schönberg. Este oficial reorganizou o exército português e teve um papel decisivo nas Batalhas do Ameixial (1663) e de Montes Claros (1665). O rei recompensou-o atribuindo-lhe o título de conde de Mértola (1668), uma pensão generosa e o governo das armas do Alentejo. Friedrich von Schönberg regressou a França em 1668 após ter terminado a Guerra da Restauração, mas a sua condição de protestante obrigou-o a procurar outros monarcas por quem combater. Tornou-se general das forças de Frederico Guilherme, eleitor de Brandemburgo e viria a morrer em combate aos 74 anos, na Batalha de Boyne Water, na Irlanda, em 1690, então ao serviço do rei Guilherme

Frederick von S. Conde de Mértola tinto 2017



Monte F. Assis - Sociedade Agro-Turística, Lda
Castas: Touriga Nacional, Syrah, Aragonês, Alicante Bouschet e Trincadeira

14%, PVP: 29 euros

Vinho biológico e vegan proveniente de Mértola, uma terra selvagem e natural. Tem um aroma muito fino a frutos vermelhos, com algumas notas florais. Na boca é fresco e elegante, com a fruta a mostrar grande pureza e harmonia. Ainda está muito jovem, pelo que irá evoluir bem nos próximos anos.

MÚSICA

JOSÉ SERRANO

VÁ CARVÃOOOOOOOOOO!

“Nós não fazemos parte de uma banda rock, fazemos parte de uma banda de metal”, diz João Ramos, vocalista dos Ho Chi Minh, em entrevista ao “Diário do Alentejo”, reforçando a energia do som da banda bejense que está a comemorar 20 anos de amplificadores ligados ao público. Duas décadas de música celebradas através do lançamento do álbum “This is Hell” e do tão aguardado regresso aos palcos – “a melhor das sensações”.

Vinte anos passados desde o início da banda, encontram-se no ponto do caminho expectável ou a paisagem do momento é completamente diferente daquela que poderiam prever? Nunca pensámos muito onde queríamos estar, passados “x” anos. A verdade é que a banda tem neste momento 20 anos de existência e, mais do que pensar onde deveríamos estar hoje, pensamos onde vamos querer estar amanhã, esse é o nosso foco – conseguir o máximo de oportunidades de mostrar o nosso trabalho.

Na celebração destes 20 anos lançaram, em janeiro último, o disco “This is Hell”. Que inferno é este, o vosso? Este álbum tem uma sonoridade mais “dark”, mais pesada, do que os nossos registos anteriores – foi algo que achámos que faria sentido quando compusemos as músicas. A vida muitas vezes parece um inferno e há que conseguir dar a volta por cima... Se na verdade sentirmos, por vezes, que tudo o que nos rodeia parece um inferno, que haja a força e a determinação para nos “sentirmos em casa”, conseguindo seguir em frente, apoiando-nos naqueles que nos amam e que nos rodeiam.

A inspiração para as vossas músicas provém dos mesmos estímulos, de 2001, ou é inevitável ir bebendo, ao longo

do caminho, a outras fontes? Como é óbvio, o caminho que percorremos vai-nos moldando e influenciando. A inspiração continua a ser a mesma – partilhar e viver momentos entre amigos e para amigos. Mas hoje somos seres humanos e músicos diferentes do que éramos, há 20 anos. As músicas são outras mas a mensagem e a ideologia é a mesma.

Sendo raras as bandas com a longevidade da vossa, qual o segredo desta vossa união? O segredo é a amizade, que sempre nos uniu. A capacidade para nos dedicarmos a algo sem interesses próprios ou individuais. Partilhamos o amor à música, partilhamos sentimentos, mas acima de tudo partilhamos um amor ao coletivo, que é a nossa banda.

Quase dois anos depois, voltaram agora aos palcos – tocaram recentemente no Pax Julia Teatro Municipal, em Beja no RCA Club, em Lisboa. Qual a sensação deste regresso à comunhão com o público? A sensação é muito boa. Se por um lado dar concertos para um público sentado é estranho, sem a partilha do calor que este tipo de música proporciona, a vontade de partilhar emoções e de voltar a sentir o prazer de estar em palco supera este facto. Quem foi aos nossos concertos anteriores, apesar de assumir que é estranho estar sentado, gostou bastante de poder a voltar a ver-nos ao vivo.

O palco é, para vocês, o prazer musical supremo, algo insuperável? Estar em palco é a melhor sensação de todas, sem dúvida. O estúdio depende mais de músico para músico. Eu adoro o processo de estúdio – na elaboração das músicas gosto de ver tudo a acontecer, desde o início até ao fim. Os ensaios também são excelentes momentos de partilha e de convívio, mas



diria que estar em palco é a melhor das sensações, sem dúvida.

De que forma se adaptaram, como músicos, ao período de confinamento imposto pela pandemia? Paralisou a pulsão criativa ou, por outro lado, impulsionou novas ideias e caminhos? No nosso caso específico serviu apenas para termos mais tempo para preparar os concertos ao vivo. Na verdade, veio em muito má hora (se é que haveria uma boa hora), porque já tínhamos terminado as gravações do álbum e a pandemia acabou por “paralisar” o processo que tínhamos pensado para este disco.

Beja tem sido o berço de inúmeras bandas. Como diriam que está o estado de saúde do rock bejense, se compararmos com o que se passava em 2001, o vosso ano de estreia? Diríamos que está pior... A tendência atual não está direcionada para o rock/metal. Neste momento, os jovens estão mais virados para outros estilos de música e há, sem dúvida, menos bandas de originais em Beja, com muita pena nossa.

Consideram que os poderes públicos, nomeadamente aqueles que se relacionam com a área cultural, deveriam criar melhores condições para as bandas existentes e fomentar as circunstâncias para as que possam ambicionar surgir? Na verdade, pensamos que para

recebermos boas condições e oportunidades temos que as merecer. Muitas vezes, existe a ideia que basta existir, que basta fazer alguns ensaios para se merecer boas condições e apoios. Nós, ao longo dos anos, conquistámos o nosso espaço: iniciámos os ensaios debaixo da bancada exterior da Casa da Cultura de Beja, mais tarde passámos para uma sala debaixo do palco e depois para uma sala que pertencia ao Conservatório. Fomos sempre agradecidos e respeitadores dos apoios que nos foram dados e mostrámos que seríamos uma bandeira da nossa cidade, num estilo que não é ‘mainstream’. É verdade que a sonoridade não é comercial, mas também é verdade que não nos faltaram oportunidades de atuar nos principais eventos da cidade como a Ovibeja, a Rural Beja e a Bejalterna. Nos dias de hoje, acredito que não seja tão fácil isso acontecer, pelas razões que já disse anteriormente – a tendência atual da música é outra. Assumimos, no entanto, que gostaríamos de voltar à Ovibeja ou, mais ainda, tocar na Praça da República. Seria um orgulho para nós... quem sabe, um dia.

Sentem que, com 20 anos de amplificadores ligados, têm vindo a criar descendência metálica em Beja? Sentimos que somos uma referência para a cidade, dentro deste estilo musical. Não sei se estaremos a criar uma descendência metálica mas penso que seremos, sempre, uma referência para possíveis novos projetos.

Que importância tem para as vossas vidas o facto de fazerem parte de uma banda rock? Nós não fazemos parte de uma banda rock, fazemos parte de uma banda de metal – isto para reforçar que a sonoridade é mais forte que a do rock. A importância que tem, esse facto, é a possibilidade de podermos partilhar algo entre nós e as pessoas que nos ouvem e se identificam connosco, que são cada vez mais. Mais importante do que o som é a mensagem, e essa pode resumir-se ao facto de não precisarmos de seguir as mesmas linhas ou tendências dos outros. Temos muito orgulho no que fazemos e nos valores inerentes à sonoridade que tocamos, são esses valores que vou querer, enquanto pai, transmitir aos meus filhos. Igualdade de direitos e deveres para todos! Não precisamos de seguir as tendências que os outros seguem para sermos aceites ou felizes.

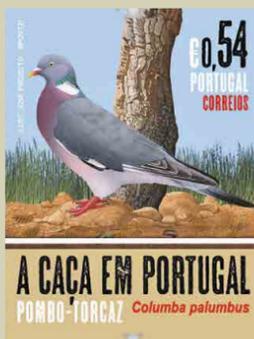
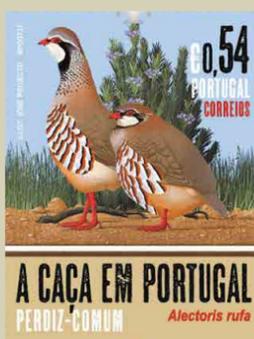
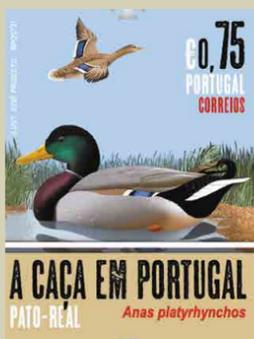
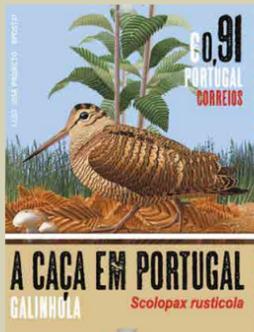
Como gostariam de comemorar Ho Chi Minh, daqui a mais vinte anos, em 2041? Com os nossos filhos em palco a tocar – e nós no público, com os nossos amigos de uma vida, a ver! Vá carvãoooooooooo!

Nota: Os Ho Chi Minh são formados por João Ramos (voz), Aresta e Rosa (guitarras), Pedro Reis (baixo) e Arlindo Cardoso (bateria).

FILATELIA

GEADA DE SOUSA

A CAÇA, ATIVIDADE MULTISSECLAR EM SELOS



No final do mês passado (dia 28) entrou em circulação uma emissão que celebra a “Caça em Portugal”. Foram emitidos cinco selos que nos mostram outros tantos exemplares de aves muito procuradas pelos amantes desta atividade tão antiga como o é, certamente, o aparecimento da vida animal na terra, pois todas as espécies animais vivas a praticam, ou praticaram, para a sua sobrevivência.

Trata-se de uma emissão que se prolongará em 2022 com a emissão de um segundo grupo da mesma temática e a edição, por parte dos CTT, de um livro temático sobre o assunto que, como é habitual neste tipo de produto, incluirá os dois grupos de selos entretanto emitidos. As aves agora representadas são o pombo-torcaz (0,54 euros), a perdiz (0,54), o pato-real (0,75), a narceja (0,88) e a galinhola (0,91).

Nas últimas décadas tem-se assistido com frequência à intervenção das autoridades responsáveis por esta área, que hoje é principalmente lúdica, no sentido da sua regulamentação, de forma a manter a preservação das várias espécies. Infelizmente esta política que visa a proteção das espécies nem sempre foi praticada com as medidas e frequência desejadas, pois recuando até meados do século passado vemos que tal não acontecia.

Em emissões dedicadas a outras temáticas, que não à caça, já encontramos algumas destas aves em outros selos, como o são por exemplo o pombo torcaz e a galinhola. O pombo torcaz, já foi representado no selo de 57 escudos da emissão de 1987, “Aves da Madeira” (1.º grupo) e a galinhola é uma das aves (selo de 60 escudos) representadas na emissão de 1988 “Aves dos Açores”. Para ambas emissões os correios emitiram uma caderneta, pelo que estes exemplares existem em duas versões: denteados dos quatro lados e não denteados horizontalmente, como costuma acontecer neste tipo de produto filatélico.

Quanto às outras aves representadas, narceja, perdiz e pato-real não

constam do “Índice Alfabético de Motivos do Catálogo de Selos Postais e Marcas Pré-Adesivas” (2020) pelo que são inexistentes na filatelia portuguesa.

As ilustrações são do ‘designer’ José Projecto.

EMISSIONES PARA O MÊS DE JULHO Tal como aconteceu no mês passado em que houve sete novas emissões, este mês também parece ir ser fértil em novos selos. Já foram emitidas duas séries: “Áreas Protegidas” e “Terço da Armada da Coroa de Portugal”, respetivamente nos passados dias 2 e 6. Hoje, dia 9, entra em circulação uma nova emissão, “Joias do Mediterrâneo – EuroMed”. Seguem-se no dia 12 a “Liberdade de Imprensa” e, no dia 19, os “500 Anos da Chegada de Fernão de Magalhães às Filipinas”.

PROJETO DO ARQUITETO DANIEL PINHO PREMIADO EM ODEMIRA

Uma obra de habitação e serviços da autoria do arquiteto Daniel Pinho conquistou a edição de 2020 do Prémio de Reabilitação Urbana do Município de Odemira (Prumo), promovido pela Câmara de Odemira no âmbito do Programa Odemira Reabilita – Programa de Incentivos à Reabilitação do Património Edificado, e que contempla um prémio pecuniário de cinco mil euros. O projeto do arquiteto Daniel Pinho incidu num imóvel, no núcleo antigo de Odemira, que estava devoluto, em mau estado de conservação e tinha dois espaços comerciais disfuncionais. “A criação de uma habitação unifamiliar e a criação de um espaço autónomo para a instalação de ‘atelier’, contribuíram para a revitalização e diversificação das funções urbanas”, explicou a autarquia.

FESTIVAL DO SUDOESTE ADIADO PARA AGOSTO DE 2022

A 24.ª edição do Festival Sudoeste, na Zambujeira do Mar, adiada para os dias entre 02 e 06 de agosto de 2022.

“Não sendo ainda conhecidas as regras para a realização de grandes eventos, nem a resposta ao plano de contingência que elaborámos em colaboração com a Cruz Vermelha Portuguesa, e estando apenas a um mês das datas previstas, e face ao tempo necessário para a preparação e montagens, torna-se inviável a realização do festival este ano”, lamentou a promotora Música no Coração, em comunicado. A organização do festival disse ter aguardado “até ao limite do possível”, tendo consciência do impacto do adiamento nas “vidas dos artistas e profissionais envolvidos”, dos “patrocinadores e parceiros, da economia local” e do público. Adiado de 2020 para 2021, o festival Sudoeste estava marcado para os dias entre 03 e 07 de agosto deste ano, com a abertura do campismo a 31 de julho. Do cartaz faziam parte, entre outros, Bad Bunny, Major Lazer e Melim. Os bilhetes do festival adquiridos para 2020 ou 2021 mantêm-se válidos para a edição de 2022, sem necessidade de troca ou emissão de novos ingressos.



À MESA

ANTÓNIO CATARINO Jornalista

UM VELHO LAGAR ONDE APETECE ESTAR TEMPO SEM FIM

O cabeço acastelado de Monsaraz vislumbra-se lá no alto, entre sobreiros e vinhedos, qual farol protetor dos barcos que sulcam as calmas águas da albufeira da barragem de Alqueva, um lago que alterou, de modo radical, uma parcela muito vasta da região alentejana. O encanto da paisagem manteve-se e ganhou novas cores, que podem juntar-se às da olaria local, com forte tradição em S. Pedro do Corval, a meio caminho entre Reguengos e Telheiro.

Nesta povoação, no sopé do morro de onde a altiva Monsaraz domina léguas ao derredor, um velho lagar de azeite foi adaptado por um intrépido velejador holandês, que se apaixonou pelo Alentejo e pelas suas gentes. Fruto de uma história de amor, nasceu há mais de duas décadas o restaurante Sem Fim.

O espaço de arqueologia industrial manteve-se, perpetuando a memória do local, animado com manifestações no domínio das artes plásticas. Uma simbiose curiosa e que empresta um ambiente peculiar, algo cosmopolita, a este restaurante onde as entradas - queijinhos frescos; espargos salteados; cenouras marinadas; fumados com puré de maçã; presunto ou espinafres com camarão - combinam tradição e contemporaneidade, graças a um toque diferenciador.

As propostas diárias deste restaurante, que vai já na segunda geração, podem incluir bacalhau à Sem Fim com saladinha da horta e lúcio perca frito com migas de poejo. A ementa é, no entanto, quase tão vasta, quanto a imensidão dos campos que bordejam o lado artificial de Alqueva.

Na lista figura a muito alentejana açorda de alho com bacalhau e ovo escalfado e, no mesmo capítulo – açordas – estão englobadas as tradicionais sopas de cação, de beldroegas, de espinafres com bacalhau e de tomate.

Entre os pratos de peixe, referem-se o bacalhau de azeite alhado; polvo salteado com batatinhas novas; filetes de pescada com migas de espinafres; cação frito com migas de ovas e filetes de sardinha acompanhados com migas de coentros.

Nos dias de calor mais intenso, não falta o refrescante gaspacho com pataniscas, uma alternativa menos calórica.

A sopa da panela não podia faltar neste cardápio alentejano, emparceirando com a açorda de alho com bacalhau. Mas há mais sopas tradicionais: de tomate com ovos; de beldroegas e de cação.

Nas carnes, destaca-se o borrego assado no forno com canela, mas há outras propostas: porco no forno com puré de maçã; poejada de coelho; costeletas de borreguinho com batatinhas de rebolão; trouxas de carne com molho de cogumelos; ensopado de borrego e grelhados no carvão com migas de espinafres.

Para saída em beleza, a icónica sericá com ameixa de Elvas, que, todavia, não esgota a oferta doceira: farófias; migas doces; arroz doce e bolo de requeijão.

Boa garrafeira, com os vinhos alentejanos em maioria, neste restaurante em que alguns pratos da cozinha tradicional alentejana surgem, de algum modo, recriados. Para saborear a olhar Monsaraz e onde apetece estar tempo Sem Fim.

D.R.



CRÓNICA

JOÃO MÁRIO CALDEIRA

O GUADIANA

O Guadiana foi a aorta do Alentejo, o vaso maior. Transportava no seu curso, como sangue, a magia da água, bem precioso em terra precisada. Desde que entrava em Portugal, vindo de Espanha, até lançar-se no Pulo do Lobo, o Guadiana parecia não correr como se quisesse ficar para sempre no Alentejo. As populações das suas margens limitavam-se a vê-lo passar aguardando solução para sumiço de tanta água. Sem lhe poderem valer só lhe restava, de coração partido, dedicar-lhe a moda que se canta em Serpa: rio Guadiana querido, saudades do meu olhar, quem me dera ir contigo, nas ondas que vão pró mar. Entretanto ele lá ia, ronheiro e mole, cumprindo a sina de rio cansado de se perder. Com a descrença habitual, os alentejanos sonharam com uma barreira que o conservasse junto deles. Para sempre. Um contraforte levantado à medida da sua fortaleza. Desde que o sonharam até lhe fazerem a vontade decorreu uma vida! Não se importaram. Aprenderam a esperar com as desilusões. Ao fim de estudos e mais estudos, sempre para empatar, foi escolhido o local da barragem. Os naturais continuaram a aguardar. Entretanto, um mais decidido, tirou-se de seus cuidados, pegou num pincel com cal e escreveu no sítio aprazado a frase que correu mundo: Construam-me, porra!... Os técnicos, a mandado dos políticos, decidiram-se e levantaram o grande paredão de Alqueva. Só que a maioria da população continuou tão surpresa quanto antes: - Que irão fazer depois de nos aprisionarem o rio? A jusante da grande barreira em cimento armado, as pessoas alvorçaram-se, temendo perdê-lo para sempre. Para as animar os especialistas abriram uma gateira na parede gigantesca mas já não deixaram passar o Guadiana inteiro, só uma coisa a que chamaram caudal ecológico que pelos vistos também corre. De grande rio do Sul, o Guadiana, passou a uma designação apadri-

nhada por engenheiros. As pessoas não compreenderam logo, mas acalmaram-se! Mesmo domesticado, os mais velhos continuaram a chamar-lhe "a Gudiana", no feminino e com a mesma delicadeza e amor. O que são os tempos! Ainda não há muito, às portas de Serpa o grande rio moía trigo fazendo girar mós de azenhas tão velhas como os homens. Hoje passa envergonhado deixando correr as mágoas da sua inutilidade pelas carcaças esventradas desses moinhos de corrente! Nem o caneiro armado à saída do açude pode já prender os peixes que ajudavam a subsistência do moleiro! Mas, apesar de crismado por gente que mal o conhece, persiste em deslizar de mansinho nos arredores de Serpa, dando de beber a uma vasta flora silvestre: silvas, saíssonos, loendros e tamujeiras, ávidos de água, freixos, faias, vimeiros e choupos, à procura da humidade que resume nas suas margens, o junco, o buinho e a junça nos recantos mais húmidos da corrente. Iguualmente um grande número de bichos continua, de uma forma ou de outra, a dele depender. Libélulas, sapos, rãs, cobras de água e salamandras, ratos de água e lontras, patos, garças-reais e guarda-rios não se inibem de o acompanhar no seu recolhido percurso. Mau grado alguma poluição que se concentra nas suas águas, a fauna piscícola permanece. Daí haver gente que munida de tarrafas e tresmalhos dela se aproveita pescando em pequenos barcos sem quilha. Nas malhas desses enganços se enredam barbos, pardelhas, bogas e bordalos, proporcionando o caldo de peixe a que os naturais lambem os beiços saboreando-o primavera adiantada nas margens do rio sob a sombra da azinheira. Os peixes são escamados meio vivos, assim que despejados na margem. O corpo pacientemente retalhado em cortes transversais para não se dar pelas espinhas. Depois de amanhados, arrepiam-nos levemente

com sal e deixam-nos repousar, resguardados das moscas que são mais bastas que balanco em seara logo que aperta o calor. Num lume de rama de azinho aceso entre três pedras, colocam o tacho de ferro de duas asas onde previamente migaram alho, cebola, tomate, hortelã da ribeira e poejos, pimenta preta moída, uma pitada de colorau, um punhadinho de sal grosso e azeite quanto baste. Se o têm à mão juntam aos temperos o cebolinho do rio, condimento igualmente relevante para alguns. É tempo de espertar no azeite as ervas, os legumes e as especiarias, acrescentando depois água que abonde e deixando o conteúdo ferver em lume brando. A seu tempo lançam-lhe para dentro o produto retalhado retirando-o sem demora e tornando a polvilhá-lo com sal para não amolecer. É com ele, o rei da festa, que acompanham as sopas de pão embebidas pelo caldo. Entre os comensais, a expectativa cresce e a sensibilidade aumenta com o ar do campo. Morrem-lhes os olhos no peixe rescendente enquanto salivam o tempo. Bem podem os pássaros cantar!... O grande obstáculo do Pulo do Lobo, impede que peixes mais nobres apareçam a montante. A lampreia e a saboga ainda se aventuraram até Serpa aquando das grandes cheias de meados do século passado, aproveitando a subida do caudal do rio. Há uma eternidade que não visitam as águas próximas da velha urbe nem que fosse para matar saudades aos moradores, mas o futuro já não consente. O Guadiana deixou de ser senhor de si, correndo a mandado de computador. Engolindo em seco, há cada vez mais gente a concordar com a disciplina imposta ao rio mesmo aqueles que tiveram que buscar nova Luz numa aldeia fabricada fugindo ao charco imenso em que o rio se transformou acima do paredão. Os tempos não estão para brincadeiras e as saudades, pouco a pouco, vão perdendo a validade.



NADA MAIS HAVENDO A ACRESCENTAR...

VÍTOR ENCARNÇÃO

A morte é caprichosa A morte devia respeitar o princípio da cronologia, à morte não devia ser concedido o direito de ser anacrónica, arbitraria, juíza em causa própria, não devia poder tomar para si as vidas que lhe apetece, quando lhe apetece. Mesmo sabendo nós que ninguém cá fica, as partidas não seriam tão dolorosas, tão incompreensíveis, tão injustas, e a vida e a morte, o princípio e o fim, e tudo o que está entre os dois, seriam mais razoáveis, seriam mais fáceis de perceber. Se a hora da nossa morte não fosse tão incerta, cada um de nós sabia que não morreria enquanto os mais velhos não morressem. E quando eles partissem, depois de terem vivido o tempo que lhes coube, a geração seguinte preparava-se para

viver a derradeira etapa. Assim é que deveria ser se a morte não fosse tão caprichosa. Dentro de cada comunidade, a falta que se sente de quem morre é uma coisa mais comunitária, mais próxima, menos urbana, quanto menor é a terra, maior é a noção de perda. Já que existe um fim ao qual não se escapa, era justo que ninguém morresse antes de ter vivido tudo, era correto que nunca os mais novos partissem antes dos mais antigos, nenhuma pessoa que viveu pouco partisse antes de outra que já viveu muito, nenhum filho antes dos pais, nenhum aluno antes do seu professor. Para um professor, para alguém que ensina a raiz da existência, um seu antigo aluno será sempre uma eterna criança a sorrir.

QUADRO DE HONRA JOSÉ LÚCIO, 62 ANOS, NATURAL DE ORIOLA, PORTEL



José Lúcio é desembargador no Tribunal da Relação de Évora. Exerceu funções de juiz em Portalegre, Moita, Mogadouro, Torres Novas, Porto e Évora. Foi juiz presidente da Comarca de Beja entre junho de 2014 e dezembro de 2020.

“O Alentejo está longe das prioridades dos centros de decisão”

“Crónicas do Lidador”, de José Lúcio, um livro que reflete sobre a problemática da justiça

“Crónicas do Lidador” é o título do livro que o juiz José Lúcio publicou recentemente. O “Diário do Alentejo” falou com o autor.

Como nos apresenta este livro?

Trata-se de um conjunto de textos relacionados com a problemática da justiça e da sua comunicação com a sociedade. Explicam-se por circunstâncias pessoais, concretamente o exercício do cargo de juiz presidente da Comarca de Beja e, nessa medida, visavam, primordialmente, as gentes ligadas à administração da Justiça, mas tive sempre a preocupação de serem compreensíveis pelo cidadão comum.

Quais os estímulos que estão na génese desta obra?

Ao cessar as funções de juiz presidente da Comarca de Beja, pensei que devia fazer a recolha desses escritos, que doutra forma se perderiam. Quis deixar documentada uma ação em que investi muito de mim. Quis registar uma atuação que foi guiada por um pensamento, talvez ingénuo, que no essencial manteve. Por outro lado, pensei que o que ali

está escrito pudesse ter interesse, ser útil, para outros.

Durante o tempo que esteve à frente da Comarca de Beja foi crítico, relativamente às instalações provisórias dos tribunais que constituem a comarca e à não concretização do novo palácio da justiça anunciado pelo Governo, em 2016. O que revela a morosidade deste projeto?

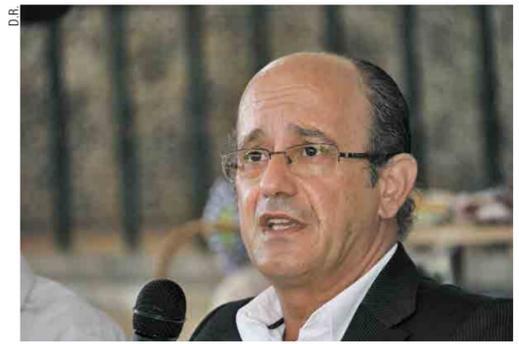
Revela, fundamentalmente, a notória secundarização da justiça e do Alentejo ao nível dos decisores políticos. Os seis ou sete milhões necessários são uma bagatela quando comparados com as centenas de milhões de euros gastos a propósito das mais intrigantes causas. Não deve haver outro caso em que o poder local tenha empenhado tanto de seu para viabilizar um projeto da responsabilidade da administração central. Situação semelhante só conheço em Portalegre, com o palácio da justiça em obra parada desde 2014 e tudo a funcionar em instalações provisórias. A similitude não é um acaso: o Alentejo, esvaziado de gente e, consequentemente, sem peso político, está longe das prioridades dos centros de decisão.

Como descreveria Beja, a quem não conhece a cidade?

Durante quase sete anos, procurei conhecer a cidade e o distrito – a comarca coincide com o distrito. Se estivesse a falar, com alguém da minha confiança, a propósito de Beja, ou de Moura ou de Serpa, ou de Mértola, ou de qualquer outro dos concelhos, diria que os fossem conhecer e que não deixariam de gostar. Mas não conseguiria disfarçar a apreensão e a mágoa: o que temos merece-nos tudo, mas não podemos fechar os olhos perante o vírus da estagnação e do imobilismo. Falta gente e onde falta gente tende a faltar muita coisa.

O que levou destes seis anos, em Beja?

Foi uma fase gratificante da vida. Sinto que só fiz amigos, o que é notável. Profissionalmente foi uma experiência interessante, que me permite ter uma visão muito mais abrangente dos problemas da justiça e um conhecimento mais profundo do Alentejo. Continuo tão presente como posso e trago comigo um imenso carinho e uma plena identificação com as pessoas, que sinto como a minha gente. JOSÉ SERRANO



JORGE PULIDO VALENTE CANDIDATO À CÂMARA DE MÉRTOLA

O antigo presidente da Câmara de Mértola Jorge Pulido Valente, de 65 anos, vai ser candidato à presidência deste município por um movimento independente nas próximas eleições autárquicas. Pulido Valente foi o primeiro socialista a liderar a câmara municipal deste concelho do distrito de Beja, entre 2001 e 2008, sendo agora cabeça de lista pelo movimento “Unidos Por Mértola e Pelas Pessoas”. O movimento revelou que a sua candidatura terá como lema “Retomar o Rumo Certo com os Olhos no Futuro”, contando com o apoio dos partidos Nós Cidadãos e RIR – Reagir Incluir Reciclar.

ALJUSTREL CANCELA FEIRA DO CAMPO ALENTEJANO

A Câmara de Aljustrel decidiu cancelar a XX edição da Feira do Campo Alentejano, que estava agendada para o primeiro fim de semana de setembro, e que, este ano, englobava também o Festicante. Segundo a autarquia, “não se encontram reunidas as melhores condições para a realização de um evento do género” devido à pandemia de covid-19, “até porque um certame desta grandeza exige uma preparação antecipada, que envolve o esforço de muitos trabalhadores e a abertura de procedimentos de contratação pública”.

SISTEMAS FOTOVOLTAICOS FLUTUANTES EM ‘WEBINAR’

Os sistemas fotovoltaicos flutuantes são o tema de um ‘webinar’ que vai decorrer esta sexta-feira, dia 9, promovido pela Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva (EDIA). O evento realiza-se a partir das 10:00 horas e será transmitido a partir da central fotovoltaica flutuante de Cuba (este). A EDIA “foi pioneira em Portugal na instalação de centrais fotovoltaicas flutuantes” e, agora, prepara-se “para lançar um ambicioso projeto de autoconsumo com base nesta tecnologia”, refere a empresa.

TEMPERATURAS PODEM CHEGAR AOS 40 GRAUS NO ALENTEJO

As temperaturas máximas vão subir de forma gradual, podendo chegar aos 40 graus no Alentejo durante o dia de amanhã, 10 de julho. Ainda assim, a meteorologista Patrícia Marques explicou que as temperaturas “vão subir bastante”, mas não está prevista uma onda de calor, uma vez que na segunda-feira começam a baixar. “Pontualmente poderá haver sítios no interior do Alentejo que passem dos 40 graus, mas espera-se que Beja chegue aos 39 graus”, acrescentou Patrícia Marques, segundo a qual, até agora, os meses de junho e julho “têm estado relativamente amenos e abaixo das temperaturas normais para a época”.

DE QUARTA 7 A DOMINGO 18 JULHO

CONHEÇA AS NOSSAS SOLUÇÕES DE VENTILAÇÃO

VENTOINHA DE CHÃO 49€⁹⁹

VENTOINHA DE PÉ 22€⁹⁹

AR CONDICIONADO PORTÁTIL 399€

BRICO MARCHÉ
BEJA